



cadernos
VIDA CRISTÃ

Muito humanos, muito divinos

Um mapa espiritual
para o crescimento nas
virtudes cristãs

JAVIER YÁNIZ FERNÁNDEZ (ed.)

Javier Yániz Fernández (ed.)

MUITO HUMANOS, MUITO DIVINOS

UM MAPA ESPIRITUAL PARA O CRESCIMENTO NAS VIRTUDES CRISTÃS

www.opusdei.org

Índice

- Apresentação
- Jesus, que devemos fazer? A vida da graça
- O caminho está no nosso interior. Fé, esperança e caridade
- Procurar os sentimentos de Cristo. Afetividade e crescimento interior
- O habitat das virtudes: nós mesmos. A vida relacional
- Para poder ser amigos. Virtudes da convivência
- Até executar o que foi decidido. Prudência
- Nosso trabalho, fermento de Deus. Virtudes do trabalho
- A batalha de nossa formação. Acolher a novidade cristã
- O dom de olhar com Deus. Virtudes para a contemplação
- Seguir-te-ei para onde quer que fores. Fortaleza
- Quando o mundo nos fala. Temperança
- O que realmente conta. Pobreza de espírito

- Com todo o coração. Castidade
- Para dar luz, palavras verdadeiras. Sinceridade
- Para ver claramente o caminho. Simplicidade
- Nas coisas do meu Pai. Obediência
- A delicada força da confiança
- Liberdade interior, ou a alegria de ser quem você é
- Para dar o melhor de si mesmo
- É justo e necessário. Justiça (1)
- O reino de Deus e sua justiça. Justiça (2)

Apresentação

O livro que está em mãos é um convite para reconciliar que há de mais profundo em sua humanidade com o que há de mais elevado em sua vocação divina. Os desejos de plenitude, de justiça, de amor verdadeiro, que pulsam em seu coração, não são ilusões ingênuas, pois foram colocados por Deus. A santidade para a qual o Senhor o criou quer florescer no cotidiano, em suas ações, relações e buscas mais sinceras, sempre em sintonia com uma relação cada vez mais próxima com Ele.

Muito humanos, muito divinos, título da série de artigos publicados em opusdei.org que apresentamos aqui reunidos, faz eco a estas palavras de São Josemaria: “Deus quer-nos muito humanos. Que a cabeça toque o céu, mas que os pés pisem com segurança na terra. O preço de viver como cristão não é deixar de ser homem ou abdicar do esforço de adquirir essas virtudes... O preço de cada cristão é o Sangue redentor de Nosso Senhor, que nos quer — insisto — muito humanos e muito divinos, com o empenho diário de imitá-Lo, que é *perfectus Deus, perfectus homo*”¹.

Cada capítulo deste livro propõe um pequeno passo, desde a interioridade — como a escuta sincera da própria alma ou a contemplação serena do mundo — até o acompanhamento fraterno, a confiança, a pobreza de coração ou a flexibilidade, que também é uma característica fundamental da virtude. Uma soma de gestos cotidianos que, ordenados pelo amor, constituem o verdadeiro caminho da transformação. Um mapa espiritual para nos aproximarmos de Deus, não apenas sem renunciar à nossa humanidade, mas desenvolvendo-a a partir da sintonia com Cristo, o único que revela o homem ao próprio homem².

Algumas das obras de São Josemaria (*Caminho, Sulco, Forja, É Cristo que passa, Amigos de Deus, Santo Rosário, Via Sacra, Entrevistas, Em diálogo com o Senhor, Cartas*) são citadas neste livro apenas com a indicação do autor e do título. As referências bibliográficas podem ser encontradas em www.escriva.org, juntamente com o texto completo em espanhol e traduzido para várias línguas. Quando o título de uma obra é acompanhado da indicação “edição crítico-histórica”, trata-se do volume respectivo das Obras Completas de Josemaria Escrivá, Rialp, Madri.

¹São Josemaria, *Amigos de Deus*, n.75.

²Cfr. Concilio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, n. 22.

[Voltar ao índice](#)

Jesus , que devemos fazer?

Pode parecer estranho que, em determinado momento de suas memórias, Santo Agostinho comece a descrever a influência do “peso” nas coisas físicas que tem ao seu redor. Com o seu conhecimento do século IV, aquele que se tornaria bispo de Hipona observa que há algo que faz com que o fogo sempre vá para cima, enquanto a pedra sempre vem para baixo. Mais tarde, ele percebe que o óleo sempre fica acima da água quando são misturados ou que, de alguma forma, tudo o que está desordenado procura a ordem e aí fica. Santo Agostinho intui que, em todos esses movimentos, as coisas são guiadas pelo seu “peso”. E é então que, com linguagem poética, confessa: “O meu peso é o meu amor, ele leva-me para onde eu for levado” [1]. É uma experiência universal: o que desejamos, o que buscamos, o que queremos é o que nos move. Buscamos sempre a satisfação de um desejo que aspira a ser duradouro. Esse “peso” leva-nos à felicidade, mais ou menos plena, por isso não queremos ser enganados por um simples e fugaz passar bem. Como descobrir aquele amor pelo qual Santo Agostinho se sentiu atraído?

O processo de toda a história

“Que hei de fazer para alcançar a vida eterna?”, perguntou um jovem a Jesus (cf. Lc 18,18). É uma passagem da Escritura diante da qual guardamos um silêncio expectante, porque levanta uma questão que envolve a todos nós. O que responderá aquele que é Deus e Homem? No entanto, pouco antes da sua pergunta, o jovem tinha usado uma frase em que o Senhor detectou algo estranho: dirigiu-se a Jesus chamando-O “bom mestre”. A resposta pode parecer um pouco contundente: “Ninguém é bom senão Deus” (Lc 18,19). O Senhor tinha percebido, não sabemos como, que certamente o jovem procurava *algo mais* em sua vida, mas que realmente pensou que lhe seria dado por um bem criado, algo que poderia controlar, algo a que pudesse se segurar aqui na terra.

Portanto, embora na pergunta seguinte, Jesus se certifique de que o jovem está se esforçando para cumprir a lei de Deus, quer ir mais longe, quer que o jovem rompa definitivamente com a secreta complacência que há neste cumprimento e com os ídolos da prosperidade humana: “Uma coisa ainda te falta: vende tudo o que tens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois vem e segue-me” (Lc 18,22). Nesta cena observamos o chamado do Senhor, a seguir intuímos a batalha interior do jovem, até concluir com a sua triste retirada. Jesus pode ter sonhado com um grande discípulo, mas o jovem voltou ao conforto da sua casa, à sua riqueza e aos seus conhecidos.

Essa grande felicidade almejada pelo jovem não está imediatamente ao nosso alcance. Não a podemos administrar ou dominar. Somente podemos recebê-la abandonando-nos em Deus. São João Paulo II diz que “se só Deus é o Bem, nenhum

esforço humano, nem sequer a observância mais rigorosa dos mandamentos, consegue ‘cumprir’ a Lei, isto é, reconhecer o Senhor como Deus e prestar-Lhe a adoração que só a Ele é devida (cf. Mt 4, 10). *O ‘cumprimento’ pode vir apenas de um dom de Deus*”[2]. Por isso, talvez seja necessária, acima de tudo, paciência, saber esperar ativamente.

O amor cristão não é um clarão momentâneo – embora também possa existir – mas uma história de amor, e todas as histórias têm o seu processo.

“Normalmente, a graça segue as suas horas, e não gosta de violências...”[3]. Talvez o jovem procure a satisfação imediata do seu desejo, fica impaciente, não percebe que o amor de Deus, como o grão semeado, precisa de tempo para crescer junto a Cristo. No entanto, vemos no Evangelho como Jesus preparou os Seus aos poucos, sem pressa, mas também sem pausas. Do cárcere, São João Batista, talvez um pouco impaciente, mandou perguntar a Cristo através dos seus discípulos: “És tu aquele que há de vir ou devemos esperar outro?” (Lc 7,20). Pode parecer-nos, às vezes, que Jesus não tem suficiente pressa, e ficamos impacientes por ser bons da noite para o dia.

Para formar um desejo firme

Sabemos que os discípulos – como todo o mundo – precisavam de tempo porque, como o jovem rico, primeiro tinham que purificar as vãs imaginações que tinham forjado: a tentação do sucesso, do prestígio, da glória humana, da vida confortável. Precisavam compreender coisas importantes como a determinação de “orar sempre, sem nunca desistir” (Lc 18,1) ou aprender a perdoar “setenta vezes sete” (Mt 18,22). Mas, quando o Senhor viu que os apóstolos já tinham uma preparação mínima, depois de ter rezado a noite toda, mandou-os um a um (cf. Mt 10,1-5; Lc 6,12). Isso não significa que o caminho formativo dos discípulos já tivesse terminado, longe disso. São Josemaria repetiu muitas vezes que a formação de um apóstolo nunca termina. Era evidente que, em muitos, o chamado de Deus não tinha penetrado profundamente: houve os que perderam o interesse pela Sua doutrina, “o abandonaram e não mais andavam com ele” (Jo 6,66), ou os que abandonaram Jesus mesmo durante a Sua prova final. Em suma, os desejos ainda não eram firmes, estáveis, disciplinados.

Pouco a pouco, com paciência divina, Deus se aproxima do nosso coração, chama-nos e envia-nos a comunicar o Evangelho a todos os homens. Faz isso através de momentos de meditação pessoal, de adoração eucarística, de orações vocais em que usamos as palavras que a Igreja nos propõe e também através da contemplação contínua ao longo do dia. Descobrimos a intimidade com Ele, saboreamos a Sua amizade, o Seu olhar, a Sua firmeza, a Sua compreensão... Deus também nos prepara através das contradições, um processo consciente e não automático com o qual vamos, pouco a pouco, quebrando os nossos ídolos, pequenos e grandes, internos e externos, para abrir mais espaço para Jesus na nossa alma. Aproxima-se do nosso coração, enfim, através do trabalho contínuo que preenche o nosso dia: “Meu Pai trabalha sempre, e eu também trabalho” (Jo 5,17). Ele, que colocou nos nossos corações o desejo de bem – o “peso” que guiou Santo Agostinho – será quem realizará esse desejo.

A harmonia dos bens

Ao longo da vida, muitas vezes erramos em busca de bens efêmeros que não preenchem o coração, bens aparentes que não nos levam a Deus, fonte de todo o bem. Recordando a preocupação do jovem rico sobre o que se deve *fazer* para chegar ao céu, São João Paulo II destaca que “só Deus pode responder à questão sobre o bem, porque ele é o Bem. *Interrogar-se sobre o bem, com efeito, significa dirigir-se em última análise a Deus, plenitude da bondade. Jesus mostra que a pergunta do jovem é, na verdade, uma pergunta religiosa, e que a bondade que atrai e simultaneamente vincula o homem, tem a sua fonte em Deus, mais, é o próprio Deus*”[4].

Jesus, quando muitos o abandonaram, perguntou aos doze se eles também iam embora. Pedro responde: “A quem iremos nós, Senhor? (...). Tu é que és o Santo de Deus” (Jo 6,68-69). Nesse chamado de amor, descobriram o sentido último da sua vida: o Reino de Deus, a vida eterna, o céu. Pedro descobriu o que Santa Teresa de Ávila diria mais tarde: “Só Deus basta”[5]. Encontrou o tesouro escondido. É então que os outros desejos encontram um lugar harmonioso, medido e razoável no seu coração; é então que os bens aos quais esses desejos se referem formam um conjunto ordenado. Não é preciso fugir deles, mas não o dominam. Quem encontra Deus acima de todos os outros bens sente-se ágil, desapegado, livre para levar a força do Evangelho a todas as criaturas. Precisamente, a possibilidade de não o fazer “compõe o claro-escuro da liberdade humana. O Senhor convida-nos, incita-nos – porque nos ama profundamente! – a escolher o bem”[6].

São Josemaria animava-nos a amar o mundo apaixonadamente, não porque o mundo criado seja um absoluto, mas porque é o primeiro dom de Deus, a primeira fonte dos desejos que nascem no coração do homem. No entanto, esses desejos pedem ser ampliados pelo amor que nos leva a dar sentido a todas as nossas tarefas. Este grande desejo divino dá unidade a toda a nossa existência, não elimina os desejos humanos – de companhia, de futuro, de projetos – mas os purifica e os reúne no apelo à intimidade com Deus.

Santo Agostinho observava que as virtudes morais, ao conduzirem-nos à felicidade, se identificam efetivamente com o amor de Deus. Todos os nossos esforços para adquirir tranquilidade e gosto pelo bem são sempre esforços para amar. Por isso, o bispo de Hipona definia cada uma das virtudes a serviço desse amor: a temperança é o amor que permanece incorruptível, a fortaleza é o amor que tudo sustenta, a justiça é o amor que não se desvia e a prudência é o amor que discerne como amar mais[7].

Esse caminho para encontrar a harmonia dos nossos desejos consolida-se ao longo da vida, pois é sempre uma história. Muitas vezes temos pressa, tomamos decisões precipitadas, buscamos a gratificação imediata..., mas essa não é uma boa lógica para seguir este caminho. Em inglês, às vezes diz-se que alguém “se apaixonou”, *falls in love*, como algo que acontece de repente. Mesmo que às vezes esse fulgor exista, não será assim até o fim. Pode ser surpreendente que Maria

tenha respondido tão rapidamente ao anjo quando lhe foi anunciado que seria a mãe do Messias; como se de repente tivesse descoberto todo o amor divino. Mas, na realidade, Deus trabalhou na alma da nossa Mãe desde a sua Imaculada Conceição e ao longo de toda a sua vida, que foi, desde o início, uma história de amor.

Paul O'Callaghan

[1] Santo Agostinho, *Confissões*, livro 13, cap. 9

[2] São João Paulo II, encíclica *Veritatis Splendor*, n. 11.

[3] São Josemaria, *Sulco*, n. 668.

[4] São João Paulo II, encíclica *Veritatis Splendor*, n. 9

[5] Santa Teresa de Jesus, fragmento de um autógrafo encontrado no seu livro de orações.

[6] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 24

[7] Cf. Santo Agostinho, *Sobre os costumes da Igreja Católica e dos maniqueus*, I, 15, 25.

[Voltar ao índice](#)

O caminho está no nosso interior. Fé, esperança e caridade

Uma busca constante de Deus. Assim foi a vida de Santo Agostinho: uma busca apaixonada, que nem sempre encontrou os caminhos que o levavam verdadeiramente a Ele. Na juventude, foi fortemente influenciado pelo seu interesse pela literatura e pela admiração que as suas capacidades retóricas suscitaram nos outros. Às vezes, os impulsos levaram-no a afastar-se, e, até mesmo a adotar formas de pensar que eram diametralmente opostos à fé cristã. No entanto, a busca da verdade e a leitura da Sagrada Escritura aproximaram-no gradualmente do cristianismo. Talvez com este processo em mente, e conhecendo muitas pessoas sábias com quem partilhava inquietações, mas que não chegaram a Cristo, Santo Agostinho escreveu que por mais que uma pessoa alcance muitos raciocínios adequados, “nem todos encontram o caminho. Os sábios do mundo compreendem que Deus é uma vida eterna, imutável, mas veem-no de longe (...). O Filho de Deus que é a Verdade e a Vida junto ao Pai, fez-se caminho ao assumir a natureza humana. Caminha contemplando a sua humanidade e chegarás até Deus”[1].

Chegamos a Deus através de Cristo

Talvez não seja difícil sentir que é Deus quem procuramos, que é Ele que nos espera no final da viagem. Acontece o mesmo com a origem: identificamos dentro de nós um impulso, e suspeitamos que vem d'Ele. Contudo, pode ser mais complicado experimentar que Deus é também o caminho: chega-se a Deus através d'Ele. E é precisamente para podermos percorrer esse caminho que enviou o seu próprio Filho ao mundo; podemos não só ouvi-Lo, olhá-Lo ou tocá-Lo, mas também participar na sua vida. Jesus “não se limitou a mostrar-nos o caminho para encontrar Deus, isto é, um caminho que poderemos percorrer por nós mesmos, obedecendo às suas palavras e imitando o seu exemplo. Cristo, todavia, para abrir-nos a porta da libertação, tornou-se Ele mesmo o caminho: ‘Eu sou o caminho’ (Jo 14,6)”[2].

A liturgia da Santa Missa confirma-o quando, no final da oração eucarística, o sacerdote proclama, elevando o Pão e o Vinho: “Por Cristo, com Ele e em Cristo...”. Só podemos chegar a Deus *por* Cristo, *com* Cristo e *em* Cristo. A sua pessoa é o caminho pelo qual devemos prosseguir, a verdade pela qual podemos alcançar o objetivo e a vida em que podemos viver a nossa própria vida. É por isso que, desde aquela primeira vez no Cenáculo, cada celebração da Eucaristia culmina na comunhão com o corpo de Jesus: Deus torna-se alimento para o caminho, o caminho que é Ele mesmo.

Caminhar por este *trilho* torna possível a plenitude da vida. “A fé nasce do encontro com o Deus vivo que nos chama (...). Aparece como uma luz no percurso, que orienta o nosso caminho através do tempo” [3]. São Josemaria saboreava de forma especial a certeza de ter encontrado o mesmo Jesus dos Evangelhos: “Jesus é o caminho. Ele deixou sobre este mundo as pegadas límpidas dos seus passos (...). Quanto gosto de recordá-lo: Jesus Cristo, o mesmo que foi ontem para os Apóstolos e para as multidões que o procuravam, vive hoje para nós” [4].

Três feixes de luz

O quarto Evangelho diz-nos de João Batista que “veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos acreditassem por meio dele. Ele não era a luz, mas a testemunha da luz” (Jo 1,6-8). Aquela luz da qual João deu testemunho também quer manifestar-se em cada batizado. De fato, se Cristo, como proclamamos numa das versões do Credo, é “Luz da Luz”, também se pode dizer que os cristãos que o recebem e “acreditam no seu nome” (Jo 1,12) são ao mesmo tempo, luz dessa Luz. Portanto, quando pedimos a Deus *luz para ver*, estamos ao mesmo tempo pedindo para sermos, como o Batista, testemunhas da Luz no mundo.

Não é suficiente termos o lampejo de luz que nos permitiu partir na nossa viagem; nem é suficiente termos aquele brilho que, projetado nas profundezas da vida, nos permite orientar-nos. Precisamos de uma luz que nos acompanhe a partir do interior. Necessitamos de uma força que vivifique a nossa própria força. E este é o papel desempenhado na nossa alma pelas virtudes teológicas: fé, esperança e caridade, que são como três feixes de luz, como as três cores primárias da vida de Deus em nós. Estas três virtudes, de fato, “adaptam as faculdades do homem para que possa participar da natureza divina” [5]; com elas “nosso Senhor faz-nos seus, endeusa-nos” [6].

Fé, esperança e caridade correspondem, em certo sentido, “às três dimensões do tempo: a obediência da fé aceita a palavra que vem da eternidade, e, promulgada na história, transforma-se em amor, em presente, e assim abre a porta da esperança” [7]. A fé precede-nos: diz-nos de onde viemos, mas também para onde vamos; não é apenas uma memória, mas uma luz que ilumina o futuro: abre-nos à esperança, projeta-nos para a vida. E, no centro do fio estendido entre estes dois polos, desdobra-se a caridade, que se conjuga sempre no tempo presente. Com a força da fé e a confiança da esperança, podemos dizer a nós mesmos: aqui e agora, nesta pessoa, nesta situação, eu posso ser, com todas as minhas limitações, a luz de Deus, o amor de Deus.

A novidade vem da convivência com Ele

“O mundo encontra-se em grande necessidade, meus filhos”, dizia numa ocasião São Josemaria, “porque milhões e milhões de almas não conhecem Deus, ainda não viram a luz do Redentor. Cada um de vós deve ser, como nosso Senhor quer que sejamos, *quasi lucernæ lucenti in caliginoso loco*, como um farol aceso no meio das trevas” [8].

A luz que acende este farol tem duas fontes. A primeira pertence-nos pelo simples fato de termos sido criados à imagem e semelhança de Deus. Esta fonte nunca nos deixa e manifesta-se na nossa capacidade de compreender o que é verdadeiro, na nossa inclinação para querer o que é bom e, ainda mais profundamente, na nossa dignidade por ter vindo da mão de um Criador sumamente inteligente, amoroso e livre, e não do acaso cego. A esta fonte de luz se acrescenta a torrente da nossa “regeneração operada no Batismo, que faz que todo o cristão tenha, ontologicamente, uma nova vida que palpita em seu interior”[9]. Este sacramento cura a ferida do pecado que herdamos dos nossos pais e torna-nos mais capazes de iluminar o nosso entorno.

Estas duas grandes fontes – o nosso ser criado à imagem de Deus e o nosso Batismo – impelem-nos a refletir a luz de Deus. Quando um mestre da lei, escondido dos outros, se aproximou de Jesus para lhe perguntar como viver realmente perto de Deus, ele respondeu: “quem pratica a verdade se aproxima da luz” (Jo 3,21). As nossas ações, levadas pela misericórdia de Deus, também geram luz se nos deixarmos mover pela nossa bondade e pela Sua graça, se nos despojarmos do que nos leva a mover-nos, por vezes, na direção oposta. Esta familiaridade com a luz de Deus, esta facilidade em optar pelos seus bens maiores do que pelos outros bens aparentes, transforma-se gradualmente numa “conaturalidade entre o homem e o verdadeiro bem. Esta conaturalidade fundamenta-se e desenvolve-se nas atitudes virtuosas do próprio homem: a prudência e as outras virtudes cardeais, e em primeiro lugar as virtudes teológicas da fé, esperança e caridade”[10].

A identificação com Jesus Cristo consiste no desenvolvimento, pela graça e pelo acolhimento que lhe damos em nossa alma, daquela conaturalidade cada vez maior com Ele, para que possamos vir a ter os seus mesmos sentimentos (cf. Fil 2,5), as mesmas atitudes. Quanto mais avançamos na intimidade com Jesus, mais percebemos que procurar a santidade não consiste principalmente em lutar para atingir o auge de um certo padrão moral, mas sim num caminho confiante com Deus, pelo qual sentimos com ele, sofremos com ele, vibramos com ele. Que bem ilustrou São Josemaria: “Em momentos de esgotamento, de fastio, recorre confiadamente ao Senhor, dizendo-Lhe, como aquele amigo nosso: “Jesus, vê lá o que fazes...; antes de começar a luta, já estou cansado”[11]. Esta é a responsabilidade do cristão: responder *com Ele*. “Jesus, estou aqui. Contigo. Você verá o que faz...”.

A vida cristã, entendida desta forma, não consiste em aceitar um sistema de ideias, mas em confiar numa pessoa: em Cristo. Foi assim que tantos homens e mulheres ao longo da história o viveram. Hoje em dia não temos outra mensagem ou outros meios. Como eles, temos a tarefa de iluminar o mundo a partir de dentro, como os escritos dos primeiros séculos o descreveram graficamente: “assim como a alma está no corpo, assim os cristãos estão no mundo (...). Tal é o posto que Deus lhes determinou, e não lhes é lícito dele desertar”[12]. Ser alma do mundo: esse é o nosso caminho, e o caminho está dentro de nós. É Jesus Cristo, que quer que sejamos, como Ele, muito humanos e muito divinos.

Charles Ayxela

-
- [1] Santo Agostinho, Sermão 141, n. 1;4.
- [2] Congregação para a Doutrina da Fé, carta *Placuit Deo*, n. 11.
- [3] Francisco, *Lumen Fidei*, n. 4.
- [4] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 127.
- [5] Catecismo da Igreja Católica, n. 1812.
- [6] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 98.
- [7] J. Ratzinger, *Communio. Un programa teológico y eclesial*, Encuentro, Barcelona 2013, p. 303.
- [8] São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 2 de junho de 1974.
- [9] Mons. Fernando Ocáriz, “A vocação do Opus Dei como vocação na Igreja”, in *O Opus Dei na Igreja*, Ed. Rei dos Livros, Lisboa 1994, p. 169.
- [10] São João Paulo II, Encíclica *Veritatis Splendor*, n. 64.
- [11] São Josemaria, *Forja*, n. 244.
- [12] *Carta a Diogneto*, VI.

[Voltar ao índice](#)

Procurar os sentimentos de Cristo. Afetividade e crescimento interior

Já tinham disparado várias perguntas com a intenção de fazer com que Jesus tropeçasse em seu discurso. O Senhor respondia uma por uma, sem perder a paciência. No final, um escriba se manifesta, surpreendido por tudo o que ouviu. Admirado pelo ensinamento do Mestre, apresenta uma dúvida que o inquietava há muito tempo: O que é o mais importante na vida? Ele, que estava acostumado a cumprir minuciosamente até as menores prescrições, às vezes ficava confuso: não conseguia saber o que era o essencial de tudo o que fazia. Assim, lança a sua pergunta: “Qual é o primeiro de todos os mandamentos?” (Mc 12,28). Jesus quer descomplicar o interior desse homem, que procura sinceramente ser feliz e faz uso de algumas palavras da Escritura que lembram a linguagem dos apaixonados: “amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu espírito e com todas as tuas forças” (Mc 12,30).

Jesus quer fazer-nos entender que a vida daqueles que creem em Deus “não pode ser reduzida a uma obediência ansiosa e forçada, mas deve ter o amor como princípio”[1]. Amar com coração, mente, alma e forças. Mas como conseguir isso? São Paulo mostrava o caminho aos filipenses: “Tende entre vós os mesmos sentimentos de Cristo” (Filip 2,5). Sentir e reagir diante de tudo – pessoas, acontecimentos, situações – como Jesus. A partir dos sentimentos de Cristo, superamos as divisões interiores que ameaçam a estabilidade do amor. Se, além de seguir os passos e as palavras do Senhor, procuramos *sentir* como Ele, encontraremos aquela simplicidade e felicidade que o escriba desejava.

A importância do mundo interior

O Catecismo da Igreja nos diz que as paixões, os sentimentos, “são componentes naturais do psiquismo humano, constituem o lugar de passagem e garantem a ligação entre a vida sensível e a vida do espírito”[2]. Estão presentes na vida de todos os seres humanos e, portanto, também estiveram na vida de Cristo. Sabemos, de fato, que Jesus chorou diante do sepulcro de seu amigo Lázaro (cf. Jo 11,35) ou que reagiu com firmeza diante dos vendedores que tinham convertido o Templo de Jerusalém em um mercado (cf. Jo 2, 3-17). Também o vemos transbordante de alegria quando vê como os simples acolhem o Evangelho (Mt 11,25).

Para compreender bem este campo de nossa afetividade, em primeiro lugar temos que distinguir entre as nossas *ações*, por um lado, e nossos *sentimentos* ou *paixões*, por outro. Ou, dito de outra forma, entre o que fazemos e o que *nos acontece*. Dizemos que *agimos* quando projetamos e realizamos algo por

iniciativa própria: por exemplo, quando decidimos estudar ou visitar um amigo doente. No entanto, outras vezes podemos ser surpreendidos por uma reação imprevista diante de uma situação: raiva diante de uma palavra que consideramos ofensiva, tristeza pelo falecimento inesperado de uma pessoa querida, ou inveja diante de algo valioso que gostaríamos de ter. Esses fenômenos anímicos que se produzem sem que decidamos por isso são chamados de *sentimentos* ou *paixões*.

Justamente porque os sentimentos não são escolhidos por nós, não constituem nem um mérito nem um pecado. Isso não quer dizer, no entanto, que sejam sempre neutros, já que “recebem qualificação moral na medida em que dependem efetivamente da razão e da vontade”[3]. Ou seja, na medida em que são procurados ativamente ou se consente neles, acolhendo-os. A espontaneidade com que acontecem em nós também não implica que não tenham importância para a vida cristã, porque de fato ocorre o contrário: os sentimentos supõem um juízo preliminar do evento que o causa e sugerem uma linha de conduta posterior. E podemos moldá-los pouco a pouco para que se ajustem cada vez mais ao que desejamos de verdade.

Por exemplo, diante de um acontecimento que nos é apresentado como bom, surge uma paixão como a alegria ou o entusiasmo que, por sua parte, sugere ações como aplaudir a situação ou aproximar-nos de uma pessoa. Por outro lado, diante de um evento que nos é apresentado como mau, surgem paixões como a ira ou a tristeza que sugerem a censura ou o distanciamento. Logicamente, existem ocasiões em que uma situação não deve ser aplaudida, apesar de que o juízo preliminar de nossos sentimentos seja positivo. Ou também haverá ocasiões em que vejamos uma ofensa onde não há, e seria um erro reagir com um comportamento de censura. Pode-se dizer, por isso, que quando as paixões implicam um juízo verdadeiro são uma ajuda para a vida cristã, porque possibilitam fazer o bem de modo espontâneo. Em troca, quando têm como raiz um juízo falso, são um obstáculo.

Obviamente, quem experimenta paixões fundamentadas sobre percepções equivocadas da realidade pode, ainda assim, agir bem, resistindo com esforço a esse sentimento. Mas não podemos ir ladeira acima por toda a vida, lutando continuamente contra os ataques das paixões más, fazendo o que não temos vontade de fazer, ou evitando sempre aquilo para o qual se inclina a nossa afetividade. Uma luta mantida contra os próprios sentimentos pode levar facilmente ao desânimo ou ao esgotamento. Se não conseguimos educar esse mundo interior, no final, fica difícil discernir o que é bom daquilo que é mau, porque nossa mente se obscurece e com frequência cederemos ante os sentimentos tal como chegam, sem ponderá-los.

A educação da afetividade

“Educar é introduzir na vida, e a grandeza da vida é iniciar processos. Ensinem os jovens a iniciar processos e não a ocupar espaços!”[4]. Assim o Papa respondia em uma ocasião a uma professora, em um encontro com a comunidade educativa de um colégio. Essa recomendação vale também para a formação da afetividade, que

não se propõe simplesmente conter as paixões más ou a bloquear certos comportamentos, mas deseja dar forma, pouco a pouco, ao mundo dos sentimentos, para que os movimentos que surjam espontaneamente em nós nos ajudem a fazer o bem de modo rápido e natural. Educar os sentimentos é iniciar um processo que nos levará a acolher melhor a graça de Deus e, assim, a identificar-nos com Jesus. A afetividade ordenada permite que apreciemos fazer o que é bom. Permite que aquilo que fazemos *porque queremos mesmo*, coincida, quase sempre, com o que agrada a Deus.

Para educar os sentimentos é necessário compreendê-los, saber por que eles aparecem. Fomos criados com um inclinação natural ao que é bom para nós: o instinto de sobrevivência, a tendência sexual, o desejo de conhecimento, a necessidade de trabalhar e de ter amigos, a exigência razoável de reconhecimento e respeito por parte de quem nos rodeia, a busca de sentido e de transcendência, etc. Todas essas inclinações naturais são como uma força que sai de nós em busca do que necessitamos. Quando a tendência encontra satisfação, produz-se uma ressonância interior positiva, que é um sentimento: alegria, gratidão, serenidade. Mas quando a tendência se vê frustrada, surge um sentimento negativo: raiva, confusão, pessimismo...

No entanto, há dois fatores que deformam o mundo dos sentimentos e são um obstáculo para que a nossa alma funcione com harmonia. O primeiro é a desordem que o pecado produziu no sistema das tendências: a graça da justificação em Cristo elimina a culpa, mas não nos devolveu imediatamente a integridade dos desejos: trata-se de um caminho a percorrer progressivamente. O segundo fator varia de umas pessoas para outras: em função da educação recebida, do ambiente social e dos pecados pessoais, o organismo de nossas tendências pode continuar se deformando. Para corrigir esta desordem e evitar que surjam sentimentos negativos, teremos que descer até o estrato mais profundo da personalidade e ordená-lo ao bem. E isso se consegue por meio das virtudes.

O que são as virtudes?

No princípio do século XIV, Giotto cobriu de afrescos o interior de uma capela de Pádua que hoje é considerada uma das obras de arte mais importantes do mundo. Nas laterais, cada pintura apresenta uma cena da vida de Jesus e de Maria, desde a Anunciação até a Ascensão. Todas convergem na parede do fundo, que representa o fim dos tempos: a cena do Juízo Final, com os bem-aventurados à direita de Cristo e os condenados à sua esquerda. Mas há algo mais: as paredes laterais, na parte inferior, a zona mais próxima ao espectador, recolhem duas séries de sete imagens que não pertencem propriamente à história da salvação: trata-se de personificações de sete virtudes e sete vícios. Nessa sucessão de imagens, que também se dirigem a um e outro lado do Senhor em majestade, o artista parece ter desejado representar a colaboração humana nessa história divina: nossa possibilidade de facilitar ou de dificultar a obra da graça.

Neste sentido, são Josemaria comentava, há muitas pessoas que “talvez não tenham tido ocasião de ouvir a palavra divina ou talvez a tenham esquecido. Mas as suas disposições são humanamente sinceras, leais, compassivas, honradas. E eu

me atrevo a afirmar que quem reúne essas condições está prestes a ser generoso com Deus, porque as virtudes humanas compõem o fundamento das sobrenaturais” [5].

Mas, o que são as virtudes? Podemos possuí-las como pegamos algo com a mão, vestimos uma roupa ou calçamos um par de sapatos? De certa forma sim: a inteligência e a vontade, que são nossas faculdades espirituais, e também os apetites sensíveis, têm capacidade de possuir. Ainda que não se trate de objetos materiais, são qualidades que, quando se estabilizam, chamam-se hábitos bons ou virtudes. Estas qualidades não são visíveis como as formas e as cores, mas facilmente se percebe a sua presença numa pessoa. Por exemplo, um matemático faz com facilidade operações e cálculos que uma pessoa que não tenha estudado matemática não consegue sequer entender. O matemático *possui* uma ciência, que é uma virtude intelectual. A pessoa temperada, para apresentar outro exemplo, come e bebe o que é razoável sem grande esforço porque *possui* uma virtude moral, que é a temperança. Quem não é dono deste hábito, somente com dificuldade e esforço conseguirá limitar-se ao que é razoável. E, ao contrário, quem tem o vício que se opõe à temperança, a gula, facilmente comerá mais do que é devido.

As virtudes morais têm três dimensões fundamentais. A primeira é de caráter intelectual: como as virtudes têm que regular uma reação, se pressupõe o conhecimento de um estilo de vida, o de quem segue a Cristo. A virtude da pobreza, por exemplo, pressupõe o conhecimento do papel que os bens econômicos têm na vida de um cristão. A segunda dimensão das virtudes é sua natureza afetiva: introduzem-se nas tendências que se dirigem a cada bem concreto, modificando-as pouco a pouco e fazendo que o seu movimento espontâneo se conforme ao estilo de vida cristão. Isso se consegue por meio da repetição de atos que sejam ao mesmo tempo livres, conformes ao que é virtuoso e realizados precisamente porque são bons. Atos que parecem bons, mas são realizados por temor, conveniência, ou por outros motivos alheios ao bem, não conseguirão tornar virtuosas as tendências humanas, porque não moldarão a afetividade. A terceira dimensão das virtudes, enfim, é que elas geram uma predisposição para o bem: o virtuoso tem especial facilidade e agudeza para distinguir o bem do mal, inclusive em situações complexas ou imprevistas.

As virtudes nos libertam

Ao apresentar-se como o bom pastor, imagem que, para seus ouvintes, evocava a chegada do salvador do povo, Jesus diz: “Eu vim para que as ovelhas tenham vida e para que a tenham em abundância” (Jo 10,10). Essa vida abundante e plena nos é dada pela graça de Deus, apoiada em nossos anseios por descobrir e possuir o melhor do que nos rodeia. Por isso, possuir esses hábitos nos faz mais livres: converte-nos pouco a pouco em pessoas mais flexíveis, que sabem descobrir a maneira de fazer o bem em situações muito diferentes. As virtudes nos libertam porque nos permitem escolher entre os diferentes bens que nos são apresentados. Os vícios, por outro lado, são rígidos, porque geram automatismos, reações que são difíceis de abandonar.

A identificação com Cristo, para a qual o Espírito Santo nos move, envolve adquirir

e consolidar as virtudes que Jesus ensinou: tanto as teologais como as morais. Detivemo-nos nas segundas, que reordenam o mundo interior dos sentimentos, tão importantes para a vida cristã. No entanto, o motor e a raiz de todas estas virtudes é a caridade. Sem ela, o resto seria visto como um peso que oprime a liberdade. Quando desejamos viver sinceramente para a glória do Pai, como Cristo viveu, esse amor guia suavemente as escolhas, de modo que são cada vez mais parecidas às de Jesus. O mandamento com que Jesus respondeu ao escriba – amar a Deus com todo o coração e com todas as forças – não entende de obediências forçadas: necessita filhos que assumem com gosto uma tarefa, porque têm os mesmos sentimentos de Jesus.

Angel Rodríguez Luño

[1] Francisco, *Ângelus*, 25/10/2020.

[2] *Catecismo da Igreja Católica*, n.1764.

[3] *Catecismo da Igreja Católica*, n.1767.

[4] Francisco, *Discurso*, 6/04/2019

[5] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n.74.

[Voltar ao índice](#)

O habitat das virtudes: nós mesmos. A vida relacional

Deus não vive sozinho. É uma família, uma Trindade de pessoas unidas pelo amor. Uma fonte inesgotável de vida, um manancial que se entrega e se comunica sem cessar. Cada pessoa divina vive livre e inteiramente para as outras, olhando para as outras, em uma jubilosa dependência. Nosso Deus, dizia Bento XVI, é “um *Ser-para* (o Pai), um *Ser-a partir de* (o Filho) e um *Ser-com* (o Espírito Santo)” [1]. E esta mesma lógica resplandece também em tudo o que saiu das suas mãos. De modo muito especial, no ser humano. Sim: a vida trinitária está profundamente gravada no nosso ser. A nossa existência só será autenticamente humana, e autenticamente divina, se for se desenvolvendo de acordo com estas coordenadas trinitárias de comunhão: *a partir* de Deus e *a partir* dos outros; *com* Deus e *com* os outros; *para* Deus e *para* os outros.

O equilibrista

Todas as virtudes, até a menor ou mais insignificante, levam a um crescimento na comunhão com os outros. É certo que, na medida em que nos proporcionam certo domínio sobre aspectos particulares de nossa pessoa, as virtudes (de *virtus*, força) nos empoderam. Entrelaçadas entre si, fazem-nos ser mais verdadeiramente nós mesmos. No entanto, o seu objetivo não é uma perfeição individual, porque a felicidade nunca é um caminho isolado. As virtudes nos fazem capazes “de exprimir o amor: exatamente aquele amor em que o homem-pessoa se torna dom e – mediante este dom – pratica o sentido mesmo do seu ser e existir” [2]. Não é possível alcançar uma virtude autêntica à margem ou *apesar* dos outros. O caminho é, justamente, o contrário: o do crescimento numa liberdade para os outros. Uma liberdade que nos permite comprometer-nos, entregar-nos a quem nos rodeia. A virtude, no fim das contas, consiste em *possuir-se para doar-se*. Essa é a verdadeira força, o verdadeiro poder.

Podemos imaginar um equilibrista que avança sobre um cabo, lá nas alturas, diante do olhar inquieto do público. Dia após dia ele realiza o mesmo percurso, de um lado a outro do arame. Nele há uma mistura de ousadia e cautela: tem medo de cair, mas desfruta da altura e do risco. Procura superar os seus limites e o seu objetivo exige um treinamento minucioso. Necessita de uma habilidade que somente alcançará se, superando a vertigem dia após dia, repetir o exercício sem desistir. De modo parecido, para ser pessoas virtuosas – ordenadas ou agradecidas, por exemplo – precisaremos vencer as resistências com tempo e treinamento. Qual é a nossa motivação para deixar as coisas em seu lugar ou para agradecer amavelmente? Só vale a pena arriscar-se no precipício se soubermos que no início e no final do arame há alguém a nossa espera, pessoas a quem

amamos, e que necessitam desses presentes. Não queremos apenas uma harmonia ou uma perfeição individual. Todas as virtudes têm a abertura aos outros como horizonte. Elas são pessoais e, ao mesmo tempo, têm uma dimensão de comunhão, potencializam os vínculos com os outros.

O presente de depender

Alguns livros de autoajuda oferecem receitas para viver em paz consigo mesmo, e identificam a felicidade com uma vida plena e independente: como se depender de outros fosse frustrante, como uma trava para o desenvolvimento pessoal. Mas se voltamos o olhar para a Trindade, entendemos que as coisas são de outra maneira. Em primeiro lugar, Deus Filho procede do Pai e recebe dele todo o seu ser. Esta filiação leva Jesus a fazer em tudo, e com alegria, a vontade do Pai (cf. Jo 4,34). De modo análogo, como criaturas de Deus, e muito mais se recebemos o Batismo, que nos incorpora à vida de Jesus, a nossa existência tem um caráter filial. Nós não damos a vida a nós mesmos. Outras pessoas, que ainda não nos conheciam, nos trouxeram até aqui. E dessas relações de filiação – filhos de Deus e dos nossos pais – surgem as outras relações humanas: porque somos filhos, somos irmãos e somos família.

Dessa maneira, no íntimo da pessoa humana se descobre uma dependência radical. Nossa existência se desdobra *a partir de* Outro e *de* outros. Esta realidade é especialmente visível quando consideramos o amor sponsal, que consiste em viver totalmente unido a outra pessoa e *depende* de tal modo do afeto mútuo que não se pode viver sem ela. Portanto, precisar dos outros não estrangula a liberdade. Ao contrário, faz a pessoa mais valiosa e a leva a uma alegria mais plena. Saber que recebi amor e que posso devolvê-lo enche a vida de sentido.

Além disso, as virtudes somente podem ser adquiridas, de fato, em um ambiente relacional: o seu habitat é o “nós”. As nossas disposições interiores se educam em contato com os outros. É o que os pais fazem quando ensinam a seus filhos as boas maneiras: “Você não vai agradecer?”, “filho, deixe as coisas no lugar”. Crescemos graças aos conselhos que recebemos, graças a conversas que iluminam a razão com princípios firmes. Princípios que, levados à vida, vão formando as virtudes e vão nos facilitando entender onde está o bem e como alcançá-lo.

Neste processo, o exemplo das pessoas que nos rodeiam também é fonte de ensinamento. Um clima virtuoso na família ou no lugar de trabalho é um viveiro de virtudes. E infelizmente também acontece o contrário: lá onde o clima é descuidado, é mais difícil crescer humanamente. Um lar sóbrio educa os filhos na temperança. Uma mãe detalhista ensina a seus filhos o valor do pequeno. O mesmo acontece entre amigos, colegas de trabalho e em qualquer comunidade humana. Criar ao nosso redor um ambiente que ajude a descobrir e a crescer neste caminho faz parte da nossa tarefa evangelizadora. É o que a Igreja faz ao apresentar a vida dos santos como modelo: não encontramos aí somente a teoria, mas as virtudes encarnadas em uma pessoa. Vemos aí que é verdadeiramente possível deixar que Deus e os outros entrem em nossa vida.

A alegria de acompanhar

O Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho, é o amor compartilhado e enviado aos homens para *ser-conosco*[3]. Ele é “o manancial inesgotável da vida de Deus em nós”[4], dessa vida que somente pode desdobrar-se em forma de comunhão interpessoal. Assim é: os homens e mulheres não vivemos *porque sim*, mas *convivemos*. A nossa existência é um *ser-com* os que nos rodeiam. Somente há vida onde há comunhão. Os vínculos que criamos com os outros são muitas vezes a força que permite o nosso próprio crescimento pessoal.

Ainda que alguns modos de pensar e de viver em nossos dias nos ofereçam um modelo de pessoa independente e, em certo sentido, autossuficiente, a Palavra de Deus nos diz que não somos náufragos que sobrevivem em seu isolamento, mas pessoas necessitadas dos outros. São Paulo recorda aos de Corinto que todos são parte de uma mesma unidade: “Vós sois o corpo de Cristo e cada um, de sua parte, é um dos seus membros” (1 Cor 12,27). Estamos implicados por fortes laços de graça e de amor, inclusive com aqueles que nos precederam e com os que nos seguirão no caminho para Deus. Assim expressa o Catecismo da Igreja: “O mais insignificante dos nossos atos, realizado na caridade, reverte em proveito de todos, numa solidariedade com todos os homens, vivos ou defuntos, que se funda na comunhão dos santos”[5]. Seremos melhores na medida em que nos ajudemos entre todos, *a partir de e com* os outros.

Não estamos sozinhos no caminho por adquirir as virtudes. Como dizia São Josemaria, “ninguém é um verso solto (...): de algum modo, ou nos ajudamos ou nos prejudicamos. Todos somos elos de uma mesma cadeia”[6]. Em sua infância, muitas crianças se divertiam brincando de construir castelos com o baralho: uma carta se apoiava na que estava mais próxima e juntas se sustentavam. Em cima delas, colocavam-se outras, que se mantinham em pé graças às de baixo. E assim, pouco a pouco, edificavam-se castelos muito delicados que, com qualquer movimento em falso, poderiam ser derrubados. Analogamente, a nossa vida também é um tecido de relacionamentos e encontros, um *ser-com* os outros: “A vossa mútua fraqueza é também apoio que vos mantém erguidos no cumprimento do dever, se viveis a vossa bendita fraternidade: como mutuamente se sustêm, apoiando-se, as cartas do baralho”[7].

Sentir a proximidade das pessoas que nos oferecem o seu apoio e das que nós sustentamos é uma grande fonte de alegria. Acompanhar os outros e ser acompanhados por eles é o selo de uma existência verdadeiramente cristã. Pensemos nos discípulos de Emaús: se não tivessem se encontrado com aquele caminhante misterioso que abriu os seus olhos, continuariam encerrados no seu desconcerto (cfr. Lc 24, 13-17). Ter pessoas por perto serve como estímulo para seguir adiante. Eles saberão nos sustentar ou levantar. Quando ajudamos os outros a alcançar a melhor versão de si mesmos, fazemos o mesmo que Jesus fez com os dois discípulos que abandonavam Jerusalém. Rodeados de pessoas que nos amam e em quem confiamos, é mais fácil crescer.

Todas as virtudes têm um caráter relacional, inclusive as que parecem mais individuais. A fortaleza ou a temperança, por exemplo, também nos levam em

direção aos outros: permitem que compartilhem o bem que descobrimos. As virtudes abrem as portas ao encontro generoso e nos facilitam a doação. Não existem pessoas virtuosas fechadas em si mesmas: isso seria somente aparência de virtude. Na realidade, “não há virtude alguma que possa fomentar o egoísmo; cada uma redundaria necessariamente no bem da nossa alma e das almas dos que nos rodeiam”[8].

A alegria de servir

O Pai é a origem da vida trinitária. Tudo nele é doação ao Filho, plenitude que sai e entrega gratuitamente tudo o que tem, com delicadezas de mãe (cf. Mt 23,37; Sal 131,2). Esta paternidade divina é a fonte de toda paternidade (Ef 3,15), um dom que Deus confia a cada um de nós, para que também sejamos origem de vida nos outros. Todos estamos chamados a ser pais ou mães: um discípulo é *filho* do seu mestre, um amigo é *pai e filho* de outro amigo, etc. Todos somos filhos e, ao mesmo tempo, nos convertemos em pessoas maduras na medida que nos preparamos para ser pais e mães, cada um segundo a sua vocação pessoal.

Uma pessoa só encontra verdadeiramente a si mesma quando consegue sair do seu encerramento e dar-se aos outros. O Concílio Vaticano II afirma em muitas ocasiões, como repetindo uma mensagem especialmente oportuna para a nossa época, que o homem não pode “se encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo”[9]. Somente assim somos verdadeiramente felizes. Dar a vida “aos outros é de tal eficácia, que Deus o premia com uma humildade cheia de alegria”[10]. E a alegria de *ser-para* os outros se manifesta em atos concretos de entrega, de serviço, de compreensão. Temos um milhão de oportunidades cada dia: quando nos adiantamos para prestar um favor, quando julgamos com misericórdia o comportamento dos outros, quando somos pessoas com as que podem contar sempre para uma necessidade... Assim foi o estilo de vida dos primeiros cristãos, tão surpreendente para os pagãos, que repetiam: “Vejam como se amam, (...) vejam como estão dispostos a morrer um pelo outro”[11].

Maria também se ocupa dos outros em um completo esquecimento de si: sabe cuidar de Isabel na etapa final de sua gravidez, em Caná, fica atenta ao feliz transcurso do casamento, no Calvário, acompanha seu Filho com enorme serenidade no meio da dor... Nela “encontramos segurança e força para continuar levando o consolo de seu Filho a quem precisa”[12]. Toda a graça e a virtude da mãe de Cristo transbordam espontaneamente nos outros porque, para os que queremos seguir Jesus, não existe bem que não se transforme no bem de todos.

José Manuel Antuña

[1] Joseph Ratzinger, *Fé, verdade e tolerância*.

[2] São João Paulo II, Audiência, 16/01/1980.

[3] Cf. Ricardo de São Vitor, *De Trinitate*, III, 2-4

[4] Francisco, Audiência geral, 8/05/2013.

[5] Catecismo da Igreja Católica, n. 953.

[6] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 76.

[7] São Josemaria, *Caminho*, n. 462

[8] *Amigos de Deus*, n. 76.

[9] Concílio Vaticano II, *Gaudium et spes*, n. 24.

[10] São Josemaria, *Forja*, n. 591.

[11] Tertuliano, *Apologeticum*, 39, 1-18.

[12] Mons. F. Ocáriz, Mensagem, 29/04/2020

[Voltar ao índice](#)

Para poder ser amigos. Virtudes da convivência

Quando uma pessoa está vivendo seus últimos momentos, quando está a ponto “de passar deste mundo ao Pai” (Jo 13, 1), tende a pensar no essencial. Interessa-se sobretudo em resolver as coisas que não gostaria de deixar inacabadas: conseguir dirigir frases de carinho aos seus, fazer um rápido balanço de sua vida, procurar reconciliar-se com alguém... Na vida de Jesus aconteceu a mesma coisa. O preâmbulo das suas últimas horas é uma ceia ritual com os mais próximos. Os evangelhos permitem-nos aproximar-nos desses momentos através de comoventes *páginas de amizade*, nas quais o Senhor nos deixa como herança o testemunho do seu amor. “Na intimidade do Cenáculo, Jesus diz aos apóstolos: *Eu vos chamo amigos* (Jo 15, 15). E ao dizer a eles, disse-o a todos nós. Deus não nos ama apenas como criaturas, mas como filhos a quem, em Cristo, oferece uma verdadeira amizade”[1].

Um encontro de intimidades

A amizade é uma relação em duas direções, que cresce através do dar e do receber. Jesus Cristo oferece a seus amigos o maior dom que existe: “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Paráclito” (Jo 14, 16). Pede, porém, a seu modo, reciprocidade; pede-nos que aceitemos os seus presentes: “Perseverai no meu amor” (Jo 15, 9). Não existem amizades nas quais só um lado esteja envolvido. Toda amizade autêntica implica um esforço tanto para entrar na vida dos outros como para deixar que tenham espaço em nós.

Tal movimento de aproximação mútua nem sempre é fácil; e menos ainda se o ambiente social, ou a nossa própria inércia, levam-nos a contar pouco com os outros, a bloquear o nosso mundo interior a possíveis intrusões, ou a só considerar os outros na medida em que podem ser-nos úteis momentaneamente. Para tornar possível a amizade, devemos estar dispostos a abrir as portas do coração. Isso nos torna certamente vulneráveis, mas também mais humanos. Quem não já experimentou esses momentos de cumplicidade com outra pessoa, quando o encontro de dois mundos interiores se torna evidente? Poderíamos pensar que essas situações, plenas de candor e intensidade, são próprias da juventude. Quem perde, no entanto, o medo de abrir a sua interioridade e de acolher outros em seu coração é capaz de formar amizades profundas em qualquer idade: quer seja com os pais, irmãos, esposo ou esposa, com aqueles que vivem em sua própria casa ou com os colegas de trabalho.

Benevolência e ternura

Sempre se considerou que a amizade é “virtude ou implica virtude, sendo, além

disso, sumamente necessária à vida”[2]. Para que uma amizade se consolide e cresça é necessário que os amigos estimulem algumas disposições que favorecem o intercâmbio de interioridades. A amizade, com efeito, é feita de “busca do bem do outro, reciprocidade, intimidade, ternura, estabilidade, e uma semelhança entre os amigos que se vai construindo com a vida compartilhada”[3].

A busca do bem do outro, conhecida também como benevolência, é talvez a principal destas disposições. Não significa tanto que me preocupe *um bem concreto do outro* – nem sequer *um bem para o outro* – mas interesse-me *pelo outro*: quero que ele seja feliz. A benevolência indica a autenticidade do afeto para com nossos amigos, que implica “reconhecê-los e afirmá-los tal como são, com os seus problemas, os seus defeitos, a sua história pessoal, o seu ambiente e os seus tempos para se aproximar de Jesus. Por isso, para construir uma verdadeira amizade, é preciso que desenvolvamos a capacidade de olhar com afeto para as outras pessoas, até que as vejamos com os olhos de Cristo”[4].

Melhorar a nossa capacidade de abrir-nos aos outros requer igualmente crescer em ternura. Contrariamente ao que às vezes se pensa, a ternura “não é a virtude dos fracos, antes pelo contrário: denota fortaleza de ânimo e capacidade de atenção, de compaixão, de verdadeira abertura ao outro”[5]. A ternura é campo fértil, fruto do trabalho diário: nela a cumplicidade, a confiança podem crescer. “Cada um de vós tem o coração cheio de ternura, como eu o tenho”[6], dizia São Josemaria. Esta ternura pode ser encontrada em pessoas que expressam os seus afetos com facilidade e também em temperamentos mais introvertidos, e sabe adaptar-se tanto a um modo de ser como ao outro. Naqueles momentos íntimos da Última Ceia, precisamente, Jesus *discute* com Pedro que não quer deixar que lave os seus pés (cfr. Jo 13, 6-11), mas também permite que João apoie a cabeça em seu peito (cfr. Jo 13, 23). A ternura do amigo entende as necessidades do outro, respeita a sua intimidade, o seu modo de ser; evita a invasão, pelo contrário oferece a sua presença silenciosa.

Continuidade e sintonia

Outro componente necessário da amizade é a continuidade da relação, porque duas interioridades não se abrem de modo repentino. As coisas importantes precisam de tempo para arraigar e crescer no coração humano. Às vezes parece que encontramos um *novo melhor amigo*, mas na verdade ainda falta muito para essa relação crescer. “É necessário muito tempo para conversar, estar juntos, conhecer-se... É aí que se forja a amizade. Só com essa paciência, a amizade pode ser real”[7].

Amigos desejam ver-se, estar juntos, poder compartilhar o que é valioso para cada um. Os apóstolos gostavam de estar com Jesus, não só porque o consideravam o Messias de Israel, mas porque eram bons amigos. Não o seguiam só por convicções históricas ou intelectuais, mas sim porque Jesus se tornara parte da sua vida: “Hei de ver-vos outra vez, e o vosso coração se alegrará e ninguém vos tirará a vossa alegria” (Jo 16, 22).

Os encontros e a comunicação ao longo do tempo vão robustecendo a amizade até

torná-la sólida, inclusive sofrendo a prova da distância. Gera-se então uma sintonia especial entre os amigos, porque cada um comunica espontaneamente ao outro os bens que preenchem a sua vida. Chega-se por este caminho a valorizar o que a outra pessoa valoriza, a sentir alegria com as coisas do outro; e também, logicamente, a entristecer-se com o que lhe causa tristeza. O amigo atrai sinceramente o outro amigo, não o convence e não o engana disfarçando outros interesses de amizade.

Virtudes para a convivência

São Tomás de Aquino diz que “entre as coisas do mundo não há nenhuma que se possa nobremente preferir à amizade, porque é ela que reúne os virtuosos e conserva e aperfeiçoa a sua virtude”[8]. O caminho da virtude é um aliado das relações de amizade: aqueles que cultivam a imagem de Deus em suas vidas reconhecem-se facilmente entre si e tendem a compartilhar essa beleza interior.

Há, sem dúvida, algumas virtudes que são mais aptas para preparar este caminho e para fazê-lo crescer: são as virtudes da convivência. O “ambiente de amizade, que cada um está chamado a levar consigo, é o fruto da soma de muitos esforços por tornar a vida agradável para os outros. Ganhar mais afabilidade, alegria, paciência, otimismo, delicadeza e todas as virtudes que tornam a convivência amável é importante para que as pessoas possam se sentir acolhidas e felizes: *uma palavra amena multiplica os amigos e acalma os inimigos, uma língua afável profere saudações (Eclo 6,5)*. A luta para melhorar o próprio caráter é condição necessária para que surjam mais facilmente relações de amizade”[9].

Nem sempre é fácil distinguir os aspectos da própria personalidade que devem ser modelados no âmbito da amizade dos que devem ser tolerados – inclusive queridos – pelo amigo. Talvez não seja necessário fazer excessivas distinções, mas sim procurar melhorar a própria personalidade, que é o que temos a nosso alcance: se sou tímido, tentarei ser mais extrovertido; se tenho reações violentas, vou me esforçar por atenuá-las; se a minha tendência é ser inexpressivo, procurarei manifestar mais o que sinto; etc. Em qualquer caso o que não resolveria seria insistir em uma obstinada afirmação do próprio eu. São Josemaria animava todos a enfrentar essa armadilha: “Às vezes, pretendes justificar-te dizendo que és distraído, avoado; ou que, por caráter, és seco, fechadão. E acrescentas que, por isso, nem sequer conheces a fundo as pessoas com quem convives. – Escuta: não é verdade que não ficas tranquilo com essa desculpa?”[10].

Toda amizade é um dom que se recebe e, sendo aceito, converte-se em dom para o outro. Isso é próprio do amor: só pode dá-lo quem antes o recebeu. Inclusive o amor que Jesus Cristo oferece a seus apóstolos é precedido pelo que lhe foi entregue: “Como o Pai me ama, assim também eu vos amo” (Jo 15, 9). Por isso, além de crescer em todas as virtudes que nos ajudam a abrir-nos aos outros, o mais importante para ser verdadeiros amigos é aprofundar nesse amor de Deus por nós. À medida que aumenta essa relação de intimidade, a capacidade de amar os outros se dilata. “Amor a Deus e amor ao próximo são inseparáveis, são um único mandamento. Ambos vivem, porém, do amor que vem de Deus, que nos amou primeiro (...). O amor é ‘divino’ porque provém de Deus e a Deus nos une e,

mediante este processo unificador, transforma-nos em um Nós, que supera nossas divisões e nos converte em uma só coisa até que no final Deus seja ‘tudo em todos’ (cfr. 1 Cor 15, 28)”[11].

Jorge Mario Jaramillo

[1] Mons. F. Ocariz, Carta pastoral, 1/11/2019, n. 2.

[2] Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, 7, 8, 1155a.

[3] Francisco, Ex. Ap. *Amoris laetitia*, n. 123.

[4] Mons. F. Ocariz, Carta pastoral, 1/11/2019, n. 8.

[5] Francisco, Homilia, 19/03/2013.

[6] São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 15/09/1971. AGP, biblioteca, PO1.

[7] Francisco, Entrevista, 13/09/2015. Texto completo no site da Agência Informativa Católica Argentina.

[8] São Tomás de Aquino, *Del gobierno de los príncipes*, I, X.

[9] Mons. F. Ocariz, Carta pastoral, 1/11/2019, n. 9.

[10] São Josemaria, *Sulco*, n. 755.

[11] Bento XVI, Enc. *Deus Caritas est*, n. 18.

[Voltar ao índice](#)

Até executar o que foi decidido. Prudência

Em um quadro a óleo que se conserva em Berlim, Rembrandt retratou em 1627 um ancião sentado a uma mesa, em meio à penumbra. Ao seu redor estão amontoadas moedas de ouro e títulos de propriedade. Entre esses objetos figura também um relógio, premonição de que suas horas estão contadas. O ancião usa óculos para suprir a sua pouca visão, e ilumina a mesa e as suas posses com uma vela, que ele cobre com a mão direita: é uma luz incerta, como um fio de vida, que logo se extinguirá.

Este grande artista imaginava assim a parábola que Jesus contou certa vez diante de milhares de pessoas: “Havia um homem rico cujos campos produziam muito. E ele refletia consigo: ‘Que farei? Porque não tenho onde recolher a minha colheita’. Disse então ele: ‘Farei o seguinte: derrubarei os meus celeiros e construirei maiores; neles recolherei toda minha colheita e os meus bens. E direi à minha alma: ‘ó minha alma, tens muitos bens em depósito para muitíssimos anos; descansa, come, bebe e regala-te’. Deus, porém, lhe disse: ‘Insensato! Nesta noite ainda exigirão de ti a tua alma. E as coisas que ajuntaste de quem serão?’ Assim acontece ao homem que entesoura para si mesmo e não é rico para Deus” (Lc 12, 16-21).

O próprio Deus qualifica este rico de “insensato” ou imprudente. “O homem que todos conheciam como inteligente e afortunado é um tolo diante de Deus: ‘insensato’, diz-lhe. Diante do que é verdadeiramente autêntico, ele, com todos os seus cálculos, mostra-se inexplicavelmente tolo e de visão curta, porque com os cálculos tinha esquecido o que é autêntico: que sua alma desejava algo mais que bens e alegrias, e que algum dia ia encontrar-se frente a Deus”[1]. Este homem não percebia que o sentido da sua vida se resumia ao amor a Deus e ao próximo. Por isso, quando teve a oportunidade de fazer algo pelos outros, só conseguiu pensar em si mesmo. Ignorava, no fundo, “como são e estão verdadeiramente as coisas”; não podia atuar bem, porque “o bem está em harmonia com a realidade”[2]. Por isso é insensato. Por isso é imprudente.

As falsas prudências

A prudência é a virtude que conecta as nossas ações com a realidade: prudente é o homem para quem as coisas *parecem* como realmente *são*. Partindo desta conexão com a realidade, esta virtude leva a escolher os meios certos para conseguir um fim *bom* e utilizá-los. Quer dizer, a prudência não considera bom qualquer fim. Por isso, São Josemaria dizia, “temos de perguntar-nos sempre a nós mesmos: prudência, para quê?”[3] E respondemos: para amar a Deus e aos outros. Como escreveu Santo Agostinho, “a prudência é o amor que sabe discernir o que é útil para dirigir-se a Deus daquilo que pode afastar dele”[4]. A

prudência precisa ser acompanhada pela fé e pela caridade para não degenerar em uma de suas caricaturas. Existem, com efeito, duas falsas prudências. Por um lado, há a simples “prudência da carne” (Rm 8, 6), a de quem tem como único objetivo os prazeres e os bens sensíveis, e só procura desfrutar deles e possuí-los, sem pensar em outros fins mais importantes[5]. “Essa luz, que lá se chama Razão, e que na prática só presta para o tornar mais bruto que os mais brutos”[6], diz Mefistófeles, numa famosa obra de Goethe. Por outro lado, temos a “astúcia”: habilidade para encontrar os meios que permitam obter um fim perverso. Este fim mau não precisa ser necessariamente sensível, como se o prazer fosse uma coisa má em si; pode consistir, por exemplo, numa busca egoísta da própria segurança, sem ter em conta as necessidades dos outros[7] como acontece no caso do rico da nossa parábola.

A verdadeira prudência, afirma o Catecismo da Igreja Católica, “dispõe a razão prática a discernir, em qualquer circunstância, nosso *verdadeiro bem* e a escolher os meios adequados para realizá-lo”[8]. Esse verdadeiro bem não se limita ao da sensibilidade, mas abarca a pessoa em sua integridade; é o bem que surge da verdade das próprias coisas, e não só dos meus desejos. Consiste em dar a cada um o que é seu, em perseverar no caminho que nos tornará mais felizes – a santidade, o amor, a fidelidade – apesar das dificuldades que encontrarmos; é o gozo dos prazeres sensíveis em harmonia com a verdade do nosso ser.

Esta definição da prudência fala de um discernimento e de uma escolha. Para o primeiro – “discernir o verdadeiro bem” – precisamos educar a nossa vontade e o nosso coração, para que eles amem e desejem o verdadeiro bem. Isto se consegue com as outras virtudes, especialmente com a justiça, mas também com a fortaleza e a temperança. As virtudes morais, com efeito, indicam o bem para a prudência: só com elas pode orientar-se para os fins bons e “escolher os meios adequados” para realizá-los. Mas, ao mesmo tempo, a prudência entra como *medida* na definição de qualquer ato virtuoso, pois é ela que conecta a ação com a realidade e decide, aqui e agora, o meio termo, o mais excelente, entre dois extremos defeituosos. Quer dizer, a prudência é tanto um requisito para o crescimento das outras virtudes morais, quanto um resultado delas. É como um *círculo virtuoso*. Por isso é tão importante a educação e o ambiente no qual vivemos: nele aprendemos a amar e a saborear o verdadeiro bem, não por meio de raciocínios, mas pela identificação com aqueles que amamos.

Deliberação: parar para pensar

Em um estudo detalhado sobre a prudência, São Tomás de Aquino distingue nela três atos: deliberação, decisão e império. Os dois primeiros ocorrem somente em nossa razão; o terceiro, pelo contrário, nos leva à ação[9]. Estes três atos podem ser claramente identificados em outro relato de Jesus: a parábola das virgens néscias e prudentes, na qual o Senhor compara o reino dos céus a uma parte da celebração do casamento judaico (cfr. Mt 25, 1-13).

A cerimônia narrada na parábola consistia em conduzir a noiva, com certas formalidades, até a casa do noivo. No fim do dia, normalmente ao entardecer de uma quarta feira, os convidados esperavam na casa da noiva. O noivo chegava

um pouco antes da meia noite, com seus amigos mais próximos, para encontrar a noiva. Iluminado pelas chamas das lâmpadas à óleo, era recebido pelos convidados. Havia o costume de que, lá também, dez moças esperassem o noivo, segurando lâmpadas em recordação das solenidades públicas judaicas. São as dez virgens das quais Jesus diz que “tomaram suas lâmpadas” e “saíram para receber o esposo”. Toda a comitiva deveria ir então, iluminada por essas lâmpadas, até a casa paterna do noivo, onde ocorreria o casamento.

Nem todas, no entanto, estavam igualmente preparadas para participar. Na realidade, “cinco delas eram tolas e cinco prudentes. As tolas, ao pegar suas lâmpadas, não levaram azeite consigo; as prudentes, pelo contrário, junto com as lâmpadas levaram azeite nas vasilhas”. Estas últimas foram prevenidas: lembraram que nestes casos o noivo só chegava perto de meia noite; calcularam que as suas lâmpadas não durariam tanto tempo acesas (deliberação); optaram por levar vasos com azeite de reserva, apesar da incomodidade de carregá-los (decisão); e finalmente fizeram isso (império). As néscias, pelo contrário, embora talvez tenham ouvido como as prudentes comentavam o problema, e as tenham visto, inclusive, ir buscar os vasos, não quiseram complicar a vida; deixaram-se levar pela precipitação e a pressa para chegar o quanto antes à casa da noiva; viram-se atraídas pelos divertimentos e risadas e não pensaram muito. Tem-se a impressão de que as virgens néscias da parábola foram imprudentes, talvez sobretudo por falta de deliberação, deixaram-se levar pela irreflexão.

No final, aconteceu o que era previsível: “Tardando o esposo, cochilaram todas e adormeceram. No meio da noite, porém, ouviu-se um clamor: Eis o esposo, ide-lhe ao encontro”. Levantam-se então as jovens e preparam as suas lâmpadas, mas as néscias perceberam que as delas se estavam apagando por falta de azeite. Pedem então às prudentes que lhes emprestem um pouco e estas não o fazem, precisamente porque são prudentes: “Não temos o suficiente para nós e para vós; é preferível irdes aos vendedores, a fim de o comprardes para vós”, respondem. Mas enquanto vão comprar, chega o noivo, recebe a noiva e começa a procissão para sua casa, acompanhada finalmente só pelas cinco virgens prudentes, com as lâmpadas acesas e uma multidão que canta e dança. Chegados à casa, a porta se fecha e o banquete começa. Quando chegam as cinco virgens néscias já é tarde. Embora implorem dizendo “Senhor, senhor, abre-nos!”, obtêm esta duríssima resposta: “em verdade vos digo, não vos conheço”.

Podemos perguntar: Por que Jesus chama prudentes a umas e néscias a outras? A parábola permitiria responder levando em conta as três etapas da ação prudente, mas é ressaltada nela de maneira especial a primeira: a deliberação. Para atuar bem é preciso parar e pensar na situação, examinando atenta e fielmente o ser das coisas; trazer à memória casos similares, para obter experiência; deixar-se aconselhar pelos outros – pelos prudentes – porque, como também diz São Tomás, “no que diz respeito à prudência, ninguém se basta a si mesmo” [10]. E, por último, é preciso estar atento às circunstâncias cambiantes, que podem recomendar uma adaptação do plano e uma nova decisão para conseguir o bem pretendido. Trata-se, em resumo, de conhecer a realidade, pressuposto indispensável para realizar o bem. Não basta a “boa intenção” ou a “boa vontade”: é preciso andar na verdade, porque só “a verdade vos libertará” (Jo 8,

31).

São Josemaria animava a estudar detalhadamente os assuntos antes de tomar uma decisão, ouvindo todas as pessoas implicadas e evitando a precipitação: “Os assuntos urgentes podem esperar e os muito urgentes devem esperar” [11]. Fazia ver a necessidade de pedir conselho ao Espírito Santo na oração, porque “a verdadeira prudência é a que permanece atenta às insinuações de Deus” [12]. Sugeriu também recorrer a outras pessoas que nos podem ajudar, como um diretor espiritual ou quem compartilhe conosco a responsabilidade de uma decisão. Neste processo de deliberação, a humildade é fundamental para abrir-nos à verdade, para aproximar-nos o melhor possível da realidade das coisas.

Decisão: escolher o caminho

Para ilustrar a decisão, segundo momento da prudência, é esclarecedor o relato de São Marcos sobre as primeiras horas da manhã do domingo da Ressurreição. Maria Madalena e as outras mulheres tinham comprado aromas para embalsamar o corpo de Jesus e tinham partido muito cedo, dizendo entre si: “Quem nos removerá a pedra da entrada do sepulcro?” (Mc 16, 3). Embora não tenham conseguido encontrar uma solução para todos os problemas que enfrentariam, o amor a Jesus move estas mulheres a tomarem a decisão correta, prudente: decidem atuar com os dados que têm. “Era uma pedra enorme” comenta São Josemaria. “É o que acontece normalmente. As dificuldades enxergam-se logo, mas, se há amor, não se repara nesses obstáculos: há audácia, decisão, valentia; o que se deve fazer, se faz! Quem removeria aquela pedra? Elas sozinhas não podiam; e, no entanto, continuam adiante, a caminho do sepulcro. Meu filho, como andamos de vacilações? Temos essa decisão santa, ou devemos de confessar que sentimos vergonha ao contemplar a decisão, a intrepidez, a audácia dessas mulheres? Quando chegaram ao sepulcro, *viram a pedra removida* (Mc 16, 4). É o que acontece sempre. Quando nos decidimos a fazer o que temos de fazer, as dificuldades superam-se com facilidade” [13].

A deliberação, aquele primeiro ato da prudência, não pode prosseguir indefinidamente. Em certo momento temos que considerá-la terminada e decidir. Porque a indecisão é outra forma de imprudência, que torna estéril a deliberação prévia: Não adianta discernir a atuação mais virtuosa, se depois não a sigo, porque não sinto vontade, porque não tenho disposição, por medo do que vão pensar de mim, de errar ou por qualquer outra razão. Não adianta saber o que é melhor, se não decido fazê-lo. “Amanhã! Algumas vezes, é prudência; muitas vezes é o advérbio dos vencidos” [14], dizia também São Josemaria. A pessoa prudente não espera a certeza onde não pode havê-la; prefere não acertar vinte vezes a deixar-se levar por um cómodo abstencionismo” [15]. Não decidir é muitas vezes uma imprudência, porque então outros, ou simplesmente o tempo, decidirão por nós, talvez com menos critério para acertar. A pessoa prudente não pretende ter tudo sob controle absoluto: reconhece a própria limitação e confia em Deus, porque é o mais real.

O exemplo de Jesus é eloquente. No evangelho aparece como uma pessoa que conhece a realidade, o seu destino, o seu verdadeiro bem: espera prudentemente a chegada da sua “hora”. Em Caná, por exemplo, diz à sua mãe: “ainda não

chegou a minha hora” (Jo 2, 4). Depois, em duas oportunidades, São João conta como abre passagem entre a multidão “porque não havia chegado sua hora” (Jo, 7, 30; 8, 20). Em alguns momentos vez inclusive percebemos que os seus desejos e os seus sentimentos não coincidem (cfr Mt 26, 39), mas apesar de tudo escolhe o bem. Aquele “Levantai-vos, vamos!” (Mt 26, 46), antes da sua prisão em Getsêmani é uma escolha prudente, heroicamente prudente.

Império: passar à ação

No final do Sermão da Montanha, Jesus faz algumas advertências, entre as quais está esta imagem sobre a pessoa prudente: “Aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática é semelhante a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha (...) Mas aquele que ouve as minhas palavras e não as põe em prática é semelhante a um homem insensato, que construiu sua casa na areia” (Mt 7, 24-26). A distinção entre o prudente e o insensato está aqui em pôr em prática o que foi aprendido. Porque não basta deliberar e decidir: é, necessário passar à ação. Nisto consiste o terceiro e último momento da verdadeira prudência, o *império*, ou execução, que São Tomás diz ser o mais importante porque não serve para nada conhecer o caminho se ele não for percorrido[16]. Pode-se ser imprudente não só por precipitação ou por indecisão, mas também – é mais frequente do que parece – por deter-se diante dos obstáculos ou pela negligência ao omitir o que deve ser feito, muitas vezes por algo tão simples como o esquecimento.

“Pensar devagar e agir rapidamente”: assim São Josemaria aconselhava certa vez o bem-aventurado Álvaro del Portillo[17]. Com esta máxima queria, por um lado preveni-lo dos erros aos quais a precipitação leva, mas também o advertir sobre a imprudência de adiar sem necessidade a decisão e a realização. A audácia não é imprudência. Mais ainda, se for verdadeira audácia, é prudência. “O que é preciso fazer, faz-se... Sem hesitar... Sem contemplações. Sem isso, nem Cisneros teria sido Cisneros, nem Tereza de Ahumada, Santa Tereza... nem Iñigo de Loyola, Santo Inácio... Deus e audácia!”[18].

Os atrasos desnecessários na execução do que se decidiu podem, além disso, prejudicar os outros: particularmente quando se tem uma tarefa de formação ou governo, como os pais em relação aos filhos, ou os chefes em relação aos subordinados. A fortaleza é necessária para superar os medos, a tentação de fazer o mais confortável ou o apego excessivo à própria imagem. Isso se reflete muito bem numa carta em que Santa Catarina de Sena exortava o Papa Gregório XI a deter os excessos de alguns eclesiásticos: “As considerações que se tomam por egoísmo, por afeição a parentes e amigos, ou por amor à paz terrena, são, na realidade, a pior das crueldades, pois a chaga que quando necessário deixa de ser tratada pelo ferro em brasa ou pelo bisturi, putrefaz-se e acaba ocasionando a morte. Ao doente pode agradar que lhe untem de bálsamo a ferida, mas isso não bastará para curá-lo”[19].

Naturalmente, a audácia da verdadeira prudência não se opõe à busca do melhor momento para executar o que foi decidido, levando sempre em conta a caridade, o bem das pessoas. Às vezes é preciso saber esperar com paciência. Outras vezes

não será conveniente esperar, porque as consequências seriam piores, porque a oportunidade não se repetirá, ou por outras razões. A pessoa prudente é aquela que, aqui e agora tem a capacidade de determinar “se um determinado ato será ou não o verdadeiro caminho para a realização do fim” [20]. Em todo caso, porém, só a execução do que se decidiu, depois de uma prudente deliberação, realizará em nós aquele profundo desejo de Jesus (Mt 5, 16): “Assim brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus”.

José Brage

[1] J. Ratzinger, *Olhar para Cristo*.

[2] J. Pieper, *As virtudes fundamentais*.

[3] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 85.

[4] Santo Agostinho, *De moribus Ecclesiae*, I, 15, 25.

[5] São Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II-II, q. 47, a. 13, res.

[6] J. W. Goethe, *Fausto*, Prólogo no céu.

[7] São Tomás de Aquino, *suma Teológica*, II-II, q. 47, a. 8, ad. 3.

[8] Catecismo da Igreja Católica, n. 1806. As cursivas são próprias.

[9] *Suma Teológica*, II-II, q. 47, a. 8, res.

[10] J. Pieper, *As virtudes fundamentais*.

[11] Javier Echevarría, *Recordações sobre Mons. Escrivá*, Quadrante, São Paulo, 2017.

[12] *Amigos de Deus*, n. 87.

[13] São Josemaria, *Notas de uma meditação*, 29 de março de 1959.

[14] São Josemaria, *Caminho*, n. 251.

[15] *Amigos de Deus*, n. 88.

[16] Cfr *Suma Teológica*, II-II, q. 47, a. 8, res.

[17] Carta a Álvaro del Portillo, 28 de fevereiro de 1949, citada em Andrés Vázquez de Prada, *O Fundador del Opus Dei*, tomo III, Quadrante, São Paulo, 2004, p. 140.

[18] *Caminho*, n. 11.

[19] Sigrid Undset, *Santa Catarina de Sena*.

[20] J. Pieper, *As virtudes fundamentais*.

[Voltar ao índice](#)

Nosso trabalho, fermento de Deus. Virtudes do trabalho

O trabalho, com os seus objetos e as suas rotinas, era talvez a realidade mais conhecida pelas pessoas que ouviam Jesus. Aparece, por isso, em sua pregação, com tanta frequência e visto de tantos ângulos diversos. Aparece o semeador que lança a semente no campo, o negociante que procura pérolas preciosas, o pescador que lança a rede ao mar... Um dia, para explicar algo tão importante como o modo de Deus atuar no mundo, Jesus considera uma das tarefas mais antigas: a de elaborar o pão. “Com que mais poderei comparar o Reino de Deus? É como o fermento que uma mulher pegou e escondeu em três porções de farinha, até tudo ficar fermentado” (Lc 13, 20). É assim que o Reino de Deus se vai desenvolvendo na história: lado a lado conosco, no ritmo do nosso trabalho cotidiano, fermento que se insere no trabalho de Deus e que transforma o mundo a partir de dentro. Como dirá Jesus em outra ocasião, “Meu Pai trabalha sempre, e eu também trabalho” (Jo 5, 17).

Com esta imagem da mulher que põe fermento na farinha, o Senhor reveste de uma dignidade imensa uma tarefa que, por ser tão comum, quase pareceria fora de lugar. As pessoas que ouviam o Senhor imaginariam talvez que, para descrever algo tão transcendental como o desenvolvimento do Reino de Deus, seria mais adequado referir-se ao trabalho de um nobre da época ou às tarefas de quem se encarregava mais diretamente de coisas religiosas. O próprio Jesus, porém, sendo o Filho do Altíssimo, havia exercido um trabalho manual, simples. De modo que, em vez de referir-se a um posto de influência política, de eficácia econômica ou de prestígio social, pensou no trabalho dessas pessoas discretas que se levantam cedo, antes dos outros, para que o pão, que habitualmente não dura mais que algumas horas em bom estado, possa chegar a tempo da primeira refeição.

Três medidas de farinha

Ao descrever a cena desta mulher que trabalha a massa, Jesus menciona um detalhe muito sugestivo: a quantidade de farinha. No mundo judeu da época, três “medidas” de farinha equivaliam aproximadamente a vinte e dois litros de massa, com o que se podia produzir pão para dar de comer a uma centena de pessoas. Tal quantidade de farinha indica que a mulher não está trabalhando só para a sua própria família, por numerosa que seja. A sua tarefa parece ser mais orientada para uma necessidade da comunidade. Não é difícil, pois, imaginá-la em pleno trabalho, colocando o coração nos que saboreariam aquele pão. Assim acontece em todo trabalho: a nossa tarefa cria em nós relações com os outros, situa-nos em um lugar a partir do qual contribuimos para o bem dos outros. De fato, “as alegrias mais intensas da vida brotam quando se pode provocar a felicidade dos

outros, numa antecipação do céu. Cabe recordar a cena feliz do filme ‘A festa de Babette’, em que a cozinheira generosa recebe um abraço agradecido e um elogio: ‘Como você deleitará os anjos!’ É doce e reconfortante a alegria de provocar deleite nos outros”[1].

Tanto pão para tanta gente, representaria um tempo e um esforço consideráveis. Esta mulher, porém, encara o desafio e persevera no trabalho “até tudo ficar fermentado” (Lc 13,20). Acabar a tarefa empreendida, e acabá-la bem, requer fortaleza, concentração, perseverança, pontualidade... Conseguir trabalhar como essa mulher exige vencer a preguiça, que é normalmente “a primeira frente de batalha em que é preciso lutar”[2]. Nesse sentido, sabemos que São Paulo não pensou duas vezes na hora de corrigir a ociosidade que se havia infiltrado entre os primeiros cristãos de Tessalônica. Alguns pensavam que a segunda vinda do Senhor era iminente e diziam que trabalhar já não tinha muito sentido; viviam, pois, “só preocupados em intrrometer-se em assuntos alheios”. Paulo, no entanto, lhes diz: “Quem não quer trabalhar também não coma” (2 Ts 3,10-11).

O Prelado do Opus Dei falou-nos das potencialidades do trabalho, também daquele que custa um pouco mais, quando encontramos nele um lugar de amor e de liberdade: “Podemos cumprir com alegria também os deveres que podem ser desagradáveis. Como nos diz São Josemaria, ‘não é legítimo pensar que só é possível fazer com alegria o trabalho de que gostamos’. Pode ser feito com alegria – e não de má vontade – aquilo que custa, aquilo de que não gostamos, se for feito por e com amor e, portanto, livremente”[3]. Isso é válido inclusive nas dificuldades com relação à própria situação profissional, como por exemplo, situações de desemprego ou de doença, perda de energias com o passar do tempo, tensões ou incertezas no próprio setor, etc. São Josemaria, consciente de que esse tipo de situações na vida é habitual, dizia com realismo que “a doença e a velhice, quando chegam, transformam-se em labor profissional. E assim não se interrompe a busca da santidade, segundo o espírito da Obra, que se apoia, como a porta na dobradiça, no trabalho profissional”[4].

Quando há amor

São muitas as razões que podem levar-nos a perseverar em uma tarefa honesta: a responsabilidade de sustentar as pessoas que dependem de nós, o desejo de servir aos outros, o entusiasmo por criar algo novo, etc. As boas intenções, no entanto, podem também adotar progressivamente formas de amor próprio, como o anseio de reconhecimento, os desejos de brilhar e aparecer diante dos outros. Outras vezes podemos ser assaltados pela tentação de trabalhar demasiado: um desvio sutil que costuma disfarçar-se de virtude. O perfeccionismo e o *eficientismo* – ou *workaholism* – estão neste tipo de desordem. O que era, na origem, um empenho por fazer bem as coisas e com eficácia, pode derivar para o que São Josemaria chamava “*profesionalite*”[5]: uma dedicação excessiva ao trabalho, que tira quase todo o tempo para o resto. “Seu trabalho – escrevia certa vez – deve ser responsável, perfeito, na medida em que a tarefa humana pode ser perfeita: com amor de Deus, tendo, porém, em conta que o melhor costuma ser inimigo do bom. Façam as coisas bem, sem manias nem obsessões, mas acabando-as, colocando sempre a última pedra e cuidando dos detalhes”[6].

O problema da *profesionalite* não está tanto no modo como se trabalha, como no peso que se dá ao trabalho no horizonte da vida. É muito bom, inclusive para a saúde mental e corporal, não perder de vista que o trabalho está ordenado a uma missão maior e que só essa missão dá sentido à existência de um filho ou de uma filha de Deus. A prudência ajudar-nos-á a integrar o trabalho, aqui e agora, dentro de um horizonte que vai além do próprio trabalho. Um horizonte feito não de objetivos, nem de prazos, mas de pessoas: em primeiro lugar, Deus, que conta com os momentos que dedicamos especialmente à nossa relação com Ele, e depois – o Senhor também está lá esperando-nos – as pessoas que nos rodeiam e que necessitam do nosso tempo, do nosso afeto, da nossa atenção.

A imagem da mulher que amassa o pão apresenta-nos a melhor razão para trabalhar. Ela transforma o seu trabalho em um dom, uma benção: além de pão, a mulher dá amor, porque quando damos um presente a alguém “a primeira coisa que lhe damos é esse amor pelo qual lhe queremos bem” [7]. A mulher não se limita a dar ao próximo o que deve; porque quando há amor, é a própria pessoa que se *dá*. São Josemaria dizia, por isso, que não podemos limitar-nos “a fazer coisas, a construir objetos. O trabalho nasce do amor, manifesta o amor, orienta-se para o amor” [8]. Quando alguém trabalha assim por nós, conduz-nos ao amor, porque nos faz entrar na lógica do dom: um amor gera outro, como um sorriso gera outro, transformando os corações um a um. O amor desta mulher, expressão do amor de Deus, é o fermento vivo que transforma, como um dom seu, os que recebem o pão que ela trabalhou com suas mãos.

Para nós, o mundo inteiro é um altar

A alusão às três medidas de farinha tem ainda outro significado, que se entende a partir dos seus precedentes bíblicos: trata-se da mesma medida que Abraão e Sara oferecem para honrar os três varões misteriosos que os visitam em Mambré (cfr. Gn 18, 6), e é também a medida que Gedeão usa para oferecer um sacrifício que o Senhor consome com o fogo de um anjo (cfr. Ju 6, 19-21). Talvez, para algum judeu que ouvia a Jesus, só a menção das medidas de farinha evocaria essas ações sagradas (embora os sacrifícios costumassem ser feitos sem fermento). Com esta alusão, o Senhor parece querer recordar-nos que o trabalho daquela mulher é uma oferenda a Deus, como o nosso pode ser quando o unimos à santa Missa. Convertemos assim o que é humano, nossas horas de trabalho, em algo santo. E então se realiza a ideia tão formosa de que “o mundo inteiro (...) é altar para nós” [9].

São Josemaria animava-nos a fazer da Eucaristia “o centro da vida interior, de tal forma que saibamos estar com Cristo, fazendo-lhe companhia ao longo do dia, bem unidos ao seu sacrifício: todo o nosso trabalho tem esse sentido. E isto nos levará a dizer ao Senhor, durante o dia, que nos oferecemos por Ele, com Ele e n’Ele a Deus Pai, unindo-nos a todas as suas intenções, em nome de todas as criaturas. Se vivemos assim, todo o nosso dia será uma Missa” [10].

A imagem desta mulher com as mãos na farinha remontava provavelmente à infância de Jesus. Quem sabe? Inclusive, talvez fosse a sua mãe, santa Maria, que

tantas vezes preparou o pão. Nós a imaginamos concentrada em seu trabalho, fazendo o que era necessário para que o processo natural do fermento se desenvolvesse normalmente. Assim acontece no nosso trabalho: quando o fazemos na presença de Deus, deixamos Ele fazer uso dos nossos esforços para estender o seu reino, com o seu fermento divino. Ele mostrou isso a São Josemaria: “Contemplo já, ao longo dos tempos, até o último de meus filhos (...) atuar profissionalmente, com sabedoria de artista, com felicidade de poeta, com segurança de mestre e com um pudor mais persuasivo do que a eloquência, procurando – ao procurar a perfeição cristã em sua profissão e em seu estado no mundo – o bem de toda a humanidade”[11].

Javier del Castillo

[1] Francisco, Ex. ap. *Amoris Laetitia*, n. 129.

[2] São Josemaria, *Cartas 2*, n. 10.

[3] Mons. F. Ocáriz, Carta pastoral, 9-I-2018, n. 6.

[4] São Josemaria, Anotações da pregação, citado em E. Burkhart, J. Lopez, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaria*, vol. III, pp. 189-190.

[5] Cfr. São Josemaria, *Sulco*, n. 502.

[6] São Josemaria, *Cartas 36*, n. 38; citado em E. Burkhart, J. Lopez, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaria*, vol. 3, pp. 189-190.

[7] São Tomás de Aquino, *Suma teológica*, I, q. 38, a. 2, resp.

[8] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 48.

[9] São Josemaria, Anotações de uma meditação, 19/03/1968. Citado em J. Echevarría, *Viver a Missa*, Lucerna, Lisboa 2012.

[10] São Josemaria, Anotações da pregação, 27/05/1962.

[11] São Josemaria, *Cartas 3*, n. 4.

[Voltar ao índice](#)

A batalha de nossa formação. Acolher a novidade cristã

Embora o momento de esplendor de Atenas fosse já então coisa do passado, a cidade continuava sendo uma referência cultural em tempos de São Paulo. São Lucas diz de seus habitantes, mentes inquietas, que “não se ocupavam de outra coisa senão a de dizer ou ouvir as últimas novidades” (At 17, 21). Daí que seja surpreendente a sua rejeição cética ao anúncio da única novidade que merece este nome: a da morte e da ressurreição de Cristo, que nos salva do pecado. (Cfr. At 17, 32). Este *fracasso* no próprio coração da cultura clássica deve ter marcado vivamente São Paulo. Levou-o, de fato, a refletir profundamente, guiado pelo Espírito Santo, sobre o conteúdo da novidade cristã: por que os atenienses não se sentiram interpelados pelo que tinha mudado a vida do apóstolo dos gentios?

Velhas novidades e novidade autêntica

Em suas cartas aos cristãos de Corinto, a quem ele se dirigiu imediatamente depois dos atenienses, aparece o fruto desse processo de pensamento. São Paulo apresenta dois grandes eixos para que a sua mensagem seja acolhida: por um lado, há o mistério da cruz de Cristo, difícil de assimilar apenas com a lógica humana (cfr. 1 Cor 1, 20-25); por outro, há também as suas implicações concretas na vida diária: a cruz comporta um novo modo de estar no mundo (cfr. 1 Cor 5, 7-8). Só a partir deste duplo acolhimento de Jesus crucificado na nossa vida, podemos falar de novidade em sentido próprio. “Todo aquele que está em Cristo é uma nova criatura. Passou o que era velho; eis que tudo se fez novo” (2 Cor 5, 17).

A luz que São Josemaria recebeu em 2 de outubro de 1928 conecta com esta mesma novidade: a sua visão dos cristãos como “portadores da única chama capaz de iluminar os caminhos terrenos das almas, do único fulgor, em que nunca poderão dar escuridões, penumbras ou sombras”[1]. A autêntica novidade cristã, a nossa vida *em Jesus*, permitia-lhe perceber que algumas das chamadas *novidades* que agitavam então a vida da sociedade e da Igreja eram na verdade apenas “voltairianismos de peruca empoada ou liberais descredenciados do século XIX”[2]. Continuarão sempre aparecendo e desaparecendo; haverá sempre, em contraste com a mensagem cristã, outras *novidades* que são apenas um renascer “dos erros que houve ao longo dos séculos”[3], ou seja, algo profundamente velho.

Boa parte da nossa missão de cristãos comuns consiste em levar a autêntica novidade de Cristo a todos os âmbitos da nossa vida, sem nos deixarmos seduzir pelo que no fundo é somente aparência de novo. Para isso é imprescindível

acolhê-la primeiramente em nossa vida, deixá-la crescer com paciência e empenho, para que vá dando forma à nossa mentalidade e às nossas atitudes. Só assim contribuiremos para que “muitos não permaneçam em trevas, mas andem por caminhos que levam até à vida eterna”[4]

O mais importante é o semeador

Várias das parábolas de Jesus sobre o Reino de Deus manifestam que a sua presença entre nós é um dom gratuito. Na parábola do semeador (cfr Mt. 13, 3), por exemplo, o ponto de partida é a intervenção de *alguém* que semeia a semente. Sem essa ação prévia é evidente que não pode haver fruto. Por isso aqui já estamos diante do mais importante da narração; que o terreno seja bom, regular ou mau, é também importante, mas secundário.

A fé nos revela que somos filhos de Deus: herdeiros do mundo (cfr. Sl 2, 8), chamados a colaborar com o nosso Pai para que a criação inteira chegue a ser o presente que ele sonhou para nós (cfr Rm 8, 20-23). Animados pela mesma fé que sustentava a missão dos primeiros cristãos, procuramos descobrir como todos os caminhos da terra podem levar a Deus. Estamos convencidos de que “o mundo não é ruim, porque saiu das mãos de Deus, porque é criatura d’Ele, porque Javé olhou para ele e viu que era bom”[5].

Sabendo que somos filhos e herdeiros – em uma palavra: apóstolos – nós nos tornamos essa semente lançada aos quatro ventos. Acima de tudo, nos entusiasma saber que Deus se compromete a lançar de modo contínuo a semente para enriquecer o mundo com um profundo anelo de frutificar. Assim “podemos compreender toda a maravilha da chamada divina. A mão de Cristo colheu-nos de um trigo: o semeador aperta em sua mão chagada o punhado de trigo. O sangue de Cristo banha a semente, empapa-a. Depois, o Senhor lança ao ar esse trigo, para que, morrendo, seja vida e, afundando-se na terra, seja capaz de multiplicar-se em espigas de ouro”[6].

Trabalhar a terra, melhorar a semente

Não basta, no entanto, lançar a semente: também é necessário que esta tenha a força e a *inteligência* para enraizar. A terra pode, além disso, ser adubada; podemos cultivá-la e prepará-la da melhor maneira (cfr Lc. 13, 6-9).

Se quisermos que o fruto seja tão fecundo que, como diz Jesus, até os pássaros possam abrigar-se nos ramos da árvore em que aquele primeiro gesto se tornará (cfr Mt 13, 31-32), parte essencial do nosso modo de colaborar será preparar, na medida de nossas possibilidades, uma boa semente. Para isso precisamos, em primeiro lugar, convencer-nos de que a fé, que queremos viver e compartilhar não é algo irracional nem arbitrário, mas tem uma relação íntima com a verdade; precisamos ter a experiência vital de que a fé não é simplesmente “um sentimento bom que consola e afaga, mas permanece sujeito às nossas mudanças de ânimo, à variação dos tempos”[7]. O Papa Francisco nos recordou: “o homem precisa de conhecimento, precisa de verdade, porque sem ela não se mantém de pé, não caminha. Sem verdade, a fé não salva, não torna seguros os nossos passos”[8].

A sede de verdade permite-nos acolher a fé em nossa inteligência, descobrir a sua razoabilidade. Nossa inteligência abre-se então a horizontes muito mais amplos; a realidade torna-se para nós mais compreensível e, ao mesmo tempo, mais profunda. Isso é lógico: se o cristão quer ser semeador da novidade de Cristo, não pode renunciar a refletir sobre a sua fé, nem relacionar com ela todos os setores da sua vida, incluindo seu trabalho profissional. Este exercício de refletir nas coisas à luz da fé, que não é simplesmente recorrer a respostas pré-fabricadas, converter-se-á pouco a pouco num autêntico bom hábito, uma virtude: talvez uma das mais importantes. Só à luz desta inteligência da fé pode-se chegar a perceber os “os fulgores divinos que reverberam nas realidades mais vulgares”[9].

Para que esta abertura à verdade torne a nossa fé o mais fecunda possível, é imprescindível a humildade diante da realidade, a docilidade ao Espírito Santo, que nos fala através dos acontecimentos cotidianos e das pessoas que nos rodeiam (cfr Jo 14, 26); em suma, através da história. Embora possa parecer que em nossa tentativa de levar a luz de Cristo ao mundo, o mais importante seria uma atitude de segurança e de poder, na realidade a força só pode vir de Deus. Neste sentido, “a humildade é submissão criativa à força da verdade e do amor. A humildade é rejeição das aparências e da superficialidade; é a expressão da profundidade do espírito humano; é condição de sua grandeza”[10].

A “batalha” de São Josemaria

Compreende-se assim a determinação de São Josemaria para que desde o princípio o Opus Dei oferecesse uma profunda formação filosófica e teológica, que por sua vez teria um impacto no campo profissional de cada um. Em sua busca por encontrar o modo adequado de tornar isto possível, falava de uma autêntica “batalha”[11]. Esta linguagem bélica sublinha o caráter árduo da tarefa da própria formação e, portanto, a necessidade de empenhar-se nela, sempre segundo as circunstâncias pessoais de cada um. São Tomás de Aquino falava da virtude da “estudiosidade”, que implica um empenho particular na busca do conhecimento das coisas[12]; quer dizer, a atitude permanente de cultivar uma sã curiosidade por conhecer a fundo nosso mundo e vencer os obstáculos que nos impedem de levar isso a cabo. O importante será, em todo caso, não perder de vista a grandeza do objetivo que nos serve de impulso: assimilar a mensagem de Cristo para poder semeá-la na realidade que nos rodeia.

A linguagem bélica permite também considerar a importância da estratégia. Como conseguir um fim tão alto quando nos falta o tempo e a serenidade para enfrentar com rigor as grandes questões? Para alguns, a estratégia pode consistir em aproveitar bem os meios de formação dos quais já participam, cultivando as disposições necessárias para tirar deles mais proveito. Para outros, passará por aplicar o conselho da literatura clássica que São Josemaria utilizava: *non multa, sed multum*[13]– não se empenhar em muitas coisas, mas muito numa só, ou poucas – procurando conselho para um plano de leituras adaptado e progressivo. Outros, por sua vez, saberão aproveitar, com a ordem imprescindível em qualquer atividade intelectual, os incontáveis recursos que a internet oferece hoje. A imagem da luva que se adapta à mão, com a qual o fundador do Opus Dei falava do plano de vida, também serve para entusiasmar-nos com o próprio plano

de formação para crescer no conhecimento da nossa fé.

Dois conselhos para adquirir uma visão ampla

Se a luz da fé permite compreender o mundo em seu sentido mais profundo, o cristão deve saber que é protagonista e nunca mero espectador dos grandes debates culturais e intelectuais presentes na sociedade. Como nada humano lhe é alheio, ele cultiva um caráter inquieto e saudavelmente inconformista desde a sua juventude, sem medo de “contribuir, com iniciativa e espontaneidade, para melhorar o mundo e a cultura de nosso tempo, de modo que os planos de Deus estejam abertos para a humanidade”[14].

Para a realização desta tarefa, São Josemaria deixou dois conselhos. O primeiro refere-se a ter uma visão ampla, que não se contenta com objetivos pequenos. “Para ti, que desejas formar-te numa mentalidade católica, universal, transcrevo algumas características: amplidão de horizontes e um aprofundamento enérgico no que é permanentemente vivo na ortodoxia católica; empenho reto e sadio – nunca frivolidade – em renovar as doutrinas típicas do pensamento tradicional, na filosofia e na interpretação da história...; uma cuidadosa atenção às orientações da ciência e do pensamento contemporâneos; e uma atitude positiva e aberta ante a transformação atual das estruturas sociais e das formas de vida”[15].

Trata-se de um programa muito amplo, que vale a pena analisar com calma. O “empenho” de compreender, que requer leitura e estudo, faz-nos ver que fazemos parte de uma tradição que nos precede e que nos permite ver além do presente: “Somos como anões aos ombros de gigantes, pois podemos ver mais coisas do que eles e mais distantes, não devido à acuidade da nossa vista ou à altura do nosso corpo, mas porque somos mantidos e elevados pela estatura de gigantes”[16]. Com essa bagagem, podemos enfrentar de modo positivo as novas conquistas e questionamentos do nosso tempo, e aprendemos a discernir com espírito construtivo e com a ajuda dos outros o que pode ser considerado um verdadeiro progresso. Assim vamos forjando uma visão pessoal e ponderada dos grandes temas; vamos cultivando uma verdadeira mentalidade universal, *católica*.

Diante deste desafio de abrir tudo o que é humano aos planos de Deus, Bento XVI outorgou muita importância às “minorias criativas”; normalmente são elas “que determinam o futuro”. Por isso, concretamente, “a Igreja Católica deve ser compreendida como minoria criativa que possui uma herança de valores que não são algo do passado, e sim uma realidade muito viva e atual. A Igreja deve atualizar-se, estar presente no debate público, em nossa luta por um autêntico conceito de liberdade e de paz”[17].

Encontrar pessoas capazes de sintonizar com esta paixão pela formação e pela análise profunda de toda a realidade, e depois caminhar com elas para ter iniciativas de todos os tipos, é uma das experiências mais fecundas da vocação cristã no meio do mundo. A história dos primeiros fiéis da Obra é uma confirmação muito próxima de nós desta fecundidade[18]. Nesta tarefa, cada um deve situar-se na grande arena do mundo e encontrar dentro das circunstâncias

da sua vida, o seu próprio modo de colaborar. O segundo conselho de São Josemaria refere-se ao uso do plural. A luz da fé permite, em quase tudo, encontrar mais de uma solução, mais de um caminho. Atuações, modos de pensar e soluções diversas podem ser legitimamente inspiradas por uma mesma fé e, portanto, devem ser respeitadas[19]. A fé nos leva, por isso, a cultivar a nossa capacidade de escuta, de colaboração e de diálogo, com um sadio empenho por aprender e enriquecer-nos com outros pontos de vista.

A Sagrada Escritura diz que “Maria guardava todas essas coisas ponderando-as em seu coração” (Lc 2, 19): tudo o que sucedia ao seu redor, e de modo especial, aquilo que tinha a ver com seu filho, repercutia em seu mundo interior. Considerar repetidas vezes a beleza da nossa fé e a grandeza da nossa missão também inflamará o nosso coração em desejos de formar-nos cada vez melhor e de encontrar os meios concretos de consegui-lo. Levar-nos-á igualmente a propor iniciativas, procurando a colaboração de outros, que tornem presente a perene novidade de Cristo nos novos areópagos da cultura. E ajudar-nos-á, se for necessário, a sacudir qualquer assomo de “pessimismo estéril”[20], conscientes daquilo que São Josemaria dizia com frequência: “O mundo nos espera”[21].

Nicolás Álvarez de las Asturias

[1] São Josemaria, *Forja*, n. 1

[2] São Josemaria, *Caminho*, n. 849.

[3] São Josemaria, *O fim sobrenatural da Igreja*, n. 2.

[4] *Forja*, n. 1.

[5] São Josemaria, *Entrevistas*, n. 114.

[6] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 3.

[7] Francisco, Enc. *Lumen fidei*, n. 24

[8] *Ibid.*

[9] *Entrevistas*, n. 119.

[10] São João Paulo II, *Ângelus*, 4/03/1979.

[11] Cfr. M. Montero, “La formación de las primeras mujeres del Opus Dei (1945-1950)”, *Studia et Documenta*, vol. 14, 2020, p. 110.

[12] Cfr. São Tomás de Aquino, *Suma teológica*, II-II, q. 166, a. 2 ad 3.

[13] *Caminho*, n. 333.

[14] Mons. F. Ocáriz, *Carta pastoral*, 14/02/2017, n. 8.

[15] São Josemaria, *Sulco*, n. 428.

[16] Bernardo de Chartres, citado por Juan de Salisbury, *Metalogicon*, composto em 1159.

[17] Bento XVI, Encontro com jornalistas, 26-IX-2009.

[18] Algumas referências em J. L. González Gullón, *DYA. La Academia y Residencia en la historia del Opus Dei (1933-1939)*, Rialp, Madri 2016; e em M. Montero, *Historia de Ediciones Rialp*, Rialp, Madri 2020.

[19] Cfr. *Entrevistas*, n. 117.

[20] Cfr. Francisco, Ex. ap. *Evangelii gaudium*, nn. 84-86.

[21] *Sulco*, n. 290.

[Voltar ao índice](#)

O dom de olhar com Deus. Virtudes para a contemplação

Observar com atenção e amor a realidade: com essa descrição coincidem muitos pensadores, cientistas ou artistas, que cultivaram a arte da contemplação. Descobrir a riqueza de verdade e de beleza que está por trás do que existe, inclusive onde não suspeitávamos; despojar-nos das nossas ânsias de controlar tudo para desfrutar do que temos em nossas mãos, especialmente do que é pequeno. Se se trata simplesmente de *observar* de uma determinada forma, por que, às vezes, pode parecer-nos tão complicado? Aprender a fazer isso entusiasma-nos de modo especial porque sabemos que, se toda a criação merece a contemplação dos homens, muito mais a merece seu criador, em cuja infinita formosura se refletem todas as maravilhas conhecidas.

Fomos criados por Deus para a contemplação; ela será perfeita na vida futura, quando virmos o criador face a face e, nele, compreendermos com clareza todas as coisas e desfrutarmos delas. No entanto, como recordava São Josemaria, somos chamados já agora, a cada instante, a cada dia, a “ver a Deus em todas as coisas da terra: nas pessoas, nos acontecimentos, no que é grande e no que parece pequeno, no que nos agrada e no que se considera doloroso”^[1]. Queremos converter tudo em louvor, agradecimento, reparação e petição. Não olhamos a Deus apesar da correria diária, mas, precisamente, através dela, usando-a como trampolim para penetrarmos no céu.

Surgirá, então, em nós o que São Tomás de Aquino definia como uma “simples intuição da verdade que procede do amor”^[2]. Trata-se de um modo de olhar a realidade que não depende da instrução recebida nem da nossa ocupação: está ao alcance de todos, a todo momento, porque nasce do amor recebido de Deus que impregna o nosso olhar. Todos os santos, tão diferentes entre si, doutos e menos doutos, realizando tarefas tão variadas, viram crescer em suas vidas esta proximidade do criador. Por isso, a primeira coisa que, talvez, devemos recordar é o que diz o Catecismo da Igreja: que a contemplação é um dom^[3]. Não se trata de algo que podemos conseguir só com a nossa vontade, à força de planificações ou estratégias. Devemos, sobretudo, abrir-nos aos dons de Deus, dispor-nos para acolhê-los e isso implica o cultivo de algumas virtudes que preparam o terreno.

Valentia para abrir a porta

“Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearemos, eu com ele e ele comigo” (Ap 3, 20). Na capela do Keble College da Universidade de Oxford, há um quadro intitulado “A luz do mundo”, que representa esta cena do Apocalipse. Jesus aparece vestido de rei, com uma

lâmpada que ilumina a casa, ao mesmo tempo que bate sutilmente à porta. No solo destaca-se o mato que cresceu porque a porta estava fechada há muito tempo.

O Senhor, para presentear-nos com uma vida contemplativa, pede-nos que abramos a porta de nosso coração diariamente, como naquela pintura de meados do século XIX. A reação de Adão e Eva, nossos primeiros pais, depois da perda de sua inocência, foi precisamente a contrária: esconder-se e empenhar-se em *fechar a porta* para evitar o olhar de Deus... E todos nós, seus descendentes, conservamos um pouco dessa tendência. Trata-se, talvez, de um infundado temor do que Ele possa pedir-nos, medo de sentir-nos dependentes, incerteza sobre perder o efêmero controle da nossa vida. Ou talvez prefiramos simplesmente uma cômoda inércia que nos mantém distantes do espiritual, pelo esforço que implica dispor-se a receber esse dom.

“Repete-se, de algum modo, a cena de Belém, todos os dias. É possível que – não com a boca, mas com os fatos – tenhamos dito: *non est locus in diversório*, não há pousada para ti no meu coração. Ai, Senhor, perdoa-me!”^[4]. Acima de outros obstáculos, que podem parecer-nos às vezes mais difíceis de enfrentar, como a escassez de tempo, a *secura*, a dispersão ou a própria indignidade, esta estranha suspeita diante de Deus costuma ser um ato que é preciso podar para abrir a porta de nosso coração e poder, assim, compartilhar o olhar com o nosso criador.

Humildade e desprendimento que nos tornam leves

“A oração contemplativa (...) só pode ser acolhida na humildade e na pobreza”^[5]. Isto implica, em primeiro lugar, a difícil tarefa de aceitar serenamente a verdade sobre nós mesmos e sobre os outros. Não podemos dispor-nos a receber o dom de observar as coisas como o faz Deus se pomos continuamente máscaras, se as inventamos para os outros ou se encobrimos a realidade com uma fantasia pessoal, por melhor que ela possa parecer. A linguagem de Jesus é sempre simples e profunda, olha as coisas tal como são, sempre com misericórdia, enquanto nós muitas vezes podemos ser um pouco complicados, superficiais ou julgar com soberba o que nos rodeia.

“Se conhecesses o dom de Deus, e quem é que te diz: Dá-me de beber” (Jo 4, 10), diz Jesus à samaritana. Também, em outro momento, pergunta ao apóstolo Filipe: “Há tanto tempo que estou convosco e não me conheceste?” (Jo 14, 9). A humildade leva-nos ainda a reconhecer que sabemos pouco sobre o Senhor e seu modo de reinar no mundo “Passados cinquenta anos, sinto-me como uma criança que balbucia: estou começando, recomeçando”^[6], dizia São Josemaria em sua oração pouco antes de ir para o céu. Ao evitar nossa tendência a querer dominar tudo com a escassa luz de nosso critério, Deus poderá revelar-nos o que esconde a sábios e entendidos (cfr. Mt 11, 25).

Para ser contemplativos devemos, por outro lado, usar os bens terrenos de tal modo que nos ajudem a aderir aos eternos, e não ao contrário. Um coração que não se apega aos bens materiais está apto para os espirituais, leve para empreender o voo rumo a Deus, dá lugar aos dons da graça. Jesus, criador e Senhor do mundo, viveu desprendido de tudo em uma aldeia simples. Passou frio

no inverno, calor no verão, dispunha de escassos bens e cuidava deles. Trata-se, enfim, de não ter para com as coisas terrenas o anseio que só Deus merece.

A pobreza facilita a contemplação, mas o contrário também acontece, pois ambas se retroalimentam. “Quando contemplamos – explica o Papa Francisco – descobrimos nos outros e na natureza algo muito maior que sua utilidade (...). Como muitos mestres espirituais ensinaram, o céu, a terra, o mar, cada criatura possui esta capacidade icônica, esta capacidade mística de levar-nos de volta ao criador e à comunhão com a criação (...). Quem contempla desta forma sente assombro não só pelo que vê, mas também porque se sente parte integral desta beleza e se sente chamado a protegê-la”^[7]. Contra a lógica de abarcar tudo para si mesmo, podemos cultivar o assombro e o cuidado: essa é a lógica de Deus, que contempla amorosamente a sua criação.

Procurar essa *bendita solidão* para rezar

O fundo do mar alberga muitas maravilhas que não podem ser vistas da margem: corais, plantas, peixes, tudo com múltiplas formas e cores; caracóis, pérolas, e inclusive tesouros ou peças arqueológicas de grande valor. Para chegar a tudo isso, os mergulhadores incluem em seu equipamento um cinturão de chumbo. Longe de constituir um obstáculo, esse complemento lhes dá peso sob a água para contrabalançar a tendência do corpo a flutuar e voltar à superfície. De modo análogo, todos precisamos *de peso interior* para mergulhar no mar da contemplação de Deus, longe da superfície e da distração.

Para que a alma chegue a contemplar a natureza invisível de Deus, São Gregório Magno sustentava que o primeiro degrau é aprender a recolher-se em si mesma^[8]. Os evangelhos mostram frequentemente Jesus orando em lugares tranquilos e afastados. Se o Filho de Deus sentia essa necessidade de estar a sós com o Pai, quanto mais necessitaremos nós. Teremos de perder o medo que o silêncio talvez nos produz, procuraremos “essa bendita solidão que tanta te falta faz para teres em andamento a vida interior”^[9].

No século XVI, um casal espanhol pediu a São Pedro de Alcântara que lhes ensinasse a dialogar com Deus. Entre seus conselhos, o místico castelhano dizia que se o tempo de oração “é breve, todo ele se gasta em sossegar a imaginação e aquietar o coração, e, depois de já quieto, levantamo-nos do exercício quando o haveríamos de começar”^[10]. Por isso, é sempre bom praticar nossos costumes de piedade sem pressa, com tempo suficiente, evitando chegar com “os sentidos despertos e a alma adormecida”^[11].

Uma dieta para saborear a normalidade

A tecnologia oferece acesso rápido a uma infinidade de informações e a uma comunicação veloz. Sabemos bem que esta vantagem, se não estivermos atentos, pode se converter em má companhia para o nosso diálogo com Deus. Se os sentidos se habituem apenas a essa velocidade e a esses estímulos, quando outra tarefa requer outro tipo de atividade da mente, é fácil cair na dispersão. Procuramos, então, um reforço afetivo constante para nos sentirmos bem, longe

da sobriedade do habitual, da qual se foge quase inconscientemente. Esta atitude pode inclusive afetar os outros porque, como explica Santa Faustina Kowalska, “as almas menos recolhidas querem também que as outras sejam semelhantes a elas, pois constituem para elas uma contínua ocasião de remorso”^[12]. Para dispor-nos melhor à oração, pode ser útil uma *dieta digital sadia*, como a que fazem os atletas que querem percorrer longas distâncias: saber prescindir em alguns momentos da semana dos dispositivos eletrônicos; aprender a contemplar serenamente a natureza, uma paisagem, uma obra de arte; ler um bom livro ou ver um bom filme, sem se deixar interromper por qualquer coisa... Todas essas atividades requerem certo esforço das nossas potências. Mas, oferecem, pelo contrário, a recompensa de descobrir camadas mais profundas da realidade, exercitam nosso olhar para poder receber, como dom, cada vez com mais proximidade, o olhar de Deus.

Não devemos, no entanto, desanimar no caminho. O que mais agrada a Deus em nossos tempos de oração é a boa vontade de estar com Ele, nossa simples presença e companhia, como a de uma criança pequena com os seus pais. Alentados por essa atitude filial, poderemos ter a valentia de superar a inquietação diante do aparente silêncio e solidão da oração. Nenhum recurso que empreguemos na oração substitui o impulso genuíno de conversar com Deus, face a face, a decisão livre e discreta de dizer-lhe um “eu te amo” insubstituível, que ninguém mais pode dizer em nosso lugar.

Pablo Edo

^[1] São Josemaria, *Meditação*, 25/12/1973.

^[2] Cfr. São Tomás de Aquino, *Suma teológica*, II-II, c. 180, a. 6.

^[3] Catecismo da Igreja Católica, n. 2713.

^[4] São Josemaria, citado em Salvador Bernal, *Mons. Josemaria Escrivá, Perfil do fundador do Opus Dei*, Quadrante, São Paulo, 1978, p. 418.

^[5] Catecismo da Igreja Católica, n. 2713.

^[6] São Josemaria, citado em Salvador Bernal, p. 419.

^[7] Francisco, Audiência, 16/09/2020.

^[8] São Gregório Magno, *Homilias sobre Ezequiel*, II, 5, 9.

^[9] São Josemaria, *Caminho*, n. 304.

^[10] São Pedro de Alcântara, *Tratado da Oração e da Meditação*, XII, 6.

^[11] São Josemaria, *Caminho*, n. 368.

^[12] Santa Faustina Kowalska, *Diário*, n. 147.

[Voltar ao índice](#)

Seguir-te-ei para onde quer que fores. Fortaleza

Em casa de Simão, no umbral da porta, Jesus acaba de curar muitos doentes, além de ter expulsado outros tantos demônios. É a hora de passar para a outra margem do lago quando se aproxima um escriba, deslumbrado talvez por todos esses prodígios e diz: “Mestre, seguir-te-ei para onde quer que fores” (Mt 8, 19). Que intenções havia no fundo do coração daquele homem? Até que ponto percebia o que representava seguir o Mestre? Sabemos apenas o que Jesus respondeu: “As raposas têm suas tocas e as aves do céu, seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça” (Mt 8, 20).

Embora à primeira vista estas palavras possam parecer duras, quase decepcionantes para qualquer pessoa, tudo depende do que o escriba estivesse procurando em Cristo. Os apóstolos, certamente, ouviram respostas semelhantes e, mais do que uma advertência ou um não, descobriram nela um convite. Compreende-se assim, por exemplo, que Pedro, João e Tiago deixassem “todas as coisas” quando Jesus os chamou ao terminar a jornada de trabalho (cfr Lc. 5, 11), ou que Mateus fizesse a mesma coisa quando o Senhor foi procurá-lo onde ele cobrava impostos (cfr. Lc 5, 18). Os apóstolos percebem que, embora não ter “onde reclinar a cabeça” possa implicar muito sacrifício, tudo é pouco comparado com uma vida junto de Jesus.

O Senhor fala, pois, com energia, porque não quer que este homem se engane, pensando que está abraçando um projeto fantasioso, no qual tudo irá sempre de vento em popa. Porque no caminho junto de Jesus, as dificuldades – o cansaço, os defeitos próprios ou alheios, as incompreensões, os mal-entendidos – pesam, muitas vezes, mais do que pensávamos. E é então que a virtude da fortaleza, elevada pela graça divina, revela-se decisiva: dá-nos as armas para que nossos desejos de seguir a Jesus “para onde quer que Ele for” seja maior do que qualquer obstáculo.

Uma afetividade orientada sempre para Deus

“A felicidade do Céu é para os que sabem ser felizes na terra”^[1], costumava repetir São Josemaria. Em nosso dia a dia há muitas coisas que nos proporcionam alegria, mas, surgem também contrariedades que nos põem à prova. Nesse sentido, a nossa felicidade na terra tem logicamente muito a ver com a capacidade de aceitar esses momentos complicados, os dias em que quase nada sai como tínhamos planejado. É aí que entra a fortaleza, que transforma os obstáculos em oportunidades para voltar a orientar os nossos desejos mais profundos, repetidas vezes, rumo à direção correta: rumo a Deus. A fortaleza modela a nossa afetividade para que *se deixe afetar* mais por Deus do que pelas circunstâncias pessoais ou externas que podem mudar.

Há coisas desnecessárias para sermos felizes que talvez, às vezes, nos pareçam imprescindíveis. Podemos ver assim certas comodidades que hoje são quase moeda corrente, mas também outras necessidades que podemos ter inventado sem perceber. Além de tomar consciência dessas dependências, queremos ser suficientemente livres para que as circunstâncias externas não tomem decisões por nós: que um momento desagradável não nos impeça o sorriso, que o cansaço não nos vença tão rapidamente ou que sejamos capazes de renunciar a um gosto pessoal em favor de outra pessoa. A fortaleza nos torna menos dependentes de tudo o que não for amor de Deus, de modo que estejamos contentes com pessoas de vários tipos, em qualquer lugar, e realizando qualquer tarefa.

Assim, quando as multidões queriam proclamá-lo rei, entusiasmadas por seus milagres, Jesus “não se deixou enganar pelo triunfalismo: era livre. Como no deserto, quando afasta as tentações de Satanás porque era livre, e sua liberdade era seguir a vontade do Pai (...). Pensemos hoje em nossa liberdade (...). Sou livre? Ou, pelo contrário, sou escravo de minhas paixões, de minhas ambições, das riquezas, da moda?”^[2]. São Paulo transmite a sua experiência: “*Aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei viver na penúria, e sei também viver na abundância. Estou acostumado a todas as vicissitudes: a ter fatura ou a passar fome, a ter abundância e a padecer necessidade. Tudo possa naquele que me conforta*” (Fl 4, 11). Para ele nada constitui obstáculo no caminho rumo ao que ele verdadeiramente quer: amar a Deus com todo coração.

O bem maior é às vezes o menos evidente

Basta olharmos o mundo com realismo para reconhecer a necessidade da fortaleza. Vemos que as circunstâncias, positivas ou adversas, influem em nós. Percebemos a necessidade de superar certos períodos difíceis sem nos abatermos nem perder a serenidade. Sabemos, além disso, por experiência própria, que as coisas que valem requerem esforço e paciência: desde levar adiante os estudos ou vencer um defeito de caráter, até cultivar relações profundas com outras pessoas ou crescer em amizade com Deus. Apesar de o bom senso mostrar-nos isso claramente, não é raro, no entanto, que em algum momento o nosso raciocínio se distorça e fiquemos com uma visão estreita da fortaleza: como se fosse apenas um esforço cansativo para andar a contragosto.

Mas não, a fortaleza não consiste num exercício sem graça da vontade para superar-se, para não se queixar, para negar-se ou para resistir diante do que não queremos ou não entendemos. Vê-la assim acaba por esgotar qualquer um. Ser fortes consiste, antes, em robustecer as próprias convicções, em renovar sempre o amor que nos move, em fazer brilhar com maior força em nós os bens mais autênticos. Escolheremos então, cada vez com mais facilidade, inclusive com gosto, o que, verdadeiramente queremos, aquela “melhor parte” da qual Jesus fala (cfr Lc 10, 42).

Vejamo-lo com um exemplo: quem carece de fortaleza talvez não seja capaz de evitar um comentário brusco ou de sorrir quando está cansado. Nesse tipo de situações, a fadiga é motivo que pesa mais em suas reações ou em suas decisões e o faz perder de vista outros motivos pelos quais talvez valeria a pena esforçar-se.

Quem exercitou-se na fortaleza, pelo contrário, não só pode vencer o cansaço, mas o faz porque percebe o bem que isso lhe traz, tanto a ele como aos outros, e descobre nisso inclusive um caminho para amar a Deus. Só assim, ações como privar-se de um pequeno gosto, levantar-se na hora, evitar uma queixa ou fazer um favor que espontaneamente não faríamos, transformam-se num modo de aprendermos a perceber um bem maior mas talvez menos evidente, pelo menos no princípio.

Este processo, do qual poderíamos ver apenas o desafio de vencer-se, acaba de fato por tornar-nos mais livres, já que nossa alegria e nossa paz dependerão mais do que verdadeiramente queremos e menos de pequenas tiranias do momento, quer externas, quer internas. A luta para ganhar fortaleza é precisamente explorar esses pontos cegos que nos impedem de ver alguns aspectos do bem, simplesmente porque implicam esforço. Quem aprende a viver com fortaleza perseverará no bem quando as boas decisões não forem as mais atraentes. Ser forte é a atitude própria de quem percebe o valor real das coisas.

Agir com flexibilidade e realismo

Quando ouvimos Jesus dizer ao escriba que “não tem onde reclinar a cabeça”, poderíamos pensar também que está querendo pô-lo à prova: “seguir-me não é coisa fácil, estás certo de que queres fazê-lo?” Encontramos outras passagens do Evangelho, no entanto, nas quais o Senhor se expressa de modo semelhante e não o faz como uma advertência e sim – nós o vimos com a chamada de vários dos apóstolos – como um convite: “se alguém quer vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome cada dia sua cruz e siga-me” (Lc 9, 23); “Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduzem à perdição” (Mt 7, 13). Não se trata em nenhum caso de chamadas a um sofrimento sem sentido, mas ao desenvolvimento de uma liberdade grande: a fazer crescer em nós, pouco a pouco, uma disposição de coração capaz de amar até o extremo como ele mesmo o fez.

“O que é preciso para conseguir a felicidade não é uma vida cômoda, mas um coração enamorado”^[3]. O caminho do cristão é exigente porque requer um amor cada vez mais profundo; e, como diz aquela velha canção, “coração que não queira sofrer dores, passe a vida inteira livre de amores”^[4]. A vida de Jesus mostra como devemos encarar a adversidade ou a dor. A sua fortaleza não é a de quem constrói muros ao seu redor, nem a de quem coloca uma armadura para evitar as feridas, ou para que a realidade não o afete. Com paredes e armaduras, a resistência não se torna realmente parte da nossa personalidade; pelo contrário, tais recursos impedem o contato, a relação com a realidade. A sua rigidez impede-nos de nos mexermos com desenvoltura.

A fortaleza de Jesus, pelo contrário, entra em contato constantemente com o que o rodeia. Jesus não aceita a dor só porque ela é árdua, ou então para mostrar-se ou para demonstrar-nos algo. De fato, Ele simplesmente a assume-a quando é necessário, sem permitir que o desarmem. Vê nas dificuldades um sentido que dá razão e profundidade ao que está vivendo, em vez de tornar tudo absurdo. E isso é *amar o mundo apaixonadamente no seu sentido mais pleno*. Amar o mundo significa ter a capacidade de poder relacionar-se com ele em toda sua riqueza,

também com o valor oculto do imperfeito, nas situações da vida, em nós mesmos, nos outros. Se procurarmos a fortaleza de Cristo seremos pessoas mais sensíveis e profundas, mais imersas na realidade, mais capazes de encontrar a Deus em tudo. Pessoas, numa palavra, mais contemplativas.

Paciência para chegar até o fim

“Nós nos gloriamos na esperança de possuir um dia a glória de Deus”, escreve São Paulo. “Não só isso, mas nos gloriamos até das tribulações. Pois sabemos que a tribulação produz a paciência, a paciência prova a fidelidade e a fidelidade comprovada, produz a esperança. E a esperança não engana. Porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5, 2-5). Cada sacrifício livremente assumido, cada dificuldade acolhida sem rebeldia, cada vencer-se por amor, reafirma em nós a convicção de que a nossa felicidade está em Deus, mais do que em qualquer outra realidade. A luta cotidiana converte-se então, em uma conquista progressiva do bem verdadeiro, que nos concede algo da glória futura à qual aspiramos: a luta converte-se em um caminho de esperança.

Procurar habitualmente, em nossas decisões, o bem autêntico e oculto, proporciona-nos a coragem para não nos conformarmos com o imediato ou com o efêmero. E isso gera paciência: começamos a esperar cada vez mais no amor que não falha e que dá sentido a nossos esforços. Por isso, o forte não se desespera, não perde a serenidade diante de um fracasso ou quando os frutos do trabalho custam a aparecer. A paciência não é nem otimismo simplório nem resignação: é a atitude do homem livre, que ama não só por temporadas, mas que luta tendo sempre os olhos no fim que o aguarda. A convicção profunda de não querer se conformar a não ser com a felicidade do céu pode manter o necessário combate diário que permite seguir a Jesus “para onde quer que ele for”. É isso a fortaleza. Um coração forte, que não perde de vista o fim, pode *“lutar, por Amor, até o último instante”*^[5].

Magdalena Oyarzún

^[1] São Josemaria, *Forja*, n. 1005.

^[2] Francisco, Homilia, 13/04/2018.

^[3] São Josemaria, *Sulco*, n. 765.

^[4] Juan de Encina, “A los árboles altos”.

^[5] São Josemaria, “Tempo de reparar”, n. 4, em *“Em diálogo com o Senhor”*.

[Voltar ao índice](#)

Quando o mundo nos fala. Temperança

Existem diversas maneiras de olhar para a mesma coisa. Diante de um grande banquete, composto por todos os tipos de alimentos, cores, decorações e texturas, o olhar admirado de um fotógrafo não tem nada que ver com o olhar ansioso de um glutão. Ou, pensando em situações mais cotidianas, nosso olhar, ao folhear os títulos de um jornal, costuma ser bem diferente daquele com que contemplamos um pôr do sol. As diferenças entre estas formas de olhar não procedem somente das circunstâncias do momento ou das coisas que estão diante dos nossos olhos. O que as distingue, na realidade, é algo mais profundo, que tem a ver com a forma de nos relacionarmos com o mundo.

Toda a pregação de São Josemaria nos anima a ser “almas contemplativas, dentro das preocupações da terra”^[1]. Para isso é preciso aprender a olhar a realidade de uma maneira nova: um olhar que não receba apenas um aspecto – *o fragmento útil* – do que temos diante de nós. Um olhar que não procure simplesmente apropriar-se e possuir o que está olhando. O olhar contemplativo, de fato, não é egoísta nem possessivo: é transparente, sereno, receptivo, generoso. E para quem quer viver com Deus, a aprendizagem neste modo de olhar não é opcional. Somente ao converter nosso olhar poderemos descobrir o brilho divino em tudo o que nos rodeia, e vislumbraremos a verdade profunda das coisas e dos acontecimentos, “pois nele vivemos, nos movemos e existimos” (Atos 17,28).

É interessante que, ao mencionar possíveis temas para abordar na formação dos jovens, o fundador do Opus Dei tenha escrito: “A mortificação exterior – principalmente a vista; mortificação interior – especialmente a curiosidade”^[2]. Esses dois aspectos, intimamente conectados à vida contemplativa, fazem parte da virtude da temperança em relação ao desejo de saber, que é um dos mais fortemente enraizados na nossa natureza. Embora talvez na linguagem comum a palavra “temperança” traga à nossa mente a ideia de limitação, essa é uma visão bastante incompleta. A palavra latina *temperare*, de onde vem o termo que usamos, significa “misturar as coisas em sua dose certa”. Assim, a pessoa temperada em seu desejo de conhecer é alguém que não se deixa absorver pelo imediato, mas sempre consegue ir além. Desenvolve uma atitude aberta, atenta e silenciosa, que predispõe a chegar ao núcleo das coisas. Então o mundo fala com ele.

O olhar curioso

Existe uma forma de olhar que, por ainda não ter sido configurada pela temperança, se comporta como uma borboleta que pula de flor em flor. É a atitude de quem se detém em algo durante o tempo mínimo indispensável para satisfazer a sua curiosidade e captar o que deseja. Esse olhar não pretende

absorver a realidade ou capturá-la com profundidade, mas sim buscar o prazer proporcionado pela percepção sensível ou um gosto fugaz provocado pelo consumo de novas informações sobre o mundo. É o que São João chama de “concupiscência dos olhos” (1 Jo 2,16) e São Tomás de Aquino, vários séculos depois, chamaria de *curiositas*. Para este santo, o oposto da *curiositas* seria a *studiositas*, que consiste em encontrar essa justa dose – como parte, precisamente, da temperança – em nosso desejo de conhecer. A *studiositas* não procura simplesmente estabelecer um limite, mas sim remover os obstáculos que nos impedem de conhecer em profundidade, e não poupa o esforço e a fadiga que todo processo de aprendizagem acarreta.

Ceder à *curiositas* pode parecer uma atitude sem maior importância, que afetaria apenas a periferia de nossa existência. Que mal pode me fazer o simples fato de andar pelo mundo de olhos bem abertos, espremendo tudo o que encontro? No entanto, ouçamos estas palavras de Jesus: “O olho é a luz do corpo. Se teu olho é são, todo o teu corpo será iluminado”. (Mt 6,22). Se o olho ilumina todo o corpo, nosso olhar tem um efeito em nosso coração. Porque a *curiositas* quase sem percebermos, vai criando raízes cada vez mais profundas em nosso ser. Às vezes percebemos facilmente essa dispersão no mundo das redes sociais ou na internet: descobrimos que estamos navegando de página em página, sem saber o que estamos procurando. E por trás desse olhar acostumado a vagar, talvez apareça uma inquietação errante do espírito, que se manifesta em rios de palavras insensatas, confusão ou falta de paz interior.

Nesse sentido, o olhar que vai de flor em flor “pode ser o sintoma de um verdadeiro desenraizamento; pode significar que a pessoa perdeu a capacidade de habitar em si mesma”^[3]. Mais ou menos conscientes do nosso vazio interior, procuramos fugir para fora, para o mundo da distração, e paradoxalmente abandonamos o único lugar onde encontraremos Aquele que pode saciar a nossa sede. Santo Agostinho expressou esta experiência assim: “Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! Eu, disforme, lançava-me sobre as belas formas das tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não existissem”^[4].

Tudo isso explica por que, para que o nosso olhar chegue ao núcleo da realidade, é necessário desenvolver um sereno processo de discernimento, ao mesmo tempo em que abrimos a porta do próprio mundo interior: deter-se, pensar, não cair na pressa. Por exemplo, antes de clicar *play* em qualquer vídeo ou série interessante, é bom pensar se verdadeiramente é isso o que queremos fazer nesse momento. Quem sabe prescindir do que faz mal à sua alma, ou do que simplesmente o impede de crescer, “apercebe-se de que o sacrifício é apenas aparente, porque, ao viver assim (...) livra-se de muitas escravidões e no íntimo do seu coração consegue saborear todo o amor de Deus”^[5].

“Distrair-te. - Precisas distrair-te..., abrindo muito os olhos, para que entrem bem as imagens das coisas”, escreve São Josemaria provocando o leitor. E rapidamente replica: “Fecha-os de todo! Tem vida interior, e verás, com cor e relevo inesperados, as maravilhas de um mundo melhor, de um mundo novo: e terás

intimidade com Deus”[6].

Naturalmente, o fundador do Opus Dei não pretende que não olhemos nem absorvamos uma realidade que ele mesmo nos indica como lugar de encontro com Deus. Pelo contrário, diz que esse olhar externo, na realidade, está ligado ao nosso mundo interior e, ao mesmo tempo, contribui para dar-lhe forma, para o bem ou para o mal.

O olhar *interesseiro*

Um olhar que não está influenciado pela temperança também pode, sem perceber, impregnar-se de um interesse egoísta, possessivo, parecido ao de um animal que procura sua presa. “Lembra-te de que um olhar maldoso é coisa funesta” (Eclo 31,13), avisa a Sagrada Escritura.

Tal como o olhar que divaga de flor em flor, este olhar *predador* não costuma manifestar um fenômeno superficial: com frequência, revela um modo de relacionar-se com o mundo que se encontra no mais profundo da pessoa. É a atitude de quem vê tudo pelo filtro do próprio interesse e, como consequência, julga o mundo em relação ao benefício imediato que lhe traz. É como se o coração tivesse ficado rígido, observando tudo a partir de um único ângulo; como se todos os outros pontos de vista tivessem se tornado opacos.

A falta de temperança é destruidora, porque torna o ser humano parcial e insensível para perceber com calma a realidade e as pessoas com todas as suas nuances. Isto, por um lado, repercute em suas decisões, pois não ter um autêntico conhecimento do ambiente é um obstáculo para acertar. O guloso, por exemplo, fica preso na busca dos prazeres do paladar. Diante de um banquete, é incapaz de perceber toda a criatividade e beleza que é oferecida. Escolherá a maior porção, a que proporciona experiências mais fortes, mas é incapaz de desfrutar verdadeiramente com isso, nem de ter uma conversa enriquecedora com os outros.

Este olhar interesseiro influi também nas relações com os outros. Quem não conseguiu um olhar livre, tende a considerar as pessoas do ponto de vista do benefício que lhe trazem, do favor que pode pedir. A sua primeira reação não é olhar o outro nos olhos e imaginar como está, o que necessita, o que pode fazer por ele. Também não perceberá a singularidade ou o encanto da sua personalidade. Esta cegueira do espírito, esta incapacidade de ver a marca divina em quem nos rodeia, não provém de uma confusão causada pelos sentidos, mas de um olhar distorcido, adormecido pela intemperança. “Os nossos corações podem apegar-se a tesouros verdadeiros ou falsos, podem encontrar um repouso autêntico ou então adormecer-se tornando-se preguiçosos e entorpecidos”, dizia o Papa Francisco, em sua mensagem para uma Jornada Mundial da Juventude. “Quanta força há nesta capacidade de amar e ser amados! Não permitais que este valor precioso seja falsificado, destruído ou deturpado. Isto acontece quando, nas nossas relações, comparece a manipulação do próximo para os nossos objetivos egoístas”[7].

Alguns frutos da temperança

Quem adquire um olhar temperado vê o mundo com olhos novos, descobre maravilhas inesperadas. A moderação liberta, purifica o coração, facilita uma relação serena com as pessoas e com as coisas: faz crescer em nós uma atitude de interesse sincero, que não se deixa levar pelas aparências, que não se apressa a fazer juízos superficiais. O primeiro efeito da temperança, assim, é a “tranquilidade de espírito”, que brota da ordem no interior do homem^[8]. O olhar desprendido e limpo repara nos verdadeiros tesouros, onde pode encontrar um autêntico repouso. Um modo de crescer nesta sensibilidade é decidir-se a olhar o mundo com pessoas que percebem detalhes preciosos e diversos na realidade, como acontece com os artistas e os poetas. Quem não se lembra de uma conversa com uma pessoa que, com sua refletida opinião sobre uma obra de arte, nos revelou novas tonalidades do mundo?

Outro fruto da temperança é a capacidade de concentrar forças nos projetos que nos propomos. Não olhar desnecessariamente o celular ou não se perder na internet durante o trabalho ou estudo podem parecer coisas de pouco valor, que não influem na trama da nossa vida. Mas, na realidade, estas pequenas renúncias podem ser decisivas para nos concentrarmos e realizarmos, com todas as potências, o que queremos. Dizer “não” ao que dispersa a mente em mil coisas é, ao mesmo tempo, um “sim” ao que realmente importa. Este esforço, além disso, desenvolve a interioridade e, com o tempo, contribui a descartar o superficial como uma perda de tempo e liberdade. “A vida recupera então os matizes que a intemperança descolore. Ficamos em condições de nos preocuparmos com os outros, de compartilhar com todos as coisas pessoais, de nos dedicarmos a tarefas grandes”^[9].

O olhar desprendido, sereno e transparente, é que mais nos capacita para descobrir a beleza de tudo o que existe. Viver a temperança é poder aproveitar mais – não menos, tanto as coisas espirituais como as coisas sensíveis. Uma relação livre com o mundo, livre da busca ansiosa de prazer ou de autoafirmação, leva-nos a perceber a verdade das coisas e das pessoas. Permite-nos descobrir a beleza até em coisas mais delicadas e discretas. “Alguém disse, não sem razão, que somente o que tem um coração limpo é capaz de rir de verdade. Não é menos certo que somente pode perceber a beleza do mundo aquele que o contempla com um olhar limpo”^[10]. A pessoa temperada aprofunda mais na verdade das coisas: o mundo fala-lhe de Deus. É por isso que quem embarcar nesta aventura se reconhecerá, com o tempo, naquela exclamação de São Josemaria: “Meu Deus! Encontro graça e beleza em tudo o que vejo”^[11].

Maria Schoerghuber

^[1] São Josemaria, *Instrucción*, 8/12/1941, n. 70.

^[2] São Josemaria, *Instrucción*, 9/01/1935, n.135.

^[3] Cfr. J. Pieper, *As virtudes fundamentais*, Cultor de Livros, São Paulo.

^[4] São Agostinho, *Confissões*, X, 27, 38.

^[5] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 84.

^[6] São Josemaria, *Caminho*, n. 283.

[7] Francisco, Mensagem, 31-I-2015.

[8] Cfr. J. Pieper, *As virtudes fundamentais*, Cultor de Livros, São Paulo.

[9] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 84.

[10] J. Pieper, *As virtudes fundamentais*, Cultor de Livros, São Paulo.

[11] São Josemaria, *Forja*, n. 415.

[Voltar ao índice](#)

O que realmente conta. Pobreza de espírito

É quase meia noite. Já faz umas duas horas que o barulho deixou as ruas e foi para o interior das casas. Agora reina o silêncio. Ouvem-se os passos lentos de uma jovem nazarena, visivelmente grávida, que avança segurando o braço de seu esposo. Estão procurando quase às apalpadelas o estábulo que lhes indicaram para passar a noite. Deus está prestes a ver o seu Filho nascer na terra. Ele, que tudo pode, decidiu preparar-lhe um lugar praticamente sujeito à intempérie. “A palavra divina torna-se *incapaz de falar* (...). Quem teria imaginado? Natal significa celebrar o inédito de Deus, ou melhor, celebrar um Deus inédito, que inverte as nossas lógicas e expectativas (...). O Natal de Jesus não oferece o calor aconchegante da lareira, mas o arrepio divino que abala a história”^[1].

Embora com a passagem do tempo, a recordação da gruta de Belém tenha ficado como a de um lugar acolhedor, inclusive do ponto de vista material, é provável que não fosse tão cálida como imaginamos. O que pretendia Deus com esta escolha que representamos todos os anos em nossos lares? Naquela noite, José e Maria compartilharam o tesouro da pobreza. Os pais de Jesus foram liberados de tudo o que pudesse ofuscar a verdadeira riqueza que estavam prestes a receber. Podendo escolher qualquer lugar, qualquer conforto, o Criador escolhe a privação de tudo para mostrar-nos o que realmente conta.

O Reino pertence aos pobres

“Garantimos tudo, exceto o bom tempo e o amor”: assim dizia um cartaz na entrada de uma empresa de seguros, em uma cidade onde a meteorologia muda com muita frequência. Se não podemos decidir o tempo que vai fazer, podemos menos ainda garantir o carinho dos outros. Não existe dinheiro suficiente no mundo para forçar alguém a amar com sinceridade. Esta realidade pode deixar-nos um pouco nervosos, porque não nos oferece a segurança que experimentamos em outros âmbitos. É, porém, necessário viver com essa “margem de erro”: a preocupação de ter o controle bloqueia qualquer tentativa de amar e de ser amado; impossibilita a felicidade, simples, mas firme de quem entrega e recebe gratuitamente. “Bem-aventurados os que têm um coração de pobre, porque deles é o Reino dos céus” (Mt 5, 3): assim começa Jesus o Sermão da montanha. O Mestre oferece a felicidade, na terra e no céu, àqueles que põem a sua segurança e a sua riqueza em Deus.

A virtude da pobreza – que não se identifica com a pobreza material, econômica, que a Igreja nos incentiva a aliviar – faz parte da temperança: é uma disposição

que modera, quer dizer, coloca no lugar certo a nossa relação com os bens que Deus criou. O pobre de coração possui e desfruta das coisas sem ser possuído por elas; evita pôr sua segurança na acumulação bens; sabe detectar em si mesmo essa tendência que temos a construir nossa vida, inclusive inconscientemente, como se a felicidade dependesse fundamentalmente do que temos... E isso, apesar da advertência de Jesus: “Ai de vós, ricos, porque já tendes vossa consolação!” (Lc 6, 24).

Depois de muitos anos dedicados a ouvir todo tipo de pessoas, São Josemaria comentava: “Quando alguém centra a sua felicidade exclusivamente nas coisas daqui de baixo – tenho testemunhado verdadeiras tragédias – perverte o seu uso racional e destrói a ordem sabiamente estabelecida pelo Criador. O coração fica triste e insatisfeito; penetra por caminhos de um eterno descontentamento”^[2]. A pobreza permite perceber quão efêmeras são muitas “seguranças” materiais ou quão superficiais são certos momentos de consolo que não chegam ao fundo da alma. A pobreza de espírito permite, enfim, desfrutar verdadeiramente da realidade, porque nos conecta com o que é simples, com as pessoas, com Deus: com tudo o que deve ser, simplesmente, contemplado, e que sacia deste modo os nossos desejos mais profundos.

“Pobre de espírito, não significa exatamente ‘o homem aberto aos outros’, isto é, a Deus e ao próximo?” Perguntava-se São João Paulo II, durante a visita que realizou em 1980 a uma favela do Rio de Janeiro. “Não é verdade que esta bem-aventurança dos ‘pobres em espírito’, contém ao mesmo tempo uma *advertência* e uma *acusação*? (...). ‘Ai de vós’: esta palavra soa severa e ameaçadoramente, sobretudo na boca deste Cristo que costumava falar com bondade e mansidão”^[3]. É verdade, o pecado transtornou o nosso desejo de posse, de modo que deformamos facilmente a nossa relação com os bens criados. A avidez por possuir se vê talvez intensificada por uma cultura na qual o valor econômico – que se manifesta por sua vez em *status* social ou em imagem diante dos outros – chegou a ser às vezes a fonte última de valor. Nossa cultura tende a fazer pensar que a prosperidade e o conforto são a chave da felicidade e, no entanto, todos percebemos que a verdadeira alegria de uma pessoa se mede antes pela profundidade e autenticidade das suas relações com os outros. É essa a riqueza do pobre de coração; a seu lado, a solidão de quem vive rodeado de luxo surge muitas vezes como uma dramática pobreza.

Harmonia que cada um deve encontrar

Ano de 1968. No marco de uma entrevista sobre o lugar da mulher na sociedade, a jornalista interroga São Josemaria sobre a virtude da pobreza: quer saber como vivê-la e transmiti-la a partir da vida do lar. A resposta parte de uma premissa bem clara: “quem não amar e viver a virtude da pobreza não tem o espírito de Cristo. E isto é válido para todos: tanto para o anacoreta que se retira para o deserto como para o simples cristão que vive em meio da sociedade humana”^[4]. Ou seja: pessoas exteriormente muito diferentes, como uma que se retira para o deserto e outra que trabalha na correria da cidade, podem viver a virtude da pobreza com um autêntico espírito cristão. No entanto, enquanto ‘deserto’ parece significar ‘pobreza’ de todos os pontos de vista, como pode ser pobre quem vive no meio dos bens do mundo? Que modelo pode seguir?

São Josemaria desenvolve a questão detalhadamente. Num primeiro momento, identifica dois aspectos em nossa relação com as coisas materiais: dois polos, aparentemente contrários, que é preciso conciliar. Por um lado, a necessidade de uma *“pobreza real, que se note e que se toque – feita de coisas concretas – , que seja uma profissão de fé em Deus, uma manifestação de que o coração não se satisfaz com coisas criadas, mas aspira ao Criador”*. Por outro lado, a naturalidade com que um cristão deve *“ser mais um entre seus irmãos os homens, de cuja vida participa, com quem se alegra, com quem colabora, amando o mundo e todas as coisas criadas, a fim de resolver os problemas da vida humana”*^[5]. Nestas palavras está proposto o desafio da pobreza de espírito no meio do mundo: estar desapegado das coisas e, ao mesmo tempo, amá-las como dons de Deus para serem compartilhados com os homens. A pergunta segue, porém, de pé: como orientar-nos nesse empenho?

Se contemplamos a vida de Cristo como os evangelhos nos mostram, não vemos nele um abandono absoluto dos bens. Vemos antes que, sendo de uma posição modesta, nem rico nem pobre, ele os utiliza de modo equilibrado, virtuoso, perfeito. Jesus era conhecido no povoado porque ganhava o sustento com uma profissão que exercia junto de seu pai (cfr Mt 13, 55); tinha uma túnica de boa qualidade (cfr Jo, 19, 23); em algumas reuniões sociais, às quais ia, havia abundância, a tal ponto que, para acusá-lo, chamaram-no de comilão e bebedor (cfr Mt 11, 19); e convidou várias pessoas de boa posição econômica – Mateus, Zaqueu, José de Arimateia e outros – a receber o Reino de Deus. Por outro lado, também fica evidente a sua predileção, tanto na atividade diária como na pregação, por aqueles que materialmente não tinham nada: coloca a viúva pobre como exemplo de relação com Deus, em comparação com os ricos (cfr Lc 21, 1-4); conta como o pobre Lázaro entra no seio de Abraão, enquanto o rico que vivia a seu lado fica fora (cfr Lc 16, 19-23); diz claramente que *“é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus”* (Mt 19, 24); aconselha seus discípulos a não levar para sua missão nada que não seja imprescindível (cfr Lc 10, 4-11); e ele mesmo nasce numa gruta alheia e será sepultado num sepulcro de outra pessoa. Jesus vive livre de laços materiais e, ao mesmo tempo, desfruta dos bens criados. Não se trata de uma questão de equilíbrio – compromisso instável entre dois polos – e sim de harmonia: a beleza da forma alcançada. E encontramos esta harmonia em Jesus Cristo.

Não existem, porém, receitas universais: *“conseguir a síntese entre esses dois aspectos é – em boa parte – questão pessoal, questão de vida interior para julgar em cada momento, para encontrar em cada caso o que Deus pede. Não quero, pois, dar regras fixas”*^[6]. Existe, com efeito, o perigo de uniformizar, a possibilidade de se deixar levar pela tentação de elaborar uma lista padrão para, de modo ilusório, ter a segurança de estar vivendo uma virtude. Esse tipo de atitude, no entanto, esquece o papel indispensável da prudência, sem a qual as virtudes simplesmente não podem existir. Não se trata, portanto, de deixar-se guiar por ‘regras teóricas’ como por *“essa voz interior que adverte de estar se infiltrando o egoísmo ou a comodidade desnecessária”*^[7]. O importante, observava São Josemaria em outro momento, *“não é a materialidade de possuir isto ou carecer daquilo, mas conduzir-se de acordo com a verdade que a nossa fé cristã nos ensina: os bens criados são apenas meios”*^[8]. Com relação à elegância no vestir-se, por exemplo, aconselhava algo que pode ser aplicado em outros

campos da vida cotidiana: “Deves vestir-te de acordo com o tom da tua condição, do teu ambiente, da tua família, do teu trabalho, ... como os teus colegas, mas por Deus”^[9]. Fazia, finalmente, frequentes sugestões que cada um podia aplicar às suas próprias circunstâncias: não criar necessidades, cuidar do que se tem, prescindir de algo durante uma temporada, ceder o melhor aos outros, aceitar com alegria as incomodidades, não se queixar se falta algo... e tantas outras coisas pequenas que podemos descobrir na oração.

Amor ao mundo e solidariedade

São Josemaria experimentou a pobreza material em vários momentos de sua vida^[10]. Procurou, além disso, conservar certos costumes pessoais para garantir o seu espírito de pobreza, embora não quisesse que todos os fiéis da Obra os vivessem. Além disso, tinha consciência de que Deus o chamava a transmitir um espírito de santidade no mundo, não fora dele. Em virtude disso, mesmo quando outras pessoas eram chamadas a gestos radicais de abandono das coisas materiais como testemunho da suprema riqueza de Deus, estava convencido de que o que era específico dos cristãos comuns era converter-se em “testemunho explícito de amor ao mundo” e de “solidariedade com os homens”^[11].

No verão de 1974, teve um encontro com vários casais em Lima. Aquela reunião foi uma surpresa, pois o fundador do Opus Dei tinha estado indisposto nos dias anteriores. “Padre, eu quero que minha família viva com certo conforto”, começou dizendo um dos assistentes, como preâmbulo para perguntar-lhe como viver a pobreza nesse contexto. “Uma coisa é viver com certo conforto, e outra é ostentar luxo”, respondeu São Josemaria. “Dessa última coisa, eu não gostaria; da primeira, sim. E mais! Tens o dever de procurar para os teus esse certo conforto (...). Comporta-te como um bom marido, como um bom pai e sê generoso com tua mulher e com teus filhos. E depois, não ostentes os seus bens, mortifica-te um pouco e ajuda os outros”^[12]. Aqui se esboça o que pode ser um itinerário de pobreza no meio do mundo, amando os bens que Deus nos deu: ser generosos sem luxo, evitar pessoalmente a comodidade para exercitar-nos nesta virtude, ajudar os que necessitam.

Certa vez, São Josemaria dava como exemplo o caso de uma mulher de idade avançada que ele conhecia, que vivia a virtude da pobreza em uma vida sem problemas econômicos: “a pessoa de que agora falo residia num solar, mas não gastava consigo própria nem quatro tostões por dia. Em contrapartida, retribuía muito bem ao seu serviço, e o resto, destinava-o a ajudar os mendigos, passando ela mesma por privações de todo o gênero. Não faltava a essa mulher muitos desses bens que tantos ambicionam, mas ela era pessoalmente pobre, muito mortificada, desprendida por completo de tudo”^[13].

A virtude da pobreza vivida nas cidades implica a preocupação efetiva por quem passa problemas econômicos. “A oração a Deus e a solidariedade com os pobres e com os que sofrem são inseparáveis”, indica o Papa Francisco. “Para celebrar um culto que seja agradável ao Senhor, é necessário reconhecer que toda pessoa, inclusive a mais indigente e desprezada, tem impressa em si a imagem de Deus (...). O encontro com uma pessoa em condição de pobreza sempre nos provoca e

interroga. Como podemos ajudar a eliminar ou pelo menos aliviar sua marginalização e sofrimento, como podemos ajudá-la em sua pobreza espiritual?”^[14]. Estas perguntas interpelam de modo especial os cristãos que querem levar Cristo aos ambientes profissionais, onde tanto se pode fazer para ajudar os outros. São Josemaria insistia, por isso, que “temos obrigação de procurar que cada dia haja menos pobres no mundo (...). Meus filhos, a riqueza é dada pelo trabalho, pela especialização, pela promoção profissional e a Obra está fundamentada no trabalho”^[15].

“Tende em muito pouco o que haveis dado, pois tanto haveis de receber”^[16], diz santa Teresa de Jesus. A virtude da pobreza permite-nos ser felizes em qualquer circunstância; quando nos falta o necessário também. Ser pobre de espírito significa que não pomos a confiança nos bens que podemos controlar, e sim em Deus e, através dele, nos outros. “Livres para amar: este é o sentido de nosso espírito de pobreza, austeridade e desprendimento”^[17]. Entrar neste espaço de liberdade no qual já só nos importa o único necessário (c fr. Lc 10, 42), o que verdadeiramente conta, é ficar com a melhor parte que não nos será tirada.

Andrés Cárdenas Matute

^[1] Francisco, Audiência, 19/03/2018.

^[2] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 118.

^[3] São João Paulo II, Discurso, 2/08/1980.

^[4] São Josemaria, *Entrevistas*, n. 110.

^[5] *Ibid.*

^[6] *Entrevistas*, n. 110.

^[7] *Ibid.*, n. 111.

^[8] *Amigos de Deus*, n. 118.

^[9] *Ibid.*, n. 122.

^[10] Como amostra, pode se mencionar a falência do comércio de seu pai quando era adolescente, os duríssimos anos da guerra civil espanhola e a penúria material quando chegou a Roma.

^[11] *Entrevistas*, n. 110.

^[12] São Josemaria, Anotações de uma reunião familiar, 25/07/1974.

^[13] *Amigos de Deus*, n. 123.

^[14] Francisco, Mensagem, 15/11/2020.

^[15] São Josemaria, Anotações de uma reunião familiar, 24/04/1967

^[16] Santa Teresa, *Caminho de perfeição*, 33, 2.

[17] Mons. F. Ocáriz, Carta pastoral, 14/02/2017, n. 8.

[Voltar ao índice](#)

Com todo o coração. Castidade

“Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5, 8). Ver a Deus: sem filtros, sem pressa, sem limites... Quem poderia sonhar em alcançar algo assim com as próprias forças? Contemplar na fonte a beleza, a bondade, a grandeza que procuramos incessantemente em todos os lugares. Contemplar, que não significa observar de fora, mas de dentro, sabendo que somos inundados por toda essa realidade cheia de luz, por esse “Amor que sacia sem saciar”^[1] os nossos desejos mais profundos: desejos que neste mundo só encontram uma resposta parcial, embora as criaturas, muitas vezes, nos pareçam tão belas, boas e grandiosas quanto se pode imaginar.

Evidentemente, ao falar de pureza de coração, o Senhor não se refere apenas à castidade. Se existisse uma pessoa muito casta, mas injusta, insincera, desleal, preguiçosa ou egoísta, não diríamos que o seu coração é limpo. Quando o rei Davi suplica “Ó Deus, cria em mim um coração puro” (Sl 51{50}, 12), está pedindo um coração que agrupe harmoniosamente todas as virtudes; um coração que vibre com coisas valiosas e não com coisas insubstanciais, que seja capaz de dar a vida por algo maior do que ele, que não se deixe dominar por coisas efêmeras e superficiais. À medida que crescemos nas diferentes virtudes, o nosso olhar – nossos desejos, interesses, aspirações – torna-se mais claro e nos torna capazes de perceber o verdadeiro valor das coisas. Vamos aprendendo a ver, a contemplar, a desfrutar.

Perplexidades

Deus nos criou para esta contemplação, que conjuga todas as aspirações do coração. É uma graça que Ele quer nos dar. Trata-se, porém, de uma graça pela qual é preciso lutar. Precisamos conquistar o nosso coração para que se torne capaz de receber este dom, porque corremos o risco de deixá-lo fechado, esquecido num canto. Com palavras de São Josemaria, a castidade “é combate, mas não renúncia. Respondemos com uma afirmação gozosa, com uma entrega livre e alegre. O teu comportamento não há de limitar-se a evitar a queda, a ocasião. Não há de reduzir-se de maneira nenhuma a uma negação fria e matemática. Já te convenceste de que a castidade é uma virtude e de que, como tal deve crescer e aperfeiçoar-se?”^[2] A castidade é uma afirmação gozosa e sempre pode crescer. São duas ideias que podem ser familiares, mas talvez não sejam suficientemente compreendidas, o que pode gerar certa perplexidade.

A ideia da castidade como afirmação contrasta com a de quem dá uma ênfase excessiva ao *não*, como se a virtude consistisse precisamente em não fazer, não pensar, não olhar, não querer. A castidade é, pelo contrário, um *sim* ao amor, porque é o amor que a torna necessária e lhe confere o seu significado.

Naturalmente, é necessário dizer *não* a certos atos ou atitudes que lhe são

contrários e que toda pessoa sensata vê precisamente como negações do amor, que é por si sempre total, exclusivo e definitivo. Apesar de requerer alguns *nãos*, a castidade é, porém, uma realidade eminentemente positiva.

Imaginemos uma pessoa com um bom conhecimento da fé e da vida cristã, sinceramente decidida a levá-la à prática; uma pessoa que talvez tenha inclusive transmitido a outros esta visão positiva da santa pureza porque compreende esses raciocínios e os compartilha. Pode ser que a sua experiência prática desta virtude não corresponda à ideia de algo positivo que sempre pode crescer. Por um lado, porque não precisa exercer a pureza constantemente; há outros interesses que normalmente estão em primeiro plano e que relegam a castidade ao quarto ou quinto lugar dos seus problemas, de modo que a castidade não parece ser para ela, de modo habitual, nem uma afirmação, nem uma negação. Por outro lado, porque quando tem que lutar mais intensamente em algumas ocasiões para vivê-la, ela a sente precisamente como uma negação e não como uma afirmação.

Acrescenta-se a isto outra fonte de perplexidade: sendo uma virtude, a castidade está destinada a “crescer e aperfeiçoar-se”^[3]. Este bom cristão poderia outra vez dizer: consigo normalmente evitar atos, pensamentos, olhares contrários à castidade, não se trata disto? Não posso dizer que tenho a virtude? O que mais deveria eu fazer? Em que sentido deveria crescer e aperfeiçoar-se em mim a castidade?

A origem destas perplexidades encontra-se, na verdade, na ideia, bastante estendida, mas muito redutiva, de que a virtude é fundamentalmente um suplemento de força na vontade que nos torna capazes de respeitar normas morais, mesmo quando elas se opõem à nossa inclinação. Se esta visão fosse correta, a virtude consistiria na capacidade de ignorar a afetividade, e opor-se sistematicamente ao que sentimos sempre que o respeito a essas normas o exigir. Há nisso, naturalmente, uma parte de verdade, porque na formação da virtude frequentemente é necessário atuar contra a inclinação afetiva. É muito importante, no entanto, não esquecer que este não é o objetivo; trata-se apenas de um passo que, se não for seguido por outros, formará apenas a capacidade de se dominar, de dizer *não*. Quem pensa assim sobre as virtudes, mesmo que possa dizer que a castidade é uma afirmação gozosa, na verdade ainda não entendeu, porque não consegue ver o seu significado na prática.

Integração

A virtude, mais do que uma capacidade de opor-se à inclinação, constitui a formação da própria inclinação. A virtude consiste precisamente em gozar, em desfrutar do bem, porque cresceu em nós uma conaturalidade afetiva, quer dizer, uma espécie de *cumplicidade com o bem*. É precisamente neste sentido que chamamos temperança à ordem na tendência natural ao prazer. Se o prazer fosse mau, ordená-lo significaria anulá-lo. O prazer, porém, é bom, e a nossa natureza tende a ele. Que ele seja bom em princípio não significa, no entanto, que o seja em todos os casos: o objeto de uma tendência pode não ser bom para a pessoa num caso concreto. Por isso, temos que ordenar a nossa inclinação ao prazer. Se o conseguirmos, teremos convertido esta tendência em um dos nossos melhores

aliados para fazer o bem; e se não, será um grande inimigo que pode nos destruir, da mesma forma que a água, que mata a sede, hidrata o corpo e faz crescer as plantas... pode também provocar um tsunami, uma inundação, uma destruição.

Em que consiste ordenar essa tendência? É evidente que não se trata de fazer desaparecer a atração do prazer, coisa que por outro lado, é impossível. Tampouco em ignorá-la ou em viver como se não existisse; nem sequer em reprimi-la. Ordenar a tendência ao prazer significa integrá-la ao bem da pessoa^[4]: conferir unidade aos nossos desejos, de modo que se harmonizem progressivamente com a nossa identidade e a reforcem. Um coração impuro é um coração fragmentado, sem rumo; um coração puro, pelo contrário, é um coração unificado, com uma direção na vida.

Como se pode realizar isto? As tendências humanas são modos de perceber o bem: cada uma delas apresenta-nos como sendo conveniente o que a satisfaz. Dizemos que temos tendência ao prazer porque somos atraídos por algo que pode produzi-lo: aquilo parece conveniente aos nossos olhos. O que é bom para a tendência pode, no entanto, não sê-lo para a pessoa. Um doce pode atrair-me porque é agradável comê-lo, mas talvez não convenha à minha saúde (porque sou diabético, por exemplo), à minha forma física (estou tentando emagrecer) ou à minha relação com os outros (o doce não é meu). Toda tendência tem o seu próprio ponto de vista, avalia a realidade da sua perspectiva e não pode fazê-lo a partir de outra. A razão [inteligência] é a única faculdade que pode adotar todos os pontos de vista e integrá-los^[5], identificando o bem da pessoa e não apenas o bem de uma tendência concreta ou de um aspecto particular da vida. A razão ouve o que cada tendência tem a dizer, avalia o conjunto de todas os pareceres e julga se uma ação é boa para a pessoa.

A razão não é fria: é apaixonada, condicionada pelas tendências ou paixões. Se uma tendência fala muito mais alto que as outras, pode confundir a razão. Daí a importância de que as tendências sejam bem formadas (bem temperadas). Serão assim apoio, em vez de obstáculo, para o juízo da razão. Esta integração à razão requer, evidentemente, que o sentido da tendência seja compreendido e respeitado, e que se atue de modo que esse respeito impregne a nossa afetividade. A gula, por exemplo, revela que não se compreendeu – pelo menos de modo prático, que influa no comportamento – o significado da necessidade de comer. Ou seja, ainda não se assimilou completamente como o prazer de comer contribui para o bem integral da pessoa. Algo semelhante se pode dizer da castidade, e de qualquer outra virtude.

Um mundo interior

Ouçamos o conselho de São Josemaria num brevíssimo ponto de *Caminho*: “Para que hás de olhar, se ‘o teu mundo’, o levas dentro de ti”^[6]. É verdade: se temos um mundo dentro de nós – um mundo feito de coisas grandes, divinas e humanas – o olhar, a ação, o pensamento contra a castidade, podem ter uma certa força de atração, mas serão muito mais fáceis de combater, porque serão vistos como uma ameaça à harmonia do próprio mundo interior.

Poderíamos inclusive dizer, que a castidade se refere à sexualidade só

secundariamente. Tem a ver, principalmente, com a abertura do nosso mundo interior – do nosso coração – às coisas grandes, com a capacidade de perceber, de aspirar e de desfrutar do que é capaz de preencher o coração humano. Por isso, São Josemaria também dizia: *“nunca me agradou falar de impureza. Eu quero considerar os frutos da temperança. (...) Ao viver assim – com sacrifício – {o homem} se livra de muitas escravidões e no íntimo de seu coração consegue saborear todo o amor de Deus (...); ficamos em condições de nos preocuparmos com os outros, de compartilhar com todos as coisas pessoais, de nos dedicarmos a tarefas grandes”*[17].

A pessoa casta é capaz de se conectar afetivamente e de desfrutar de tudo o que é belo, nobre, genuinamente divertido. O seu olhar não é possessivo, mas agradecido: deixa o outro ser; não permite que a relação que o une a cada coisa e a cada pessoa fique manchada, despersonalizada. Quem não é casto tem um olhar baixo; um olhar que não é capaz de receber, mas só de exigir. Na verdade, não é capaz de desfrutar das pequenas coisas da vida e das relações pessoais; não é capaz de *estar* verdadeiramente com os outros. As coisas delicadas que os outros apreciam parecem-lhe insípidas; não lhe dizem nada, porque necessita de emoções fortes para reagir e experimentar algo positivo e agradável.

Entende-se assim que quem vive a castidade como afirmação gozosa não precise, em geral, de um esforço extraordinário da vontade para dominar o impulso sexual desordenado: o seu mundo interior, tecido de realidades valiosas e relações verdadeiras, entra fortemente em contraste com este impulso desordenado e o rejeita. Vivendo assim, sente-se totalmente livre, porque faz o que lhe agrada. O luxurioso, o incontinente, ou mesmo o meramente continente, pelo contrário, se conseguissem fazê-lo, sentir-se-iam reprimidos: como se algo lhes faltasse.

Para São Tomás de Aquino, o luxurioso, o incontinente, o continente e o casto são quatro figuras distintas^[8]. O casto e o luxurioso possuem, um a virtude e outro, o vício. O incontinente, sem chegar a ter o vício estabelecido, não vive de forma justa. E o continente, como indica o termo, se contém: não peca contra a castidade, mas tampouco possui a virtude: diante de uma tentação limita-se a reprimir o impulso, sem chegar ao gozo do bem. É o caso, por exemplo, de quem não quer olhar, mas gostaria que fosse inevitável ver. Salta simplesmente obstáculos que desejaria não precisar saltar e, ao fazê-lo, não se propõe formar a sua interioridade para configurá-la com o bem. Esta situação pode ser um passo em frente para quem vem de mais longe, essa pessoa, porém, terá ainda que percorrer um caminho até formar a virtude. Quem não se afasta decididamente da fronteira, embora consiga não pecar, nunca será mais que continente, não chegará a gozar da virtude nem a vê-la como uma afirmação gozosa.

Verão a Deus em tudo

“Felizes os limpos de coração porque verão a Deus” (Mt 5, 8). Jesus talvez não queira dizer que os impuros de coração serão proibidos de ver a Deus, mas sim que não conseguirão ver nada onde os de coração limpo perceberão uma beleza indescritível, cheia de nuances, que satisfaz todas as aspirações do seu coração. É isto de fato o que acontece aqui em baixo: os virtuosos são capazes de encontrar a

Deus em cada pessoa, em cada situação comum da vida, enquanto os que não o são, não sentem a sua presença ou a acham incômoda e desagradável, acham que limita a sua liberdade.

A virtude, assim entendida, como criação de um mundo interior belo, de uma conaturalidade afetiva que faz sentir alegria ao fazer o bem, constitui uma resposta às perplexidades já mencionadas. Se o esforço por formar a santa pureza não pretende, com efeito, apenas negar-se aos atos desordenados, mas também e sobretudo constituir um mundo interior cheio de realidades valiosas, sobrenaturais e humanas, compreende-se bem que esta virtude cresça e se forme não só quando é preciso vencer uma tentação, mas também quando a nossa atenção se dirige ao que há de valioso e belo na realidade, embora, por si, não tenha a ver nada com a sexualidade. A castidade não é uma virtude só para os momentos de combate: não é só para as tentações, mas é uma virtude da *atenção*, daquilo a que o nosso coração está atento. Também se compreende assim que essa delicadeza interior, essa abertura à grandeza, não tem limites e sempre pode crescer.

Os meios são muitos

Como formar esse mundo interior? É preciso, evidentemente, evitar o que possa perturbá-lo, procurando não dispersar ou turvar a vista e a imaginação, colocando certos freios à curiosidade, e evitando também cair no ócio, que é uma atitude passiva de quem cede o domínio das suas decisões aos acontecimentos. Navegar sem objetivo, deixando-se levar por qualquer vento, é um modo muito fácil de se perder e terminar em um lugar onde não se gostaria de estar.

Convém também crescer em fortaleza, porque sem ela é muito difícil manter o rumo em meio às ondas: a constância nas pequenas mortificações no trabalho, na relação com os outros, nos gostos, fortalece o coração. E a sinceridade: ter a simplicidade de falar do que nos acontece por dentro é um modo muito eficaz de oxigenar o nosso coração e de impedir que se intoxique com afetos que são excessivamente pequenos para ele.

São também muito importantes outros meios que dirigem o olhar da alma para o sobrenatural ou o humanamente valioso: a devoção eucarística, o carinho à Mãe de Deus, a oração e o tom habitual do relacionamento pessoal com o Senhor. As amizades e todas as relações humanas nobres cumprem também este papel: enquanto isolar-se ou fechar-se em si mesmo é fonte fácil de infecções, a dedicação sincera aos outros mantém o coração saudável.

É muito conveniente, além disso, ter interesses culturais de valor, especialmente a boa literatura, o bom cinema, a música, etc., que ajudam a desenvolver a sensibilidade estética e o sentido da beleza. Quem desfruta unicamente de filmes, leituras, planos ou vídeos de alta intensidade, quem se habitua a viver só de emoções banais, precisará de um esforço notável para dominar-se quando essas emoções entrarem na esfera sexual. E se o conseguir, verá tal domínio, no melhor dos casos, como repressão, como negação. É muito mais bonito, e mais eficaz, criar um clima interior limpo, luminoso, afirmativo. O nosso coração não foi feito para menos: desfrutar da beleza de Deus já nesta vida, e por toda a eternidade.

[1] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 208.

[2] *Amigos de Deus*, n. 182.

[3] *Ibid.*

[4] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2337: “A castidade significa a integração correta da sexualidade na pessoa e, com isso, a unidade interior do homem em seu ser corporal e espiritual”.

[5] Cfr. São Tomás de Aquino, *Suma teológica*, I-II, q. 17, a. 1, ad 2.

[6] São Josemaria, *Caminho*, n. 184.

[7] *Amigos de Deus*, n. 84.

[8] Cfr. *Suma Teológica*, II-II, qq. 151-156.

[Voltar ao índice](#)

Para dar luz, palavras verdadeiras. Sinceridade

“Eis um verdadeiro israelita, no qual não há falsidade” (Jo 1,47). O elogio que Jesus fez a Natanael também poderia ser aplicado a Ele por todos que o ouviam. O Mestre pronunciou apenas palavras verdadeiras e vivia profundamente de acordo com elas. Nas palavras de Jesus, sempre se manifesta o desejo ardente de nos dar o melhor que tem. E esse amor faz com que tudo o que diga seja sempre transparente, destinado a dar-nos a sua verdade e a sua misericórdia. Por isso, então como agora, sua vida e seu testemunho deslumbram, embora às vezes também assustem ou desestabilizem.

Sem medo da verdade

Um momento em que essa característica do Mestre é claramente percebida é o sexto capítulo de São João. Pouco depois de deixar a multidão maravilhada com a multiplicação de alguns pães e peixes, que todos comem até saciar-se, o vemos determinado a revelar uma verdade importante. Jesus sabe bem que aqueles milhares que O seguiram até lá terão dificuldade para entender isso. Mas nenhuma palavra será poupada, nem Ele suavizará a mensagem para torná-la mais aceitável: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna” (Jo 6,54). Quase todos se despedem dele, justamente pelo caráter desconcertante das suas palavras: “*Esta palavra é dura. Quem consegue escutá-la?*” (Jo 6,60).

Poderíamos dizer, usando a linguagem das redes sociais, que neste momento o seu *excesso* de audácia o levou a perder mais de cinco mil seguidores. Para o Mestre, porém, este fracasso é apenas efêmero e aparente: não o detém nem o condiciona... Tanto é assim que, ao descobrir o desânimo e a decepção no rosto dos doze, pergunta-lhes: “*Quereis vós também retirar-vos?*” (Jo 6,67). Paradoxalmente, para ficar conosco, Jesus prefere pagar o preço da solidão: não quer, para garantir um sucesso temporário, deixar de nos alimentar e de nos amar com o pão eucarístico ao longo dos séculos. Para Jesus, como para a sua Igreja, a verdade é amor por nós. Ele sabe que é decisivo manifestar-se de maneira autêntica, para que “*todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade*” (1Tim 2,4). E a verdade muitas vezes dói. “A verdade não é nada barata. É exigente e queima”, disse Joseph Ratzinger uma vez. “A mensagem de Jesus inclui também o desafio que encontramos nessa luta com os seus contemporâneos (...). Quem não quer deixar-se queimar, quem não está disposto a isso, também não se aproximará d'Ele”[1].

Jesus diz o que tem a dizer, como tem que dizer e quando tem que dizer. Poucos

dias antes de ser condenado à morte por aqueles que o escutam no Templo de Jerusalém, depois de tê-los acusado perante o povo de “guias cegos, hipócritas, (...) sepulcros caiados” (Mt 23,26-27), Ele os repreende assim, também publicamente: “Serpentes! Raça de víboras! Como escapareis ao castigo do inferno?” (Mt 23,33). Estas palavras podem nos impressionar. Jesus não fala tão duramente com os que estão no erro, nem com os pecadores..., mas sim com aqueles que, acreditando-se justos, impedem que outros se aproximem de Deus (Mt 23,13). Ele sabe perfeitamente que as suas palavras despertam a antipatia de quem já pensa em matá-lo. Mas isso não importa para ele. Nem mesmo o medo de que os seus discípulos se tornem vítimas indiretas do seu discurso inflamado o detém... porque o amor à verdade e aos homens está acima da vida terrena. São Josemaria resume muito bem esta atitude de Jesus: **“Não tenhas medo à verdade, ainda que a verdade te acarrete a morte”**[2]. Com essas palavras ásperas e duras que dirigiu aos fariseus, Jesus defende do erro e da mentira o pequeno rebanho que com o passar dos anos — Ele já sabe — também sofrerá o martírio por amor a Deus e por defender essa mesma verdade. Porque a verdade é a primeira e a última palavra de amor dos mártires cristãos.

São muitas as passagens na vida do Senhor em que prevalece esse amor à verdade. Como ele mesmo afirmou em seu julgamento perante Pilatos: “É para dar testemunho da verdade que nasci e vim ao mundo” (cf. Jo 18,37). E nós, cristãos, também fomos batizados e confirmados como testemunhas daquele que é “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6), diante das tentativas de submeter a realidade a cálculos, interesses ou ideologias. Testemunhas: isso é o que significa a palavra mártir. Embora Deus não chame todos os cristãos a derramar o seu sangue pela fé, Ele espera que estejamos dispostos a deixar a vida, gota a gota, por essa mesma fé; ser “mártires sem espetáculo”, como aqueles que “gastam os seus anos trabalhando sem outra mira que a de servir a Igreja e as almas, e envelhecem sorrindo, e passam despercebidos...”[3]. Porque, em última análise, “a existência temporária — tanto das pessoas como da sociedade — só é importante precisamente como etapa para a eternidade. É por isso que a vida terrena é apenas relativamente importante, e não é um bem absoluto. O que importa absolutamente é que você seja feliz, que você se salve”[4].

Não podemos deixar de falar daquilo que vimos

Que belo reflexo da atitude corajosa de Jesus Cristo vemos em seus primeiros discípulos! Depois do fogo de Pentecostes, é espantoso ouvir a pregação dos apóstolos, que agora falam sem medo. Assim eles aprenderam com o Mestre. No livro dos Atos dos Apóstolos, vemos Pedro e João sendo presos perante o Sinédrio por exporem publicamente a verdade da ressurreição de nosso Senhor e por darem explicações sobre a cura de um coxo. Depois de uma noite na prisão, eles são submetidos a um interrogatório, ao qual aquele homem curado também assiste. Os anciãos e escribas lhes perguntam: “Com que poder ou em que nome fizestes isso?” (Atos 4,7). A resposta de Pedro é exaustiva. Já não há sequer um indício da covardia que o levou a mentir e negar o Senhor durante a noite escura da paixão: “Jesus Cristo Nazareno, que vós crucificastes, mas que Deus ressuscitou dos mortos. Por ele é que esse homem se acha são, em pé, diante de vós” (Atos 4, 10). A liberdade com que Pedro e João falam os deixa perplexos. Eles não sabem o que fazer, exceto

ordenar que não ensinem ou façam qualquer coisa em Nome de Jesus novamente. A resposta de Pedro e João destaca a arbitrariedade do que eles estão pedindo: “Julgai-o vós mesmos se é justo diante de Deus obedecermos a vós mais do que a Deus. Não podemos deixar de falar das coisas que temos visto e ouvido” (Atos 4,19-20).

Esses exemplos da vida de Jesus e dos primeiros discípulos nos fornecem a medida adequada do nosso comportamento ao proclamar a verdade de Jesus Cristo. Uma falsa prudência pode levar-nos a fabricar discursos complacentes, ou a calar quando deveríamos falar. É claro que evangelizar não significa entrar sempre em conflito, mas também não pode consistir em evitá-lo permanentemente, comprometendo-se com a verdade. Nesse sentido, São Josemaria escreveu: “Contemporizar? É palavra que só se encontra (“é preciso contemporizar!”) no léxico dos que não têm vontade de lutar – comodistas, manhosos ou covardes –, porque de antemão se sabem vencidos” [5]. Ao mesmo tempo, também seria muito cômodo pensar que a fé pode ser transmitida sem considerarmos a solidez do nosso discurso, ou sem prestarmos atenção aos problemas, aos desejos e à sensibilidade de cada momento, de cada pessoa.

Em todo caso, quando um cristão quer viver de acordo com sua identidade, às vezes terá que superar o medo do ridículo, daquilo “que vão dizer”. Hoje talvez seja menos frequente os discípulos de Jesus acabarem entre os leões ou numa cela, como aconteceu a Pedro e João e a tantos santos que nos precederam na custódia e testemunho da fé. Pode acontecer, porém, que nossa imagem pública se ressinta, ou mesmo que sejamos perseguidos por causa de nossa defesa da dignidade humana e da liberdade de consciência, que estão na base do exercício da fé, do respeito à vida e de tantas outras realidades a que jamais podemos renunciar.

A vida dos cristãos, escreve São Josemaria, não é “anti-nada”: é “afirmação, otimismo, juventude, alegria e paz” [6]. Mas, precisamente por isso devemos ter “a coragem de viver pública e constantemente de acordo com a nossa santa fé” [7]: não podemos permitir que o amor de Deus e a verdade percam força nas nossas vidas, porque sem esse amor e essa verdade não teríamos nada para anunciar ao mundo. Junto a isso, é importante encontrar uma maneira de fazer o maior bem possível em cada situação, tendo em mente que a transmissão da verdade não depende apenas de dizermos as coisas, mas também de que, quem nos ouve, entenda. Também Jesus às vezes preferiu calar-se (Cf. Lc 4,28-30; Mt 26,63); e, se muitas vezes falava sem rodeios, sempre procurava uma forma de se fazer entender por uns e por outros. Nesse sentido, às vezes é contraproducente insistir em uma ideia e, em vez disso, convém esperar outra ocasião, ou repensar as nossas razões; e, como parte deste trabalho, teremos que nos esforçar para entender as razões dos outros, que muitas vezes podem nos iluminar para entender melhor a nossa fé e as deficiências de nosso discurso.

Na sua primeira carta, que poderíamos chamar a primeira encíclica da história, São Pedro apresenta em poucas palavras todo este programa apostólico: “santificai em vossos corações Cristo, o Senhor. Estai sempre prontos a responder para vossa defesa a todo aquele que vos pedir a razão de vossa

esperança, mas fazei-o com suavidade e respeito. Tende uma consciência reta a fim de que, mesmo naquilo em que dizem mal de vós, sejam confundidos os que desacreditam o vosso santo procedimento em Cristo” (1 Pe 3, 15-16).

Nos areópagos do nosso século

O desafio de evangelizar não requer apenas coragem, mas também preparação intelectual e teológica — a que cada um pode obter —, dom de línguas e empatia com a cultura contemporânea, que é a nossa. Ver o próprio São Paulo em Atenas pode ajudar-nos a compreender como nos manifestar no areópago do nosso século (cf. At 17,16ss). Primeiro observamos um Paulo que se consumia em seu interior ao observar uma cidade entregue à idolatria. No entanto, o seu ardor não o leva a falar com amargura, ou de modo pouco educado[8]. Ele explora o terreno e ouve: primeiro, os seus irmãos judeus na sinagoga e, depois, na rua, os filósofos epicuristas e estoicos, com quem dialoga e expressa as suas ideias sobre Deus e sobre a vida. Além de olhar com interesse para a arquitetura da cidade, São Paulo mostra um bom conhecimento da sua literatura. Isso permite que adapte sua mensagem a esse público que demonstrou curiosidade sobre suas palavras. São Paulo adapta a sua pregação a esse público já difícil, mas não rebaixa nem atenua o evangelho. O discurso que ele faz no Areópago continua sendo um modelo, que vale a pena ser relido de vez em quando.

Num primeiro momento, São Paulo elogia a beleza de um altar construído ao Deus desconhecido, que descobriu enquanto caminhava pela cidade. Essa referência cultural o aproxima dos seus interlocutores e lhe permite falar desse Deus misterioso, que ele afirma conhecer. Com várias referências literárias aos poetas gregos, São Paulo enfaticamente dirige o discurso para a verdade que quer transmitir: que todos somos criaturas daquele Deus desconhecido, porque ele é o Criador e Senhor de todas as coisas. Também lhes explica como Deus se fez presente entre nós, não por meio de ídolos construídos pela mão do homem, mas encarnando-se e oferecendo como prova da sua divindade a sua ressurreição dos mortos...

São Paulo consegue fazer resplandecer com todo o seu esplendor a autenticidade do *kerigma*, o *coração da fé*, perante um povo culto e pagão. É verdade que, como aconteceu com o Senhor no discurso sobre o Pão da Vida, a maior parte do público se retira educadamente: *“A respeito disso te ouviremos outra vez”* (Atos 17,32). Nem todos os ouvidos estão preparados para aceitar a palavra de Deus em primeiro lugar. Mas alguns permanecem: a história acrescenta que Dionísio, o Areopagita, uma mulher chamada Damaris e alguns outros abraçaram a fé naquele dia. A coragem de Paulo, a preparação intelectual e a capacidade de lidar com as pessoas, como a de tantos cristãos, é madeira que permite que o Espírito Santo acenda o fogo de Jesus Cristo em muitos corações. Finalmente, esta passagem da vida de São Paulo ensina muito sobre como proceder em uma cultura que às vezes perdeu até a própria linguagem usada para nomear Deus.

Tudo para todos

As palavras e a vida de um cristão às vezes podem ser escandalosas, não porque ele faz algo errado, mas por causa do que é considerado como socialmente

aceitável. Certamente, o seu modo de vida pode revelar, mesmo sem querer, o modo de vida de muitas pessoas: em suas relações afetivas, em certos hábitos profissionais, nas formas de se divertir. Formas e hábitos que não apenas recebem a aprovação do sentimento comum, mas às vezes se tornam direitos legalmente exigíveis.

Nesse contexto, é possível que uma pessoa se sinta julgada e desprezada em seu coração diante de uma declaração de São Paulo: “Não vos enganeis: nem os impuros, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os devassos, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os difamadores, nem os assaltantes hão de possuir o Reino de Deus” (1 Cor 6,9). Essas palavras podem ter chocado alguns dos coríntios que as receberam, e certamente isso acontece hoje. Nós cristãos vivemos de afirmação, e os modos de falar podem mudar dependendo do momento ou dos interlocutores; mas não podemos fazer como aqueles mestres que dizem o que cada um gostaria de ouvir (2 Tim 4,4). Já o profeta Isaías escreveu: “Ai daqueles que ao mal chamam bem, e ao bem, mal, que mudam as trevas em luz e a luz em trevas, que tornam doce o que é amargo, e amargo o que é doce!” (Isaías 5, 20).

Ao mesmo tempo, o nosso testemunho da verdade não se reduz a denunciar o mal: o Evangelho é sobretudo um anúncio do amor incondicional de Deus por cada um. As próprias palavras de São Paulo não se limitam a uma enunciação condenatória de vícios e pecados; por trás dessas linhas fortes, ele acrescenta: “Ao menos alguns de vós têm sido isso. Mas fostes lavados, mas fostes santificados, mas fostes justificados, em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus” (1 Cor 6,10-11).

Talvez hoje mais do que nunca percebamos como “a tarefa evangelizadora transita entre os limites da linguagem e das circunstâncias. Procura sempre comunicar melhor a verdade do Evangelho em um determinado contexto, sem abrir mão da verdade, do bem e da luz que pode trazer quando a perfeição não é possível. Um coração missionário conhece esses limites e se torna ‘fraco com os fracos [...] tudo para todos’ (1 Cor 9,22)” [9]. Quem vive de uma profunda amizade com Deus e com os outros pode deixar-se conquistar pela verdade e manifestá-la livre e amorosamente, acompanhando os outros num plano inclinado. É verdade, “O santo, para a vida de muitos, é ‘incômodo’. Mas isso não significa que tenha de ser insuportável. – O seu zelo nunca deve ser amargo; a sua correção nunca deve ferir; o seu exemplo nunca deve ser uma bofetada moral, arrogante, na cara do próximo” [10].

Hoje como ontem, para ter acesso à misericórdia de Deus é preciso bater no peito e reconhecer-se pecador, o que às vezes exige um caminho lento e paciente, primeiro em cada um de nós... Como é importante que, ao longo da vida, todos possamos ter amigos ao nosso lado que, ao mesmo tempo que nos compreendem, nos iluminam com palavras verdadeiras. Porque somente a verdade nos liberta; só ela pode libertar os nossos corações (cf. Jo 8,32), só com ela vem realmente a alegria. E é isso que significa evangelizar: “se trata sempre de fazer felizes, muito felizes, as pessoas”, porque “a Verdade é inseparável da autêntica alegria” [11].

[1] J. Ratzinger, *Deus e o mundo – Fé e vida em nosso tempo*, Paulus Editora

[2] São Josemaria, *Caminho*, n. 34.

[3] São Josemaria, *Via Sacra*, 7.4.

[4] São Josemaria, *Cartas*, VI. 1973, n.12.

[5] *Caminho*, n. 54.

[6] São Josemaria, *Forja*, n. 103.

[7] São Josemaria, *Sulco*, n. 46.

[8] Cf. *Caminho*, nn. 396 e 397

[9] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii gaudium*, n. 44.

[10] *Forja*, n. 578.

[11] *Sulco*, n. 185.

[Voltar ao índice](#)

Para ver claramente o caminho. Simplicidade

“Busquem o suficiente, mais nada. O resto é peso, não alívio, é fardo e não honra”^[1]. É verdade: a vida cristã nos leva a procurar a intimidade com Deus e a nos desprendermos do que não nos leva a Ele. Trata-se de uma viagem interior em que nos esforçamos a cada passo por identificar e escolher “o suficiente”, a única coisa necessária que não nos será tirada (cfr. Lc 10,42).

A experiência nos mostra, no entanto, que essa busca pode ser complexa. Há épocas em que a vida se converte numa espécie de labirinto: momentos de confusão interior e de caos exterior, dias em que temos a cabeça cheia e o coração vazio. Pode acontecer também que, por nossa maneira de ser ou por atravessarmos períodos difíceis, tenhamos a tendência a complicar as coisas, analisando mil vezes a realidade. Nesses momentos, qualquer decisão pode nos paralisar, e talvez não consigamos sintonizar com a vontade do Senhor. Desejaríamos então que a vida fosse mais simples e os nossos raciocínios mais diretos. Desejamos possuir essa simplicidade que é capaz de iluminar a mente e deixar a alma mais leve.

Como discernir a vontade de Deus em cada ocasião? Como aceitar com serenidade os acontecimentos da vida cotidiana? Como relacionar-nos com quem nos rodeia sem julgar ou distorcer suas intenções? Convém refletir, em primeiro lugar, sobre as raízes da nossa tendência à complicação. A partir daí, descobriremos duas disposições que podem nos ajudar a desfazer os nós de nossa alma: a humildade e o abandono.

O Criador da vida e o “criador” do medo

Todo artista deixa uma marca em suas obras. Deus também deixou na criação um dos traços mais profundos da sua essência: a unidade. Ele é Unidade na Trindade, e a harmonia e a beleza do paraíso mostram que não faltava nem sobrava nada em sua criação. (cf Gn 2,1). O mundo e o ser humano tinham surgido do Amor, porque somente o Amor é capaz de criar, e o Amor os mantinha unidos.

No entanto, diante do Deus da afirmação, do sim, do “seja” (cf Gn 1,3), surge a voz do tentador. Como o diabo não pode criar, ele se dedica, de certa forma, a *descriar* e insinua ao homem uma leitura distorcida da realidade. Desde aquele primeiro episódio com Adão e Eva, o diabo joga com os nossos medos para que nos angustiemos com o futuro ou para que imaginemos intenções rebuscadas nas palavras e ações dos outros. Dessa forma, nos transforma, pouco a pouco, em almas inseguras, calculistas e preocupadas.

“É verdade que Deus vos proibiu comer do fruto de toda árvore do jardim?”, pergunta o diabo (*Gn 3,1*). O inimigo concentra a nossa atenção na árvore proibida para deixarmos de apreciar o resto dos dons de Deus: plantas, animais, outros seres humanos, uma vida em estado de graça... Começamos então a ver o mundo com suspeita, com olhos complicados. Satanás nos faz acreditar que nos falta alguma coisa, que Deus não é sincero, que esconde as coisas de nós. O Eclesiastes explica assim: “Somente descobri isto: Deus fez o homem reto, mas é ele quem procura os extravios” (*Ecl 7,29*).

E a complicação prepara para o pecado. O homem não dialoga nem passeia mais com Deus... e acaba por se esconder dele (cf *Gn 3,8*), com medo de ser visto nu, desarmado, que, no final das contas é como a criatura sempre se encontra diante do seu Criador. Para o diabo não é suficiente fazer-nos cair: volta logo com outra sugestão, outra “não-criação”, que nos afasta ainda mais de Deus. Quando se perde a confiança entre Criador e criatura, quando queremos nos esconder do seu olhar, entram no mundo a ansiedade e a fadiga (cf *Gn 3,16-17*). O homem e a mulher vivem então com medo do futuro^[2]; o seu coração acaba ficando exausto e se converte, dessa forma, em um terreno fértil para a tristeza, essa grande aliada do inimigo.

A complicação que o pecado traz consigo fez que nos seja difícil perceber onde está o bem e tomar decisões que conduzem a Deus. O livro dos Provérbios diz isso sem rodeios: “O homem de coração falso não encontra a felicidade” (*Pr 17,20*). Mas sentimos falta da harmonia do nosso passado junto a Deus, e é precisamente essa espécie de lembrança, essa nostalgia que ficou na alma o que continua nos atraindo ao Senhor. A liturgia da Sexta-Feira Santa o expressa assim: “Deus todo- poderoso e eterno, Tu criaste todos os homens para que, desejando-Te sempre, Te procurem, e, quando Te encontrem, descansem em Ti”^[3].

Humildade: saber-nos olhados por Deus

Para ver-nos e para ver o mundo com olhos simples, é necessário em primeiro lugar encontrar o nosso descanso no olhar de Deus. Saber que Ele está nos contemplando dá muita segurança: entendemos que Deus nos ama em nossa *verdade* e que o resto tem uma importância muito relativa. À margem desse olhar, por outro lado, sentimos a necessidade de proteger a nossa fragilidade e nos encerramos em nós mesmos, ou ficamos paralisados pelo medo. Quem se refugia nesse olhar de amor desfruta da serenidade dos simples, porque não depende de circunstâncias que, no fim das contas, fogem do seu controle. “Somos da verdade – diz São João – e tranquilizaremos a nossa consciência diante de Deus” (*1 Jo 3,19*).

Podemos pensar em Simão Pedro, que era um homem bom, mas com um coração às vezes complicado. Em seu amor ao Senhor misturam-se a dúvida com a decisão, a obediência com a rebeldia, a coragem com o medo... Seu maior momento de confusão aconteceu no pátio de Ananias, durante a Paixão do Senhor (cf *Lc 22,65-72*). Podemos imaginar como, enquanto Jesus é interrogado, a angústia do discípulo cresce a cada minuto: quer ser fiel, mas não compreende o que está acontecendo. Os acontecimentos são muito difíceis para ele. Gostaria de retornar a essas caminhadas com o Mestre pelos campos da Galileia, quando a sua

voz ressoava clara e os problemas se resolviam com um gesto ou uma palavra do Senhor. Naqueles dias, era fácil crer nas promessas. O futuro era esplêndido, nítido.

Agora não tem mais o Senhor para tirá-lo da água e o medo se apodera dele. Pedro cede à pressão e nega conhecer o Mestre. O evangelho conta que, pouco tempo depois, seus olhares se cruzam: “Voltando-se o Senhor, olhou para Pedro. Então, Pedro se lembrou da palavra do Senhor: Hoje, antes que o galo cante, tu me negarás três vezes. Saiu dali e chorou amargamente” (Lc 22,61-62). O olhar de Jesus *desbloqueia* a confusão de Pedro. Quando o Senhor olha para ele, Pedro consegue ver a si mesmo em sua *verdade*, com o olhar de Deus. “Olhai-me – pedia o futuro Bento XVI numa Sexta-Feira Santa – como olhastes para Pedro depois de Vos ter negado. Fazei com que o vosso olhar penetre nas nossas almas e indique a direção à nossa vida”^[4].

Ver-nos como somos, ver claramente a nossa própria realidade, pode fazer-nos chorar amargamente como aconteceu com Pedro. Mas é a única forma de termos uma base firme e abandonar a ansiedade que nos produz pretender ser quem não somos. Precisamos olhar-nos com os olhos de Deus e ser capazes de dizer a nós mesmos: “sou como sou, e desse jeito Deus me quis, para alguma coisa grande”.

São Josemaria resumia em duas palavras os vários temas da oração de um cristão: “conhecê-Lo e conhecer-te”^[5]. De fato, os nossos tempos de conversa com Deus são o momento adequado para obter uma visão serena dos problemas e de nós mesmos, para que o emaranhado dos nossos pensamentos possa se desfazer com a graça de Deus. Também nos irão ajudar as orientações que possamos receber na direção espiritual ou nos meios de formação. Confiar em alguém que nos conhece pode ser muito útil para descomplicar a realidade e para tirar importância dessa voz interior que se empenha em confundir os nossos pensamentos. De fato, São Josemaria explicava que o objetivo da formação cristã que se oferece no Opus Dei é a simplicidade: “nossa ascética tem a simplicidade do evangelho. Ficaria complicada se fôssemos complicados, se deixássemos o coração escuro”^[6]. Por isso, às vezes, o primeiro passo para crescer em simplicidade será simplesmente acolher com boa disposição um conselho e ver na presença de Deus a melhor forma de colocá-lo em prática.

Abandono: *agora* é o tempo do amor

A dificuldade para se abandonar em Deus pode ter muitas causas: um certo complexo de inferioridade, baixa autoestima, dificuldade para conviver com os próprios erros... Por outro lado, o ritmo de trabalho atual tende a complicar a vida e, em ocasiões, o caráter: ao poder fazer mais coisas cada dia, as decisões que temos que tomar aumentam. As prioridades nem sempre se apresentam com uma clareza bem definida, a competitividade social nos pressiona e introduz ambições que acabam pesando na alma... Desejaríamos viver uma vida simples, mas a realidade é complicada demais para que nos permitamos isso.

Diante deste panorama, São Josemaria nos convida a ocupar-nos do presente, que é o *kairós*, o tempo oportuno da nossa santidade. Afinal, o *agora* é o único tempo em que podemos receber a graça de Deus: “Porta-te bem ‘agora’, sem te lembrares

do ‘ontem’, que já passou, e sem te preocupares com o ‘amanhã’, que não sabes se chegará para ti”^[1]. De fato, o passado ou o futuro podem acabar se convertendo em pesos que nos impedem de discernir claramente a vontade do Senhor. Ele mesmo nos diz: “Não vos preocupeis com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã terá suas preocupações! Para cada dia, bastam seus próprios problemas” (Mt 6,33). Concentrar-nos em uma tarefa, sem nos determos muito em considerar o que os outros vão pensar ou nos efeitos que terá em nossa vida, nos ajudará a concentrar a nossa vontade e a fazer melhor uso dos nossos talentos. Sem dúvida, é necessário ponderar os acontecimentos vividos e planificar o futuro, mas isso não deve impedir que, guiados pela mão de Deus, nos concentremos em amar aqui e agora, porque somente neste instante podemos dar e receber o amor.

Quando se apresenta aos apóstolos pela primeira vez com seu corpo glorioso, o Senhor ressuscitado percebe a sua agitação: “Por que estais perturbados, e por que essas dúvidas nos vossos corações? Vede minhas mãos e meus pés, sou eu mesmo” (Lc 24,38). Os acontecimentos que os discípulos viveram nos dias anteriores entram em colisão com o que veem; o escândalo da Paixão ainda pesa muito em seus corações; se quem eles têm diante deles é verdadeiramente Jesus, de repente o futuro se abre de par em par... São tantas as emoções, que o Senhor tem que trazê-los de volta ao presente com uma pergunta amigável: “Tendes aqui alguma coisa para comer?” (Lc 24,41).

Jesus volta para uma cena tantas vezes vivida, quando se sentavam juntos para comer, e isso tira os seus discípulos da confusão. De igual modo, o empenho por servir os outros no concreto e por desenvolver esmeradamente e por amor as ocupações da vida cotidiana abandonando em Deus aqueles problemas que escapam ao nosso controle, será a maneira mais habitual de evitar que nos compliquemos e de tornar-nos, cada vez mais, “simples como as pombas” (Mt 10, 16).

* * *

Quando lemos os evangelhos, podemos descobrir que estamos longe da fé *dos simples*: a fé do povo que, talvez sem muito conhecimento da Lei de Deus, aceitou de bom grado a mensagem de Jesus. Essa aceitação simples da Palavra do Senhor pode contrastar com a nossa dificuldade para confiar n’Ele. Talvez a nossa fé seja, às vezes, a *fé dos complicados*.

Contudo, Deus não deixa de nos convidar em cada instante a recuperar essa harmonia perdida, essa simplicidade que é “como que o sal da perfeição”^[8]. Necessitamos ver claramente o caminho da volta à casa, ao paraíso. Pela via da simplicidade, nos elevaremos acima dos problemas com a leveza que o amor dá: levados pela graça, conseguiremos contemplar a realidade com os olhos de Deus.

Juan Narbona

[1] Santo Agostinho, Sermão 85, 5.6.

[2] Cfr. Ecl 6,12, Mt 6,25-34.

[3] *Missal Romano*, Sexta-feira Santa, Oração universal.

[4] Card. Joseph Ratzinger, *Via Sacra*, 2005, 1ª estação.

[5] São Josemaria, *Caminho*, n. 91.

[6] Cfr. *Quadernos 3*, p. 149 (AGP, biblioteca, P07).
Caminho, n. 233.

[7] *Caminho*, n. 305.

[Voltar ao índice](#)

Nas coisas do meu Pai. Obediência

Maria e José “iam todos os anos a Jerusalém para a festa da Páscoa” (Lc 2,41). Todos os homens do povo de Israel deviam fazer isso. Como outras mulheres, Maria acompanhava seu marido nesta viagem de oração e de lembrança dos prodígios de Deus a favor de seu povo. E Jesus? É possível que começasse a acompanhar os seus pais desde muito cedo. Seja como for, sabemos que viajou com eles quando tinha doze anos. Nessa ocasião aconteceu algo insólito.

Surpresa

No caminho para Jerusalém e durante a sua permanência na Cidade Santa, tudo transcorreu com normalidade. Assim também foi durante a primeira viagem de volta. Pelo menos foi essa a impressão de Maria e José, até que perceberam que o Menino não estava na comitiva. Tiveram que voltar atrás. Também não conseguiram encontrá-lo em Jerusalém. À medida que o tempo passava, a sua angustia crescia. São Josemaria imagina Maria e José chorando pela preocupação e impotência: já não sabiam o que fazer^[1].

No terceiro dia foram outra vez ao Templo, provavelmente para rezar e ver se podiam obter algum indício sobre o paradeiro de Jesus. Talvez alguém, respondendo às suas pesquisas, indicou-lhes que havia um menino com os doutores da Lei que correspondia à sua descrição. De fato, lá o encontraram e ficaram maravilhados (Lc 2,48).

Aqueles que ouviam o Menino também estavam admirados (Lc 2,47), ainda que o motivo da sua surpresa fosse diferente do que provocou a admiração de Maria e José. Os doutores se surpreenderam com a sabedoria e as respostas de Jesus. Isso não era uma novidade para os seus pais. Na verdade, o que era novo foi a maneira de Jesus agir. Por isso Maria pergunta a razão desse comportamento tão extraordinário: “Meu filho, que nos fizeste? Eis que teu pai e eu andávamos à tua procura, cheios de aflição” (Lc 2,48).

A resposta do Senhor não é menos surpreendente que a sua conduta. De fato, eles não compreenderam o que lhes disse (cfr. Lc 2,50). Interessa-nos aprofundar nessa resposta, porque pode nos ensinar muitas coisas sobre as disposições de Jesus, que nós queremos imitar. Uma explicação que simplifique o drama do diálogo não é suficiente para nós. Vamos concentrar, pois, nossa atenção em três ensinamentos deste evento. Poderemos descobrir duas delas na atitude do Senhor; a terceira, na reação de Nossa Senhora.

A vontade do Pai

“Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?” (Lc 2,49). Claro que sabiam. Com a sua pergunta, Jesus considera isso evidente. Simplesmente deseja destacar a conexão entre um comportamento que lhes parecia surpreendente e um princípio que o torna compreensível e razoável.

Se a resposta de Jesus deixou Maria e José perplexos, com mais motivo, às vezes, a maneira de atuar de um cristão poderá surpreender quem ainda não descobriu o amor de Deus, e não aspira, portanto, a ser contemplativo, a cultivar um relacionamento intenso e assíduo com Deus. Muito daquilo que um cristão faz será perfeitamente razoável para uma pessoa honrada, mas haverá detalhes que podem parecer incompreensíveis, porque o fim último ao que se dirige e a partir do qual raciocina é diferente do seu.

O desejo de estar nas coisas de seu Pai guia a vida de Jesus Cristo: “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e cumprir a sua obra” (Jo 4,34) e “Meu Pai, se é possível, afasta de mim este cálice! Todavia, não se faça o que eu quero, mas sim o que tu queres” (Mt 26,39)[2]. E guia a sua vida até o final, até a morte e “*morte de cruz*” (Flp 2,8). É justamente esse amor à vontade do Pai que dá um juízo preciso sobre o valor das realidades humanas: “meu julgamento é justo, porque não busco a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou” (Jo 5,30).

Esse critério é chave para ter uma vida feliz. Deus é bom, nos ama[3] e deseja a nossa felicidade aqui na terra, e para sempre no céu. Ninguém como Ele, nem sequer nós mesmos, sabe o que contribui para edificar essa felicidade, para criar em nós as condições que nos capacitam para descobrir, apreciar e deixar-nos conquistar por todo o bem – o próprio Deus, o Espírito Santo – que Ele infunde em nós.

Amar a vontade de Deus não consiste em aceitar submeter-se a certas regras em vista de um prêmio que nos será concedido se superamos algumas provas. Consiste mais em confiar no amor de Deus e em edificar a nossa vida sobre essa confiança, porque sabemos que o Senhor deseja compartilhar conosco a sua felicidade: “Nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem para conosco. Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele” (1 Jo 4, 16).

Na cena que estamos considerando, Jesus nos lembra que vale a pena buscar a vontade de Deus, também se para cumpri-la for necessário sofrer, e, inclusive, fazer sofrer. Porém algumas vezes, pode não ser tão claro como realizar na prática o desejo de fazer o que Deus quer. Qual é a vontade de Deus aqui e agora? Se estamos perante alternativa de roubar ou respeitar a propriedade alheia, ou de dizer a verdade ou mentir para obter uma vantagem econômica, a resposta é evidente. Mas há muitas outras situações em que é mais difícil discernir, porque várias opções podem ser boas e duvidamos sobre qual é preferível nesse caso concreto: a aceitação de um emprego, uma compra, uma viagem, um plano de descanso, uma mudança do nosso horário habitual etc.

Podemos imaginar o Menino Jesus perguntando-se o que deveria fazer nessa ocasião: fico em Jerusalém para aproveitar esta oportunidade, mesmo não tendo como avisar os meus pais, ou volto com eles e lhes poupo um desgosto? Ao tomar

a sua decisão, o Senhor nos ensina que nesse julgamento ninguém pode nos substituir. Somos nós quem temos que enfrentar a situação e decidir: a responsabilidade é toda nossa.

Naturalmente, isso não significa negar o valor do conselho alheio. Pelo contrário. Ninguém pode nos substituir, mas podemos ser ajudados. Basta conhecer-nos um pouquinho para perceber a própria insuficiência e a desordem que o pecado original gera em nossos desejos, raciocínios e comportamentos. Percebemos que os nossos sentimentos – amores, medos – podem tornar menos objetivos os nossos julgamentos, ou que podem nos faltar dados que talvez somente consigamos se considerarmos a situação a partir de outros pontos de vista. Por isso é importante permanecer abertos ao que os outros veem. Isso, que é tão evidente, às vezes é difícil de aceitar; especialmente se o comportamento sobre o que deliberamos nos atrai ou nos custa muito. Por isso é essencial a constante disposição de considerar os conselhos que recebemos das pessoas que nos amam e têm a graça de Deus para nos ajudar. Precisamos considerá-los como uma ajuda com a qual o Senhor conta para que saibamos discernir qual é a sua vontade.

“O conselho de outro cristão (...) é uma ajuda poderosa para reconhecer o que Deus nos pede numa circunstância determinada; mas o conselho não elimina a responsabilidade pessoal. Cada um de nós é que tem de decidir em última análise, e é pessoalmente que havemos de dar contas a Deus das nossas decisões” [4]. Justamente porque o que nos interessa acima de tudo é fazer a vontade de Deus, precisamos do conselho alheio, que nos ajuda a descobrir nossos “pontos cegos” quando, naquilo que é grande e no que é pequeno, procuramos resposta à pergunta mais importante da vida: Senhor, o que você quer de mim?

Às vezes também poderemos receber indicações de quem tem autoridade para dá-las. Nesses casos, São Josemaria nos traz uma luz quando nos insistia em que a obediência não deve ser cega, mas sempre inteligente [5]. Obedecer não significa acolher a decisão de outro sem reflexão. A obediência é inteligente também quando nossa razão pondera sobre a melhor maneira de seguir a indicação recebida, seguindo esta direção por escolha própria. Inclusive nos casos em que não percebemos todas as circunstâncias, nossa obediência pode continuar sendo inteligente, e não cega.

Senhor, o que você quer de mim? A partir desse ponto de vista, se compreende a grandeza dessa virtude cristã. Quem obedece, não se empequenece. Ao contrário, torna-se grande por sua disposição de fazer o que Deus quer, até o ponto de não querer se enganar no momento de discernir como colocar isso em prática. Aspira a ser semelhante a Jesus, em seu modo filial de desejar realizar os planos misericordiosos de seu Pai. É por isso que, para obedecer, é preciso ter um coração grande, um coração de filho: sonhar com os sonhos de Deus, querer ser a pessoa feliz que Deus quer que sejamos, desejar aventurar-nos em seus planos de salvação. A obediência não, é, portanto, uma simples submissão, mas abertura. Não é renunciar a ver, mas ser capaz de fazer isso também com os olhos de outras pessoas que nos amam e que têm a graça de Deus para nos guiar. É superar, com abertura de mente e de alma, essa tendência a considerar-nos autossuficientes que às vezes nos impede ver as coisas com perspectiva e realismo.

Erat subditus illis

No final deste episódio, São Lucas resume em poucas palavras a longa série de anos que transcorreram entre este evento e o início da vida pública de Jesus: “e lhes era submisso” (Lc 2,51). *Erat subditus illis*: São Josemaria descobria nestas três palavras uma das biografias breves de Jesus Cristo que a Sagrada Escritura nos proporciona[6].

E aqui se encontra o segundo ensinamento que descobrimos na atitude de Jesus: ainda que a sua natureza divina lhe oferecesse motivos mais que suficientes para pensar que não precisa se deixar guiar por seus pais, Jesus nos ensina que a autoridade humana – na família, na sociedade, na Igreja – deve ser respeitada. Precisamos dela justamente porque nos ajuda a descobrir o que Deus quer. Naturalmente, a autoridade humana não é infalível e por isso ninguém é capaz de nos transmitir a quintessência da vontade de Deus. Mas nós também não somos infalíveis: às vezes podemos nos enganar. Por isso é razoável e inclusive necessário confiar em quem tem autoridade sobre nós, se o que queremos realmente é fazer a vontade de Deus. Porque, ainda que não se possa dizer que a indicação concreta que recebemos se identifica necessariamente com o que Deus quer, estamos convencidos de que Deus, isso sim, quer a nossa disponibilidade para secundá-la, por amor.

Dessa forma se entende melhor por que São Josemaria unia o apreço à obediência com o amor à liberdade: “Sou muito amigo da liberdade, e precisamente por isso estimo tanto essa virtude cristã” [7], a obediência. Esta afirmação talvez surpreenda a quem aproxima pela primeira vez aos ensinamentos de São Josemaria. Instintivamente, tendemos a pensar na obediência e na liberdade como dois inimigos que combatem por dirigir as nossas ações: se a liberdade se impõe, parece que a obediência se anula e se a obediência prevalece, parece que a liberdade retrocede. Esta é, no entanto, uma falácia. Amamos nossa liberdade e não queremos renunciar a ela de jeito nenhum. Desejamos ser plenamente donos das nossas ações justamente para fazer o que entendemos que Deus quer, porque queremos mesmo. E é precisamente aí, na hora de amar a sua vontade, que a obediência encontra o seu lugar e a sua razão de ser.

A autêntica obediência cristã é sempre obediência a Deus, e a filiação divina é seu suporte, sua razão de ser. Isso transparece na afirmação de São Josemaria que acabamos de citar, que continua assim: “Devemos sentir-nos filhos de Deus e viver com o empenho de cumprir a vontade do nosso Pai, de realizar tudo segundo o querer de Deus, simplesmente *porque nos apetece*, que é a razão mais sobrenatural” [8]. Entusiasma-nos *estar nas coisas de nosso Pai Deus* porque queremos. O critério da autoridade humana nos ajuda a descobrir o que Deus quer para nós, isto é, o que significa, aqui e agora, o que nós queremos profundamente. E, inclusive, se em alguma ocasião não vemos claramente a linha de ação proposta, devemos confiar no desejo de ajudar-nos que reside a pessoa que tem a autoridade, e continuamos sendo plenamente livres. Essa atitude aberta, essa disponibilidade que tem raízes em nossa liberdade de filhos de Deus, reforça a abertura da nossa razão, a capacidade valiosíssima de nos deixarmos orientar, de manter-nos abertos, de ver com os olhos dos outros e adotar um

ponto de vista diferente do nosso: uma capacidade que nos interessa muito formar em nós.

A obediência nos ajuda, portanto, a realizar o que queremos profundamente. Se, em troca, seguir Jesus Cristo e estar nas coisas do seu Pai – do nosso Pai – não é nosso desejo mais profundo, que explica todos os outros, a obediência perde o seu sentido^[9] e se vê como inimiga da liberdade, como um obstáculo para fazer o que queremos.

Nas conversas do dia a dia, costumamos chamar obediência ao fato de executar as decisões ou orientações da autoridade. Mas para nós não interessa somente a obediência como um ato concreto, mas como virtude, porque queremos parecer-nos com Jesus Cristo. Não basta responder afirmativamente à pergunta: “fiz o que me mandaram ou sugeriram?”. Alguém poderia responder que sim e, no entanto, não ser totalmente obediente. Quem simplesmente acolhe uma indicação sem assumi-la como própria, sem liberdade, obedece somente de forma material, mas essa não é a obediência de Jesus Cristo. Quem age assim, talvez esteja fazendo uma coisa boa, mas não pode se conformar com isso, porque a meta é muito mais alta, e, de fato, é irrenunciável: renunciar a ela significaria renunciar a ser livre, com a liberdade para a qual Jesus nos libertou (Cfr. Gal 5,1).

No fundo, sou plenamente obediente quando faço o que me pedem porque eu quero fazer isso. E eu quero fazer isso porque estou convencido de que Deus conta com a minha docilidade. Cheguei a essa convicção porque tenho confiança n’Ele, que, com sua graça, dá assistência a quem me faz a indicação e confio, além disso, na prudência e experiência dessa pessoa. Nestes casos, vejo quem tem autoridade como alguém que me indica o que vale a pena fazer, o que Deus quer. Sou livre não quando obedeço “se quero”, mas quando obedeço “porque quero”.

A escuta de Nossa Senhora

Voltamos agora à surpreendente resposta de Jesus a seus pais, aliviados depois desses dias de angústia, mas perplexos diante do seu comportamento insólito: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?” (Lc 2, 49). O leitor do Evangelho pode imaginar facilmente a sua própria reação diante de uma resposta assim: por que procurávamos você? Acha que não devíamos fazer isso? Queria que ficássemos tranquilos, indiferentes ao que acontecesse com você? É isso o que esperava de nós? Maria reage com mais calma.

É normal que alguma vez não entendamos uma indicação ou um conselho. Reparemos em outras palavras de São Josemaria: “Muitas vezes [o Senhor] fala-nos através de outros homens, e pode acontecer que, à vista dos defeitos dessas pessoas, ou pensando que não estão bem-informadas, que talvez não tenham entendido todos os dados do problema, surja como que um convite para não obedecer”. Ao chegar aqui, o leitor talvez espere um aviso sobre o perigo que esses pensamentos representam. No entanto, São Josemaria continua: “Tudo isso pode ter um significado divino, porque Deus não nos impõe uma obediência cega, mas uma obediência inteligente”^[10].

Um significado divino: por meio dessas dúvidas, Deus nos diz que quer que obedecemos com inteligência, sem que diminuamos a nossa responsabilidade. Convém que manifestemos o nosso ponto de vista, as nossas convicções, “mas sejamos sinceros conosco mesmos: examinemos em cada caso se nos deixamos conduzir pelo amor à verdade ou antes pelo egoísmo e pelo apego aos nossos próprios critérios”[11]. Às vezes, de fato, “pode suceder que se esteja procurando um conselho que favoreça o próprio egoísmo, que silencie, precisamente, com a sua pretensa autoridade, o clamor da própria alma e, inclusive, que se vá mudando de conselheiro, até achar o mais *benévolo*”[12]. Se não formamos a atitude habitual de que a verdade nos interesse mais que o nosso próprio critério – ou seja, se não somos obedientes –, será fácil nos enganarmos, agora ou no futuro. A ira ou o desconcerto nos impedirão descobrir o que o Senhor quer nos dizer por meio daquilo que, por um momento, parece incompreensível.

Maria também não entendeu (Lc 2,50). Mas não se rebelou. Amava a vontade de Deus acima de tudo e sabia bem que há coisas que somente chegamos a compreender com o tempo (Lc 2,51)[13]. Nossa Senhora não vivia somente para fora, mas considerava uma e outra vez os acontecimentos da sua vida para descobrir neles a ação de Deus. Maria ouvia, o que, no final das contas, significa ser obediente, *ob-audiens*: prestar atenção, permanecer à escuta. O tempo joga a favor de quem escuta, confia e persevera com calma numa oração serena: mantendo a abertura à voz de Deus, descobrirá, como Ela, esse *significado divino* e terminará por agradecer inclusive a escuridão daqueles momentos difíceis.

Maria perseverou em sua oração. Passaram vinte anos e o *seu Menino* desapareceu outra vez. Novamente foram três dias. Novamente em Jerusalém. Mas então Ela já sabia que não tinha que angustiar-se procurando-O, porque Ele estava *nas coisas de seu Pai*. E talvez agradeceu ao Senhor aquelas palavras desconcertantes dos seus lábios infantis: agora sustentavam a sua esperança em meio a uma dor que, de outra forma, a teria destruído.

Pedimos, por sua intercessão, que o Senhor nos conceda um coração grande, capaz de ordenar tudo na nossa vida para a vontade de Deus. Um coração livre e aberto, que não se deixe encerrar na sua própria visão estreita. Um coração capaz de descobrir a ação de Deus em nossa vida, também por meio de instrumentos humanos, imperfeitos. Um coração capaz de ouvir e esperar, para descobrir os frutos da sua ação em nossas almas.

Julio Diéguez

[1] Cfr. São Josemaria, *Santo Rosário*, quinto mistério gozoso.

[2] Cf também, por exemplo, Hb 10,5-7 e outras muitas passagens.

[3] Cfr. por exemplo Is 49,15: “Pode uma mulher esquecer-se daquele que amamenta? (...) E mesmo que ela o esquecesse, eu não te esqueceria nunca”.

[4] São Josemaria, *Entrevistas com São Josemaria*, n. 93.

[5] Cf São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 17.

[6] Cf *ibidem*.

[7] *Ibidem*.

[8] *Ibidem*.

[9] Talvez o único valor que conservaria seria o de facilitar a eficácia de uma organização. Mas a obediência de Jesus Cristo não se reduz a isso.

[10] *É Cristo que passa*, n. 17.

[11] *Ibidem*, n. 17.

[12] *Entrevistas com São Josemaria*, n. 93.

[13] Cf também *Lc 2,19*.

[Voltar ao índice](#)

A delicada força da confiança

“Nenhuma pessoa é um verso solto: fazemos todos parte de um mesmo poema divino”. Os relatos individuais que tecem a história dos homens estão entrelaçados por relações de filiação, fraternidade, amizade. Nosso coração começa a bater graças à vida de outros, e será depois continuamente animado, consolado, fortalecido – ferido também – pelas pessoas que compartilham conosco o caminho da vida. O fato de depender delas, e elas de nós, não é um efeito colateral do pecado original, ao qual deveríamos resignar-nos, mas algo constitutivo do nosso ser imagem de Deus.

Embora nossa vida em sociedade pareça às vezes uma correnteza frenética que tende a nos tornar individualistas, sabemos que só somos nós mesmos apenas na relação, na interdependência: só nos encontramos quando estamos dispostos a sair de nós mesmos. Quem descobre plenamente esta realidade deixa de ver em seus próprios limites obstáculos que o impedem de ser feliz. Então os relacionamentos aparecem como pontes que ampliam o próprio mundo. Nem todos, porém, fazem esta descoberta, ou não na mesma medida e por isso em igualdade de condições, de posição social, de educação, de caráter, diferentes pessoas podem viver de modos radicalmente diversos, em função da qualidade dos seus relacionamentos: alguns, perdidos numa multidão solitária; outros, sempre acompanhados e sempre acompanhantes.

Um olhar transformador

No final da sua vida na terra, Jesus diz a seus apóstolos: “chamei-vos amigos” (Jo 15, 15). Aquele que é perfeito Deus e perfeito Homem, o modelo que contemplamos para aprender a ser homens, percorre o caminho da vida de mãos dadas com os outros. Trata-se de algo que já percebemos desde o seu primeiro encontro com os doze: Jesus cria com cada um deles uma relação que progride em um *crescendo* de conhecimento, de amizade, de amor, até entregar-lhes seu coração aberto de par em par. O leitor do Evangelho conhece as limitações, os defeitos daqueles que seriam depois colunas da Igreja. Por acaso, Ele não via isso? É óbvio que sim, mas a palavra do Verbo é criadora; seu olhar de amor os fortalece, porque é um olhar cheio de confiança. Esses homens toscos, sabem-se amados, escolhidos e crescem mais do que ninguém se atreveria a esperar, porque percebem a confiança do Senhor neles. O mesmo acontece também em nossa vida, quando percebemos o amor que Deus nos tem. Embora falemos frequentemente da importância de crer em Jesus, não devemos esquecer que o que mais nos transforma é o fato de que Ele confia em nós. Sim, sinal seguro de que a nossa fé está amadurecendo é que nos apoiamos cada vez mais na confiança que Deus tem em nós.

Observemos o discípulo que se manteve fiel junto de Jesus ao pé da cruz. Qual é o segredo da sua fortaleza? Talvez precisamente o título com que se refere a si mesmo: “o discípulo amado”. João descobre sua identidade no fato de ser amado por Jesus, o que dilata as suas forças, o seu coração e o torna capaz de uma fidelidade admirável. O relato que faz da última ceia reflete até que ponto ele tinha entrado, pela confiança, no coração de Jesus. E é assim: a confiança nos dá acesso a um conhecimento muito mais profundo do que é possível apenas com a razão.

Da mesma forma que Ele entrou na vida dos Apóstolos, seus amigos, Deus quer entrar na nossa. Então a nossa relação de amizade com Ele também pode seguir essa linha ascendente, de modo que a nossa capacidade de amar se dilate cada vez mais. Com um profundo respeito à nossa liberdade, Jesus nos oferece a sua amizade que manifesta uma confiança que revela quem somos para Ele. Para crescer e exercitar com leveza a nossa liberdade, precisamos ter certa segurança em nós mesmos; uma segurança fundamentada, sobretudo, em saber que alguém como Ele (e quem como Deus?) aposta em nós... Tal convicção torna possível o crescimento, porque quando uma coisa boa for difícil para nós, quando nos sentirmos incapazes de nos superarmos, a confiança de Deus em nós fortalece a nossa. A confiança sincera revela as potencialidades ocultas no interior de cada um, frequentemente escondidas por uma baixa autoestima ou pelo medo do fracasso, e impulsiona a desenvolvê-las a serviço dos outros: faz-nos crescer de forma natural, harmoniosa; torna-nos capazes de mais.

É assim que Jesus ama aos seus: sabe quem escolheu, conhece-os melhor que ninguém – melhor que eles mesmos – e aposta neles. Sabe até onde podem chegar e, contando com o tempo e com a sua correspondência, vai conduzindo-os pouco a pouco, não tem pressa de formá-los, porque sabe que esta é uma arte que requer paciência. Ele é um bom mestre e sabe “perder” tempo com eles, como os amigos. Ganha a confiança dos seus com o carinho e proporciona o conhecimento mútuo com a sua disponibilidade paciente, com a sua compreensão. Este modo de amar, tão divino e tão humano, forja uma verdadeira amizade entre o mestre e os discípulos que os envolve e faz sobressair o que há de melhor neles.

Deixando Deus entrar até o fundo

Ao Senhor, “interessam-lhe as tuas alegrias, os teus êxitos, o teu amor e também os teus apertos, a tua dor, os teus fracassos”. É necessário, por isso, falar com Ele com confiança, abrir o coração de par em par, compartilhar com Ele tudo que é nosso. Quando confiamos de verdade em alguém, tiramos as máscaras com as quais nos protegemos em outras circunstâncias: parecem-nos então inúteis; sentimos que podemos ser nós mesmos sem medo. Esta confiança revela a verdade de nosso ser e proporciona uma grande liberdade interior. Sabendo que não há amizade mais sincera que a dele, podemos deixá-lo entrar até o fundo da casa da nossa alma. Vamos deixá-lo, por acaso, na sala de estar, onde recebemos os convidados?

À medida que cresce a amizade, será natural querer mostrar-lhe cada canto da nossa vida: o escritório, para que ele nos veja realizar nosso trabalho oculto; o

quarto de brinquedos onde estão as coisas que nos entusiasma, os sonhos que nos movem; mostraremos também o quarto de despejo, cheio de coisas, umas mais úteis que outras, e dos pedaços que foram quebrando pelo caminho. Se nos dermos a conhecer, se acendermos as luzes... Ele iluminará os cantos que parecem escuros e nos fará ver os espaços que devemos pôr em ordem. E fará isso com clareza, mas sobretudo infundindo esperança, pois o seu olhar não julga, não intimida; é um olhar de amor que fortalece e eleva: é um olhar criador e redentor.

A confiança leva à confiança

O amor humano, em suas melhores expressões, fala-nos do amor de Deus. Experimentar o impulso da confiança em uma amizade, descobrir que alguém acredita em nós, leva-nos a dar o melhor de nós mesmos: percebemos que assim deve ser o olhar de Deus. Por isso, nós também devemos procurar olhar os outros como Jesus; aprender dele a ser luz para os que estão ao nosso redor. À medida que experimentamos o valor transformador da confiança de Deus e da confiança em Deus, percebemos a necessidade de oferecê-la aos outros.

“Deus muitas vezes se serve de uma amizade autêntica para realizar a sua obra salvadora”. A confiança que os bons amigos têm uns nos outros é, com frequência, o meio que Deus nos oferece para nos fazer ver o que talvez não nos atrevamos a enfrentar sozinhos. Se temos a sorte de ter verdadeiros amigos, pessoas que nos amam, que querem que sejamos melhores, felizes, e, se já nos atrevemos a abrir-lhes esses espaços de intimidade, teremos percebido muitas vezes que o nosso mundo interior se enriquece quando o compartilhamos.

Quando existe um clima de confiança, não temos medo de que os outros vejam nossas fraquezas e lutas, nem de compartilhar projetos e sonhos. Sabemos que quem nos ama nos ajudará precisamente a superar os nossos limites e a evitar que se transformem em barreiras. Na dinâmica humana de dar e receber, *dar-nos* implica compartilhar a nossa singularidade, mostrar-nos com autenticidade. Chegar a este ponto dá-nos uma liberdade muito grande, mas requer o esforço de sair de nós mesmos: a disposição de expor-nos apesar de saber que isso nos torna vulneráveis. A confiança leva à confiança, e o risco de ser ferido não se compara com o ganho que representa amar e ser amado.

Palavra que fortalece, que cura, que anima

A confiança é base para que qualquer relação funcione; para que as pessoas cresçam pessoal e profissionalmente; para qualquer trabalho de formação. Por isso, quando queremos ajudar outras pessoas, destacamos imediatamente a importância da escuta, a compreensão ou a paciência, etc., mas na verdade necessitamos de muito mais: confiar nas pessoas leva-nos a olhar para elas com otimismo, a acreditar nelas, a projetar as suas potencialidades, a ter esperança no que podem chegar a ser, de modo que nos entusiasmemos também com suas lutas.

“Seguindo o exemplo do Senhor – escreve São Josemaria – compreendi vossos irmãos com um coração muito grande, que não se assustou com nada, e amai-os verdadeiramente (...). Sendo muito humanos, sabereis passar por cima de

pequenos defeitos e ver sempre, com compreensão maternal, o lado bom das coisas”.

Agir assim não implica afastar-nos da realidade, deixar de ver as limitações ou defeitos dos outros. Se tivermos carinho por eles, vamos querer que sejam melhores: conhecendo-os e amando-os, a partir da amizade e da fraternidade que nos une, poderemos adverti-los sobre os possíveis perigos que não veem, ou poderemos sugerir-lhes algo que não entendem à primeira vista e descobriremos com eles o bem que se esconde atrás dessa nova perspectiva. O carinho sincero para com o outro torna possível um clima de liberdade, de confiança, que se manifesta na clareza com que expomos a razão pela qual lhe convém esforçar-se num determinado ponto de luta, de modo que se sinta acompanhado por nós no caminho e não empurrado a atuar de modo irracional. “A função do diretor espiritual é ajudar a que a alma queira – que queira mesmo – cumprir a vontade de Deus”.

Pode suceder, às vezes, que querendo ajudar alguém que parece não ouvir, deixamo-nos levar pelo preconceito de que, na verdade, a pessoa não quer, não aceita. Não podemos esquecer que somos frágeis, e que o caminho, além de proporcionar aprendizagem, deixa às vezes feridas que tardam a cicatrizar. Não raramente a dor provocada por esses golpes leva a construir barreiras que isolam, que protegem de possíveis sofrimentos, mas que também tornam difícil recuperar a confiança necessária para continuar crescendo.

A palavra que fortalece, que cura, que anima, é a palavra mais puramente humana. Só se houver confiança, carinho sincero, gratuito, conectaremos com o outro, e nossa palavra participará, com a graça de Deus, do seu poder criador: será então manifestação do seu amor, e ajudará a cicatrizar essas feridas “Deus conhece cada um profundamente, incluindo as jornadas de sofrimento, e olha para todos nós com ternura. Aprendamos do Senhor a olhar deste modo, a compreender a todos (...) a nos colocarmos no lugar do outro”. Temos que ser pacientes e ir semeando confiança com carinho, com detalhes que manifestam o nosso interesse sincero. Deus quis que precisássemos uns dos outros, e atua na história humana através dos homens e das mulheres, contando com cada um para que nos ajudemos mutuamente.

Quem tem uma responsabilidade sobre outros deve ficar atento ao risco de querer dar sempre soluções ou respostas. Podemos pensar, às vezes, quase inconscientemente, que ajudamos o outro quando conseguimos que ele assuma o nosso modo pessoal de obter os melhores resultados. A tarefa de formação, no entanto, não consiste em conseguir que o outro caminhe como nós queremos. Pretender que os outros se ajustem a certos moldes predeterminados não abre horizontes; ao contrário, poderia leva-los à frustração de quem não consegue realizar certas expectativas.

Uma boa formação é, na realidade, aquela que consegue que cada um seja, com a ajuda de Deus, o autêntico protagonista de sua vida. Quem deseja colaborar nessa tarefa, deve acompanhar, facilitar o conhecimento próprio, fazendo boas perguntas que ajudem a refletir, dando mais pistas do que respostas, embora isso

exija mais esforço. Quando é a própria pessoa que descobre um horizonte e se propõe uma meta, o esforço por alcançá-la é muito mais eficaz, porque nasce de um motor interior. Embora seja preciso mais tempo conseguir os 'resultados' que poderíamos esperar, o próprio esforço irá configurando a pessoa de um modo bom, estável, virtuoso. Ter vivido esta experiência em primeira pessoa nos levará a dar uma grande importância à iniciativa pessoal e a estimular o protagonismo de cada um.

A confiança surge onde se percebe o amor de Deus, que é paciente, não se irrita, não guarda na memória o mal, mas tudo desculpa e tudo crê (cfr. 1 Cor 13, 4-7). Quem ama assim converte-se em mestre, em referência firme, em força delicada que leva os outros muito mais longe do que pareceria possível. Quantas surpresas temos quando respeitamos essa terra sagrada que são os outros! O Espírito Santo pode então ajudá-los a ser a melhor versão de si mesmos. Se tivermos esperança no que podem chegar a ser, se confiarmos na graça e em tudo de bom que Deus realiza neles, daremos a eles asas para voar.

Carmen Córcoles

[1] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 111.

[2] Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1937.

[3] Cfr. *Sal 8,5-7*: "O que é o homem, para que você se lembre dele, e do filho de Adão, para que você possa cuidar dele? Você o fez pouco menos do que os anjos, você o coroou com glória e honra. Você lhe dá o comando sobre as obras de suas mãos."

[4] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 218.

[5] F. Ocáriz, Carta pastoral, 1-XI-2019, n. 5.

[6] São Josemaria, *Carta 27*, n. 35.

[7] F. Ocáriz, Carta pastoral, 16-II-2023, n. 3-6.

[8] São Josemaria, *Carta 26*, n. 38.

[9] F. Ocáriz, Carta pastoral, 16-II-2023, n. 15.

[Voltar ao índice](#)

Liberdade interior, ou a alegria de ser quem você é

A fama de Jesus se estendia pela Galileia. Era um mestre diferente dos outros: falava com autoridade, e a sua palavra impressionava... inclusive os demônios. Depois de ter pregado em diferentes lugares, “dirigiu-se a Nazaré, onde se tinha criado” (Lc 4,16). São Lucas coloca esta cena no início da vida pública. O relato tem tal densidade que pode ser considerado “um evangelho dentro do evangelho”; em poucas linhas, não é só uma abertura solene da missão do Senhor, mas de certo modo sintetiza a sua vida inteira¹. Jesus vai à sinagoga e levanta-se para fazer a leitura. Entregam-lhe o rolo do profeta Isaías; “Abrindo o livro, Jesus achou a passagem em que está escrito: 'O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção para anunciar a Boa Nova aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos cativos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar um ano da graça do Senhor'. Depois fechou o livro, entregou-o ao ajudante, e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabastes de ouvir” (Lc 4, 17-21). Jesus apresenta em termos inequívocos a sua condição de Messias, e o faz através de um texto que destaca o dom da liberdade. Foi isso que Ele veio dar-nos; veio liberar-nos do cativeiro e da opressão do pecado.

A liberdade: os primeiros cristãos tinham consciência de que este dom estava no centro da sua fé, e por isso São Paulo fará dele um tema constante de suas cartas. Jesus nos liberta do peso do pecado e da morte, do destino cego que pesava sobre as religiões pagãs, das paixões desordenadas e de tudo o que torna miserável a vida do ser humano na terra. A liberdade, no entanto, não é apenas um dom, mas ao mesmo tempo uma tarefa. Como escreve o apóstolo das gentes, “É para a liberdade que Cristo nos libertou. Ficai firmes e não vos deixeis amarrar de novo ao jugo da escravidão” (Gl 5,1). É preciso, pois, proteger a liberdade, viver à altura deste dom, e não ceder de novo à facilidade da escravidão. Os primeiros cristãos tinham essa convicção gravada a fogo; mas e nós? Muitos de nós fomos batizados quando éramos recém-nascidos. O que podem significar para nós as palavras de Isaías que o Senhor citou em Nazaré? E essa chamada para viver em liberdade, sem submeter-nos, da qual fala São Paulo?

Se fosse apenas poder escolher

Ao falar de liberdade, pensamos frequentemente numa simples condição, uma qualidade de nossas ações: atuo com liberdade quando posso fazer o que quero, sem que ninguém me obrigue ou reprima. Essa é a experiência de liberdade que temos quando podemos escolher por nós mesmos. Diante de uma pergunta

como, por exemplo: “você vai comer torta de chocolate ou fruta?” Parece mais livre

quem pode escolher qualquer um dos dois e escolhe o que prefere pelo motivo que lhe parece melhor. Uma pessoa diabética, pelo contrário, sente-se obrigada a pedir fruta. Neste sentido preciso, é mais livre quem pode escolher mais: aquele que tem mais alternativas e menos elementos que levem em uma só direção. É por isso que ter dinheiro causa uma grande sensação de liberdade: abrem-se muitas oportunidades, fechadas a quem carece dele. A ausência de compromissos também dá grande sensação de liberdade, pois não há nada que aparentemente determine ou limite as próprias decisões.

Evidentemente, a ausência de coerção faz parte da condição de liberdade, porém, não a esgota. De fato, alguns dos modelos de liberdade que a história apresenta viveram entre grades. O exemplo de Thomas More na Torre de Londres é paradigmático. Do ponto de vista da capacidade de escolha, não era em absoluto livre; e, no entanto... A mesma coisa vale para personagens mais recentes ou para os primeiros mártires. Toda forma de perseguição é uma tentativa de acabar com a liberdade, mas não há meio meramente exterior de consegui-lo. Por isso, Jesus diz: “Não temais aqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma” (Mt 10, 28). A liberdade não é simplesmente uma condição, mas a capacidade de decidir – ou de tomar partido por um tipo de conduta – no mais íntimo de nosso ser, apesar do que as circunstâncias parecem impor.

Por outro lado, a liberdade que experimentamos em nossas escolhas específicas, costuma ter menos importância. Quando pensamos em pessoas que passaram à história pelo modo como viveram sua liberdade, não é isso que costuma destacar-se. Podemos lembrar mentalmente do nome de três ou quatro pessoas – conhecidas em todo mundo ou simplesmente próximas de nós – que tenhamos como modelos de liberdade. O que se destaca na vida dessas pessoas? O que as converte em modelos para nós? Não as admiramos, sem dúvida, porque podiam escolher sempre que prato preferiam, ou porque, para poder mudar de parceiro quando lhes apetecesse, nunca chegaram a casar-se. Trata-se antes de pessoas que se libertaram de tudo o que pudesse prendê-las, para entregar-se plenamente a algo (uma causa valiosa) ou a alguém; para dar a vida inteira. E são exemplos de liberdade porque vivem essa entrega até o fim. Se Thomas More tivesse jurado fidelidade a Henrique VIII contra a sua consciência, mesmo que o tivesse feito livremente, não teria passado à história. Se São Paulo, em lugar de esforçar-se por dar a conhecer a Cristo, até dar a vida por ele, tivesse decidido deixar a sua vocação e voltar a estabelecer-se como fabricante de tendas, mesmo que o tivesse feito livremente, não o veríamos como um modelo de liberdade. Por isso, para entender a fundo a liberdade é necessário ver além da simples capacidade de escolha.

Um tesouro pelo qual dar a vida

O Evangelho fala-nos de uma experiência de liberdade que consiste precisamente em renunciar a toda possibilidade de escolha: “O Reino dos Céus é como um tesouro escondido no campo. Um homem o encontra e o mantém escondido. Cheio de alegria, ele vai, vende todos os seus bens e compra aquele campo. O Reino dos Céus também é como um comprador que procura pérolas preciosas.

Quando encontra uma pérola de grande valor, ele vai, vende todos os seus bens e compra aquela pérola” (Mt 13, 44-46). Os personagens destas breves parábolas deixam *tudo* por algo que vale a pena. Renunciam a escolher, comprometem-se plenamente com algo, e não pensam que estejam perdendo a liberdade, e sim que estão fazendo com ela o melhor que podem. Esta é, na verdade, a experiência de qualquer pessoa apaixonada. Não poder sair com outras pessoas não lhe importa: deu tudo por aquela a quem ama; só deseja amá-la cada dia mais. E não pensa que assim está perdendo a sua liberdade: entende, pelo contrário, que não pode fazer nada melhor com a liberdade do que amar essa pessoa, esse tesouro, essa pérola valiosíssima.

Só esta consideração já permite perceber que a liberdade de escolha, mesmo sendo uma dimensão da liberdade, ordena-se a outra mais profunda: a que consiste em poder amar algo (ou alguém). Poderíamos chamar esta outra dimensão de *liberdade de adesão*. É a liberdade que vivemos ao amar, e que permite compreender que “a liberdade e a entrega de si não se contradizem; apoiam-se mutuamente”². Ao dar a vida inteira, não se perde liberdade, mas se vive com maior intensidade: “na entrega voluntária, em cada instante dessa dedicação, a liberdade renova o amor, e renovar-se é ser continuamente jovem, generoso, capaz de grandes ideais e de grandes sacrifícios”³. Quando, depois de um dia intenso, resta apenas um momento livre no fim do dia e, percebemos que ainda não fizemos um tempo de oração, decidimos fazê-lo em vez de descansar vendo as notícias, estamos empregando nossa liberdade em um sentido que sustenta a nossa entrega; a chave que explica esse dilema, sem inventar conflitos, está novamente no amor. Da mesma forma, a mãe de família que muda seus planos para atender com amor um filho doente, faz isso livremente, e essa entrega lhe proporciona uma alegria que não obteria fazendo o que lhe apetecia ou convinha mais naquele momento.

Podemos ainda dar mais um passo. Quando abraçamos algo (ou alguém) com nossa vida inteira esse amor vai nos configurando, vai nos fazendo ser cada vez mais “nós mesmos”: uma pessoa única, com nome e sobrenome. Por exemplo, Teresa de Calcutá. Imaginemos por um momento que lhe tivessem oferecido um chalé para passar aprazivelmente seus últimos anos de vida, e uma ONG para ocupar-se dos pobres que ela atendia. O que teria respondido? A liberdade com que vivia a sua vida não consistia em deixar tudo e ir descansar tranquilamente, mas precisamente em abraçar um bem – Cristo, presente nos mais pobres – com a sua vida inteira e em despojar-se, por sua vez, de tudo o que enfraquecesse esse ideal.

Na verdade, poderíamos encontrar facilmente exemplos semelhantes na vida de muitas outras santas e santos. O que os movia, de qualquer forma, era o desejo de ser fiéis ao Amor ao qual haviam entregue tudo; responder à chamada que os havia enviado ao meio do mundo, com uma missão que ia configurando sua vida. Podemos recordar por exemplo, o que São Josemaria escrevia em 1932: “Apresentam-se dois caminhos: que eu estude, ganhe uma cátedra e me torne sábio; gostaria de tudo isso e vejo-o factível. Segundo: que eu sacrifique a minha ambição, e mesmo o nobre desejo de saber, conformando-me em ser sensato, não ignorante. Meu caminho é o segundo: Deus me quer santo, e me quer para a sua

Obra”⁴. É isso que se pode chamar *liberdade interior*: a fonte que explica que minhas ações não respondem nem ao capricho de um momento, nem a mandatos externos, nem sequer ao frio valor objetivo das coisas, mas a esse tesouro escondido pelo qual dei tudo: o Amor que veio procurar-me e me chama a segui-lo. Considerando esta chamada, muito mais do que uma série de obrigações externas, se entendem as loucuras dos santos.

Atuar com liberdade interior não significa, claro, que não haja coisas que custem. No plano de nossa vida cotidiana, mons. Ocariz recordou com frequência algo que São Josemaria costumava dizer: “não é legítimo pensar que só é possível fazer com alegria o trabalho de que gostamos”⁵. Glosando esta frase, escreveu: “Pode ser feito com alegria – e não de má vontade – aquilo que custa, aquilo de que não gostamos, se for feito por e com amor e, portanto, livremente”⁶. Faz-se com plena liberdade, porque se compreende que isso responde ao amor que temos no coração. Ou seja, hoje talvez eu não tenha muita vontade, talvez não entenda bem por que tenho que fazer precisamente isso... mas faço porque sei que faz parte do amor que abracei com a minha vida, e nessa mesma medida sou capaz de amá-lo. Quando atuo desse modo, não o faço de modo automático ou simplesmente porque “é preciso fazer”, mas “por amor e com amor”, com voluntariedade atual. Com o tempo, o que faço agora contra a vontade, movido pelo amor a quem entreguei a minha vida, vai adquirir seu sentido mais profundo. “Perceber a própria vocação como um dom de Deus – e não como uma simples teia de obrigações –, mesmo quando sofremos, é também uma manifestação de liberdade de espírito”⁷.

A liberdade como resposta

Uma parte importante da cultura atual, em sua concepção da liberdade, muitas vezes não consegue ver além da capacidade de escolha em cada momento, sem coerção nem determinação alguma: parece que, se isso for questionado, a liberdade se esfuma. É um fato, no entanto, que escolher uma coisa significa muitas vezes renunciar a outras; que querer não significa necessariamente poder, e que o que nos parece um projeto firme pode naufragar facilmente. A antropologia cristã propõe uma relação muito mais harmoniosa e serena com a liberdade quando ela é compreendida como um *dom* e uma *chamada*. Fomos “chamados à liberdade” (Gl 5, 13); e não a uma liberdade amorfa ou sem sentido, mas à “gloriosa liberdade dos filhos de Deus” (Rm 8, 21). A verdade da nossa filiação divina é que nos torna livres (cfr. Jo 8, 31-32). Nossa liberdade não é, por isso, uma atividade espontânea que brota sem saber de onde nem para onde. Em sua dimensão mais profunda, a nossa liberdade é uma *resposta* ao Amor que nos precede. Daí que São Josemaria pudesse descrever a vida interior, no que tem de luta, como um agir “*porque queremos de verdade (...) corresponder à graça do Senhor*”⁸. Livremente abraçamos aquele que “nos amou primeiro” (cfr. 1 Jo 4, 19), e procuramos, com toda as nossas forças, corresponder a esse amor. E isto, que pode parecer um pouco abstrato, tem na verdade consequências bem concretas. Por exemplo, diante das diferentes escolhas que fazemos cada dia, poderíamos perguntar-nos: “o que vou fazer leva-me aonde? Está na linha do amor de Deus, da minha condição filial”? Por outro lado, quando vivemos a liberdade como resposta, descobrimos que não há motor mais potente em nossa vida do que

manter viva a memória do Amor que nos chama. No plano humano também é assim: não há força maior, para qualquer pessoa, do que a consciência de ser amada. Como a mulher apaixonada que sabe que o seu amado conta com ela: “É a voz do meu amado! Ei-lo que vem, saltando pelos montes, pulando por sobre as colinas (...). Ei-lo de pé atrás do muro, espiando pelas janelas (...).” “Levanta-te, minha amada, minha rola, minha bela, e vem! O inverno passou, as chuvas cessaram e já se foram” (Ct 2, 8-11). Quem se sabe amado assim por Deus, chamado a incendiar o mundo inteiro em seu Amor, está disposto ao que for necessário. Tudo lhe parece pouco comparado com o que recebeu; dirá, como algo evidente: “Que pouco é uma vida para oferecê-la a Deus!”⁹. Compreender que “Deus nos espera em cada pessoa (cfr. Mt 25, 40), e que quer fazer-se presente em suas vidas também através de nós, leva-nos a procurar dar a mancheias tudo o que recebemos. E em nossa vida, minhas filhas e filhos, recebemos e continuamos a receber muito amor. Dar isso a Deus e aos outros é o ato mais próprio da liberdade”¹⁰.

Não há temor nem mandato externo que possa mover um coração como a força da liberdade que se identifica com o seu Amor, até nos menores detalhes. São Paulo dizia-o com a convicção de quem o viveu plenamente: “Nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potências, nem a altura, nem a profundidade, nem outra criatura qualquer será capaz de nos separar do amor de Deus, que está no Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8, 38-39). Para que o Amor de Deus tenha essa força em nós, devemos cultivar uma profunda intimidade com Ele, em primeiro lugar na oração. Assim, contemplando o Senhor, aprendemos o caminho da liberdade, e também abrimos o nosso coração à ação transformadora do Espírito Santo.

Que a verdadeira liberdade tome forma de resposta, de um grande “sim”, tem também a ver com parte da herança que, no plano humano, São Josemaria quer deixar a seus filhos: o bom humor¹¹. Não se trata simplesmente de uma característica de personalidade, e sim de uma autêntica fortaleza – *virtus* – da liberdade. Se a vida dos cristãos se fundamentasse em uma decisão ética, na luta para realizar uma ideia, *quase* todos acabariam por causa de alguma forma de cansaço, de desânimo ou de frustração. Nem todos, porque há temperamentos mais fortes, que se sentem inclusive estimulados ao ver-se obrigados a nadar contra a corrente, mas sim *quase* todos. A situação é muito diferente, no entanto, se a vida cristã tem origem no encontro com uma Pessoa que veio procurar-nos¹². Esta origem é a mesma que nos sustenta enquanto procuramos a meta com todas as nossas forças, mesmo que nos pareçam poucas “Não que eu já tenha recebido tudo isso, ou já me tenha tornado perfeito. Mas continuo correndo para alcançá-lo, visto que eu mesmo fui alcançado pelo Cristo Jesus” (Fl 3, 12). Foi Ele que nos alcançou, Ele reparou em nós, Ele que acreditou em nós. Por isso, ao tocar a nossa pequenez, a nossa miséria, o barro – *humus* – de que somos feitos, nossa resposta será tão humilde quanto cheia de humor: responderemos com um olhar que, “além do simples caráter natural, permite ver o lado positivo – e, se for o caso, divertido – das coisas e das situações”¹³. É claro que somos de barro; se alguma vez tentamos levantar voo não é porque tenhamos perdido isso de vista, mas porque há Alguém que nos conhece melhor que nós mesmos e que nos convida a dar esse passo.

É muito bonito – e tem graça – o diálogo que o profeta Jeremias tem com o Senhor (Jr 1, 5-8). Poucos profetas sofreram tanto quanto ele para tornar presente a palavra de Deus em meio a seu povo. A iniciativa tinha sido de Deus “Antes que no seio fosses formado, eu já te conhecia; antes de teu nascimento, eu já te havia consagrado, e te havia designado profeta das nações”. Jeremias, por seu lado, só parece perceber a sua própria inadequação: “E eu respondi: Ah! Senhor Javé, eu nem sei falar, pois que sou apenas uma criança”. Mas Deus não se dá por vencido: “Não digas: Sou apenas uma criança: porquanto irás procurar todos aqueles aos quais eu te enviar e a eles dirás o que eu te ordenar”. Como poderá ir em frente o profeta? Qual será a sua segurança? O mandato que ele recebeu? Muito mais que isso: “Não deverás temê-los porque estarei contigo para livrar-te”. Às vezes, o pior inimigo da nossa liberdade somos nós mesmos, sobretudo quando perdemos de vista o autêntico fundamento da nossa existência.

O surpreendente, afinal de contas, não é que sejamos fracos e caiamos, mas que sendo assim, continuemos a nos levantar novamente; que continue havendo lugar, em nosso coração, para sonhar os sonhos de Deus. Ele conta com a nossa liberdade e com o nosso barro. Trata-se de olhar mais para ele, e menos para a nossa incapacidade. A intimidade com Deus, a confiança nele: surgem daí a força e a leveza necessárias para viver no meio do mundo como filhos de Deus. “Um escritor disse que os anjos podem voar porque não se levam muito a sério. E nós talvez pudéssemos voar um pouco mais, se não nos dêssemos tanta importância”¹⁴.

Lucas Buch — Carlos Ayxelà

[1] Cfr. J. M. Casciaro, “El Espíritu Santo en los evangelios sinópticos”, em P. Rodríguez et al. (eds), *El Espíritu Santo y la Iglesia*, Eunsa, Pamplona 1999, 65.

[2] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 31.

[3] *Ibidem*.

[4] São Josemaria, *Apontamentos Íntimos*, n. 678, cit. em *Caminho*, edição comentada (comentário ao ponto 946).

[5] São Josemaria, *Carta 13*, n. 106.

[6] Mons. F. Ocáriz, Carta pastoral, 9/01/2018, n. 6.

[7] Mons. F. Ocáriz, Carta pastoral, 9/01/2018, n. 7.

[8] São Josemaria, *Carta 2*, n. 45.

[9] São Josemaria, *Caminho*, n. 420.

[10] Mons. F. Ocáriz, Carta pastoral 9/01/2018, n. 4.

[11] Cfr. São Josemaria, *Carta 24*, n. 22.

[12] Cfr. Bento XVI, Enc. *Deus caritas est*, n. 1

[13] Mons. F. Ocáriz, Carta pastoral, 9/01/2018, n. 6.

[14] Bento XVI, Entrevista em Castelgandolfo, 5/08/2006.

[Voltar ao índice](#)

Para dar o melhor de si mesmo

Um poeta imaginava como as aves das áreas costeiras, sustentadas pela brisa, voam ébrias pelo gozo de contemplar sempre a espuma do mar e a beleza do céu. Se não temos a sorte de viver perto do oceano, podemos recordar a impressão que ele causa em nós toda vez que voltamos lá; não apenas pela amplitude do mar, por suas cores ou pelo ambiente que gera, mas também por seu som. Já existem, de fato, inúmeras gravações do som do mar que permitem, de qualquer canto do mundo, obter um pequeno acesso a esse conjunto de vozes – da água, das rochas, das aves, da areia – tão revigorantes para quem as escuta. São Josemaria imaginava as virtudes precisamente como cada um destes sons, de timbre e intensidade tão distintos, mas que em conjunto formam a música marítima: “Assim como o rumor do oceano se compõe do ruído de cada uma das ondas, assim a santidade do vosso apostolado se compõe das virtudes pessoais de cada um de vós”.

Ser perfeitos não é sermos iguais

São Jerônimo escreve que “Cristo não ordena coisas impossíveis, mas sim perfeitas”. Diante disto poderíamos objetar que vemos o perfeito muitas vezes como impossível. Quem se atreve a dizer a respeito de si mesmo que as suas ações são “perfeitas”? Os testemunhos dos santos, além disso, vão precisamente na direção contrária: eles têm, conforme se aproximam da luz de Deus, cada vez mais consciência de suas imperfeições. A nossa perplexidade aumenta se percebermos que o trecho do Evangelho ao qual São Jerônimo se refere é precisamente um mandamento de Jesus: “Sede pois perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito” (Mt 5, 48). Que mistério escondem estas palavras?

Um primeiro esclarecimento necessário talvez tenha a ver com a nossa compreensão do que significa “perfeito”, algo insuperável em sua espécie, algo que não pode ser melhorado. Aplicada à conduta de uma pessoa, tal ideia de “perfeição” pode estar tão longe da nossa experiência comum que podemos inclusive sentir certa repulsa. O sentido mais frequente com que esta palavra é utilizada na Bíblia tem, no entanto, a ver com algo completo, realizado, que dá tudo o que pode dar. Entende-se assim melhor que o convite de Cristo a “ser perfeitos” não é o ponto final de uma lista de critérios a serem cumpridos em todos os âmbitos da vida, e sim a coroação de um discurso no qual se fala de amar a todos, amigos e inimigos, como Deus os ama (cfr. Mt. 5, 43-48). “Ser santos não é fazer cada vez mais coisas ou cumprir certas atividades-padrão que nos tenhamos imposto como tarefa. O caminho para a santidade, como explica São Paulo, consiste em corresponder à ação do Espírito Santo, até que Cristo esteja formado em nós (cfr. Gl 4, 19)”.

Em continuidade com este sentido de “perfeição”, o Catecismo da Igreja fala das

virtudes humanas indicando em primeiro lugar como a virtude “permite à pessoa não só praticar atos bons, mas dar o melhor de si”. Assim como, para gerar o som do mar, unem-se todas as ondas, sempre distintas umas das outras, em uma vida santa soam em harmonia cada uma das virtudes: juntas, dão forma à melhor versão de cada um. E assim como não há no mundo duas pessoas iguais, não há dois modos iguais de conjugar as virtudes. Para fazer-nos santos, quer dizer, para levar-nos para ele, Deus conta com cada uma de nossas características, únicas, que ele conhece muito melhor que nós. Cabe a cada um penetrar “no mistério do projeto único e irrepitível que Deus tem para cada um e que se realiza em meio aos mais variados contextos e limites”; tornar realidade, com a graça de Deus e com a nossa liberdade, o filho amado, a filha amada com que o Senhor sonhou desde a eternidade. Por isso, desde o começo, São Josemaria dizia àqueles que se aproximavam do Opus Dei: “Deveis ser tão diferentes como diferentes são os santos do Céu, que têm cada um as suas notas pessoais e especialíssimas”.

A santidade é uma roupa sob medida

As diferentes virtudes não nos ajudam apenas a escolher o bem em vez do mal em uma ação concreta; isso é bastante, mas ainda pouco. Na verdade, esse domínio sobre nós mesmos, constituído pelas virtudes, a ordenação das nossas forças para o amor, leva-nos a escolher o melhor em vez do medíocre. Uma compreensão redutiva da virtude faz que, às vezes, a vejamos como um compromisso entre dois extremos negativos, como a metade geométrica entre dois polos que queremos evitar. Assim, em vez de olhar para cima, preocupamo-nos em não cair no barranco da direita ou da esquerda. E, no entanto, Deus deu a cada um o seu próprio cume, que corresponde à paisagem geológica do caminho que seguimos; e nessa paisagem temos que descobrir tanto os diferentes obstáculos ou perigos que nos espreitam quanto o terreno em que nossos pés se firmam melhor no solo.

Comentando a ética aristotélica, São Tomás indica que “o meio *para nós* é o que não excede nem falta com a devida proporção *para nós*. O meio, por isso, não é o mesmo para todos”. O santo dominicano explica-o com a imagem do calçado para o qual cada pessoa deve encontrar seu próprio número; o filósofo grego, por seu lado, serve-se da imagem da comida, no sentido de que não são igualmente sóbrios um atleta e alguém que mal realiza exercício físico. Como não existe um modo único de viver as virtudes, não parece um bom caminho tentar escrever receitas universais para que alguém se transforme numa pessoa ordenada, generosa ou humilde. Além disso, como Aristóteles também compreendeu, não se chega a ser virtuoso apenas por realizar externamente uma série de atos, mas por realizá-los com disposições interiores específicas: “Em primeiro lugar deve ter conhecimento do que faz; em segundo, deve escolher os atos, e escolhê-los por eles mesmos; e em terceiro, sua ação deve proceder de um caráter firme e imutável”. Por isso, se o ambiente em que se formam não estimula as pessoas a compreenderem o interesse em adquirir tal ou qual virtude, e a escolher livremente movidas pelo amor, os atos externos que supostamente seguem na direção dessa virtude, elas correm o risco de estar atuando em vão.

Uma mulher simples, deslumbrada pelo fato de que, para tornar-nos santos, o Senhor quer contar com as características pessoais de cada um, rezava assim:

“Faz-nos viver nossa vida, não como um jogo de xadrez em que tudo é calculado, não como uma partida na qual tudo é difícil, não como um teorema que nos quebra a cabeça, mas como uma festa sem fim em que se renova o encontro contigo, como um baile, como uma dança entre os braços de tua graça”.

Músculos que se flexionam em qualquer direção

Algo que indica uma boa forma física é que os músculos têm uma grande elasticidade. Com exercícios de alongamento e um bom cuidado das articulações, o corpo pode alcançar posições difíceis inclusive de imaginar. Manter esta flexibilidade muscular ajuda a evitar problemas causados por uma má postura contínua e reduz a probabilidade de lesões. Algo análogo acontece com as virtudes na vida espiritual, e por isso São Josemaria costumava dizer que “a santidade tem a flexibilidade dos músculos soltos”. Nesse sentido, explica, assim como às vezes o amor de Deus nos levará a esforçar-nos por fazer algo que nos custa, outras vezes nos levará a optar por algo mais cômodo e a agradecer-lhe.

Não é casualidade que a palavra “virtude” provenha do latim *virtus*, que significa capacidade ou força, precisamente como os músculos. As virtudes, na medida em que passaram a formar parte de nós, não nos permitem apenas realizar os atos bons com gosto e facilidade, como nos tornam flexíveis para adotar a direção que cada circunstância pode requerer. É verdade que as virtudes levam a fazer as coisas de modo ordenado; mais profundamente, porém, levam-nos a ser nós mesmos ordenados, embora alguma vez isso possa não parecer externamente, ou não seja oportuno fazê-lo de uma determinada forma.

Conta-se que São Carlos Borromeu, quando era um jovem bispo, tinha fama de ser muito austero, comia e bebia apenas pão e água, nas quantidades indispensáveis; no entanto, se isso facilitasse o relacionamento com algumas pessoas, não via problema em tomar vinho sempre que fosse necessário. “Se nós, os cristãos atuássemos de outro modo – explicava o fundador do Opus Dei – correríamos o risco de tornar-nos rígidos, sem vida, como uma boneca de trapos”. Uma das coisas que, precisamente, chama a atenção sobre as bonecas de pano é que não podem deixar de sorrir. Todos gostamos de estar rodeados de pessoas alegres, mas alegres livremente, no momento adequado e na medida adequada, e não por terem chegado a adotar mecanicamente um determinado comportamento.

São Francisco de Sales, bem no começo de sua correspondência com aquela que seria um dia santa Joana de Chantal, advertia-a sobre a possível falta de liberdade de filha de Deus que poderia experimentar inclusive através de seus anseios de vida cristã. “Interrompa a meditação de uma alma que se apegou a esse exercício e verá que ela o faz com pena, ansiosa e amedrontada. Uma alma que tem verdadeira liberdade terá nesta situação equanimidade no rosto e bondade no coração face ao inoportuno que a incomodou, porque tudo é a mesma coisa, servir a Deus meditando ou servi-lo suportando o próximo; ambas as coisas correspondem à vontade de Deus, suportar, porém, o próximo é necessário naquele momento”.

“Sejam corajosos!”, animava o Papa Francisco um grupo de jovens poloneses. “O

mundo precisa da sua liberdade de espírito, do seu olhar confiante sobre o futuro, da sua sede de verdade, de bondade e de beleza”. A força e a flexibilidade que as virtudes nos dão são como o clamor do oceano que insiste em mostrar-nos sua novidade e beleza; manifestam, além disso, a nossa docilidade ao Espírito Santo para que Cristo se forme em nossa alma de um modo único na história. Não é estranho que o Catecismo fale das virtudes precisamente no capítulo sobre “a vocação do homem”, pois somos chamados a viver essa vida divina, confiantes de que Deus sustenta nossa luta. Com o olhar voltado para o horizonte, como aquelas aves costeiras.

Gaspar Brahm

[1] São Josemaria, *Caminho*, n. 960.

[2] São Jerônimo, citado na *Catena Aurea*, comentários a Mt 5, 43-48.

[3] Mons. Fernando Ocáriz, Carta pastoral 28-X-2020, n. 6.

[4] Catecismo da Igreja Católica, n. 1803.

[5] Francisco, *Gaudete et exultate*, n. 170.

[6] São Josemaria, *Caminho*, n. 947.

[7] Santo Tomás de Aquino, *Comentário a Ética a Nicômaco*, Livro II, capítulo VI.

[8] Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, 1105a-1105b.

[9] Serva de Deus Madeleine Delbrêl, “O baile da obediência”.

[10] São Josemaria, *Forja*, n. 156. Citado por mons. Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 28-X-2020, n. 6.

[11] Cfr. carta de São Francisco de Sales a baronesa de Chantal, 14-X-1604.

[12] *Forja*, n. 156.

[13] São Francisco de Sales, carta a baronesa de Chantal, 14-X-1604.

[14] Francisco, *Mensagem*, 15-VIII-2018.

[15] Catecismo da Igreja Católica, Terceira parte, Primeira seção.

[Voltar ao índice](#)

É justo e necessário. Justiça (1)

Jesus fala para todos. Os pescadores escutam com gosto falar de uma rede de arrastão (Mt 13, 47-52), os agricultores distraem-se discernindo quais são os critérios para que uma semente dê um fruto duradouro (Mt 13, 2-9) e qualquer dona de casa identifica-se com a história da mulher que perde uma moeda em casa, porque sabe bem o que é isso (Lc 15, 8-10). Cristo sabe iluminar as verdades mais transcendentais com as imagens mais cotidianas. No entanto, algumas parábolas podem deixar-nos perplexos; embora sejam formuladas em linguagem simples, situam-nos diante de paradoxos que nos obrigam a refletir. Às vezes Jesus parece querer dizer-nos: “Meus pensamentos não são os vossos pensamentos” (Is 55, 8).

Uma das histórias do mestre que talvez desperte mais perplexidade é a do dono de uma propriedade que sai cedo para contratar operários para trabalhar em sua vinha (Mt 20, 1-16). A narração começa como se poderia esperar: o dono combina com os operários o salário para o dia e os envia a trabalhar. A princípio parece que estamos simplesmente diante de uma consideração sobre o aproveitamento do tempo e o rendimento em frutos. A parábola continua, no entanto, e o proprietário decide contratar novos operários mais tarde, motivo pelo qual trabalharão menos horas. A esses, em vez de garantir-lhes um salário determinado, promete que pagará “o que for justo” (Mt 20, 4).

“O que for justo”. Esta expressão gera necessariamente expectativa nos ouvintes e nos leitores. Supõe-se que os que começaram a trabalhar mais tarde receberão menos do que quem se esforçou desde o amanhecer. Por isso, quando os da última hora recebem o pagamento de um denário, pensa-se que os que começaram mais cedo receberão uma recompensa maior pelo seu trabalho. O proprietário, no entanto, desconcerta a todos: em primeiro lugar desconcerta os que trabalharam poucas horas, porque recebem o mesmo valor que os outros operários: desconcerta igualmente os da primeira hora, porque esperariam um adicional análogo sobre o salário combinado. Os que mais se surpreendem, contudo, somos nós mesmos, diante de uma concepção tão pouco convencional da justiça. “Por acaso não tenho o direito de fazer o que quero com aquilo que me pertence?”, pergunta o dono da vinha (Mt 20, 15). Nós também talvez não saibamos como interpretar estas palavras.

É justo e necessário

Não interessa a Jesus falar de questões econômicas ou políticas: não pretende, por exemplo, com esta parábola, discernir as características de um conceito tão complexo como o salário justo. O Senhor quer sobretudo levar nosso olhar para a atitude misericordiosa de Deus, que acolhe a todos, mesmo se o procuram na última

hora, como o bom ladrão (cfr. Lc 23, 43). Além deste sentido fundamental, no entanto, a parábola do Mestre proporciona um marco narrativo, para nos fazer refletir sobre os diferentes âmbitos da virtude da justiça na nossa vida.

Se, como diz a definição clássica, a justiça consiste em dar a cada um o que é seu, o que lhe cabe, estamos diante de uma disposição interior que ressalta a nossa dimensão relacional. Convém então perguntar-se, em primeiro lugar, o que devemos a Deus ou como será uma relação justa com quem é a Fonte de todos os bens, começando pelo da nossa própria existência.

A oração eucarística da Santa Missa proporciona um bom ponto de partida. A tradução literal do breve diálogo entre sacerdote e fiéis com que sempre começa o prefácio diz assim: “Demos graças ao Senhor, nosso Deus. É justo e necessário”^[1]. Para começar, a gratidão e a justiça parecem contrapor-se: um presente caracteriza-se precisamente por ser um dom imerecido. O agradecimento constitui o reconhecimento de que uma pessoa foi além do estritamente devido. Diante de Deus, no entanto, as coordenadas mudam radicalmente, porque ele é a origem de tudo o que somos e possuímos. Como diz São Paulo: “Que é que possuis que não tenhas recebido?” (1 Cor 4, 7). Nossa vida, como tal, é puro dom imerecido; daí que, com relação a Deus, o agradecimento seja um dever profundo. Nunca poderemos devolver-lhe o que faz por nós, e nisso não há nada de injusto. Há algo que é devido, profundamente justo: agradecer-lhe por tudo.

Descobrir que a nossa relação com Deus está condicionada pela sua doação gratuita e terna leva-nos a desfrutar da vida como filhos e nos libera de uma visão da fé exageradamente centrada na *letra* dos mandamentos. Em vez de afligir-nos pelo que pode parecer uma lista infinita de propósitos ou preceitos através dos quais, de alguma forma, *pagaríamos* o preço da nossa redenção, podemos visualizar nossa correspondência ao amor de Deus como uma disposição de presentear-lhe todos os instantes da nossa vida, com a convicção de que nunca conseguiremos agradecer suficientemente por tudo o que nos dá. Assim, por exemplo, a fidelidade a um plano de vida espiritual pode ser sentida, mais do que como um peso de consciência diante de compromissos assumidos, como a manifestação mais direta da nossa gratidão ao amor que Deus concede abundantemente a cada um de nós. “Vós, se de verdade vos esforçais por ser justos, tereis de considerar frequentemente a vossa dependência de Deus – *porque que tens tu que não hajas recebido?* – para vos encherdes de agradecimento e de desejos de corresponder a um Pai que nos ama até a loucura”^[2].

A sua justiça é maior que a nossa

Por outro lado, uma atitude de profundo agradecimento a Deus liberta-nos de um desejo excessivo de julgar seu modo de atuar. Às vezes, diante de acontecimentos pessoais ou sociais, quando de repente estamos em uma situação inesperada, pode ser que nos interroguemos: “Como pode Deus permitir isso?”. Talvez pensemos que outras pessoas são mais abençoadas que nós ou que Deus parece não ouvir o que lhe pedimos e concluímos: “É injusto”. Então nos comportamos como aqueles operários que trabalharam o dia inteiro e não entenderam a generosidade *exagerada* do proprietário com os operários que tinha contratado no final da tarde. Em vez de se alegrarem porque aqueles operários iam ter

dinheiro para poder comer, ficaram decepcionados por causa da sua expectativa de receber mais.

Além disso, não faz sentido lançar a culpa dos males ao Senhor. Muitos deles são resultado da liberdade humana, das ações e omissões próprias e alheias. E também é preciso convencer-se na oração de que Deus é o Senhor da nossa vida e da história; e ainda de que, embora na verdade não nos deva nada, já que ele é Amor, está sempre procurando o melhor para cada um, transformando às vezes o mal em bem de modo surpreendente. São João Paulo II dizia que de certo modo a justiça “é maior do que o homem, que as dimensões da sua vida terrena, que as possibilidades de estabelecer nesta vida relações plenamente justas entre os homens”^[3].

A oração de quem sabe que é filho de Deus é marcada pela confiança em quem nos ama infinitamente e quer sempre o melhor para nós. Jesus reza assim no horto das oliveiras: “afasta de mim este cálice! Não se faça, todavia, a minha vontade, mas sim a tua” (Lc 22, 42). Diante de situações que não entendemos e que talvez causem sofrimento, ao mesmo tempo que procuramos soluções, podemos dizer ao Senhor: “que se faça a sua justiça e não a minha. Sei que estou em boas mãos e que no final tudo será para bem”

A justiça é um desejo e um mistério. Um desejo profundamente enraizado em nós, porém, também um mistério, no sentido de que corresponde unicamente a Deus a última palavra sobre o que é justo e sobre os modos concretos de restabelecer a justiça. Por isso, também não seria uma atitude cristã desejar o castigo para nossos inimigos, como se dependesse de nós determiná-la, ou nos referirmos muito rapidamente à justiça divina para admoestar as pessoas que têm um comportamento imoral ou baseiam suas vidas em valores muito diferentes dos nossos.

É evidente que a fé na justiça divina deveria consolar-nos quando sofremos uma injustiça ou quando uma transformação negativa do mundo nos causa tristeza. “Existe uma justiça. Existe a ‘revogação’ do sofrimento passado, a reparação que restabelece o direito”^[4]. Como o proprietário da parábola, Deus cumpre a sua palavra e recompensa quem trabalhou bem. Mas a revelação que Deus fez de si mesmo leva-nos a confiar, ao mesmo tempo, em que a sua misericórdia o leva a dar sempre novas oportunidades de conversão a quem faz o mal. “Não é simplesmente uma justiça estrita, baseada em cálculos teóricos, a que levou o Filho de Deus a pedir perdão ao seu Pai em nosso nome, mas um amor gratuito, que só tem em conta aquilo que pode fazer pelos outros”^[5]. Daí que o dono da vinha não fique de braços cruzados depois de ter contratado os operários madrugadores, mas queira, inclusive na hora undécima, dar trabalho a aqueles que estão a ponto de perder o dia. Em resumo, como escreve São Josemaria, “Deus não se deixa ganhar em generosidade”^[6].

Os outros são livres

Quando se reflete sobre a justiça como virtude que deveria modelar as nossas relações com os outros, afirma-se muitas vezes que se trata apenas de um requisito mínimo para a convivência: respeitar o outro em sua alteridade^[7]. A

justiça poderia então ser interpretada como uma atitude fria, que ressalta mais as diferenças entre as pessoas do que o que elas têm em comum. Enquanto a caridade busca a unidade, a justiça ressaltaria a separação. Se observarmos com atenção, no entanto, a relação entre caridade e justiça é mais sutil.

O fato de que se dê a cada um o que lhe corresponde, como exige a justiça, tem uma relação intrínseca com a devida distribuição dos bens, com o devido cumprimento dos contratos e da palavra e com o respeito que devemos a cada pessoa. Poderíamos dizer, pois, que a justiça nos ajuda a desenvolver uma vida social pacífica, com regras do jogo claras e sem incomodarmos uns aos outros.

Esta consideração é suficiente para perceber que não é pouco nem sequer tão trivial reconhecer a alteridade dos outros e o direito que têm de ser como querem. Isso é o que São Josemaria nos faz considerar: “Temos obrigação de defender a liberdade pessoal de todos, sabendo que *foi Jesus Cristo quem nos adquiriu essa liberdade*; se não agimos assim, com que direito podemos reclamar a nossa?”^[8]. É isso precisamente o que o dono da vinha reprova nos operários que começaram cedo, que se sentem defraudados: “Amigo, eu não fui injusto contigo. Não combinamos uma moeda de prata? Toma o que é teu e volta para casa! Eu quero dar a este que foi contratado por último o mesmo que dei a ti. Por acaso não tenho o direito de fazer o que quero com aquilo que me pertence? Ou estás com inveja, porque estou sendo bom?” (Mt 20, 13-15).

Podemos sentir, às vezes, a tentação de desqualificar imediatamente as opiniões de uma pessoa que tem um modo diferente de compreender o mundo ou age de acordo com outros valores. Acentuamos assim excessivamente a dimensão unitiva da caridade, considerando que qualquer diferença deveria ser superada para dar lugar ao verdadeiro amor, e confundimos a justiça com a mera igualdade. No entanto, “a justiça é o primeiro caminho da caridade (...) parte integrante daquele amor”^[9]. Esta virtude nos recorda, em primeiro lugar, que todos temos direito a ser como quisermos, a manifestar exteriormente essa forma de ser e a usufruir dos nossos bens. Como escreve o Papa Francisco, “nenhum indivíduo ou grupo humano pode se considerar onipotente, autorizado pisar a dignidade e os direitos dos outros indivíduos ou dos grupos sociais”^[10].

São Josemaria falava com frequência do numerador diversíssimo de que gozavam as pessoas que o seguiam: os diferentes modos de ser, as livres opiniões e opções pessoais de cada uma, em matérias políticas, culturais, científicas, artísticas, profissionais, etc. Distinguía isso de um denominador comum, muito pequeno em comparação, que eram as questões fundamentais da fé e do carisma que compartilhavam. Faz-nos muito bem valorizar, respeitar e amar as diferenças legítimas com relação às pessoas que convivem conosco; “Quem ama a liberdade consegue ver o que há de positivo e amável naquilo que os outros pensam e fazem dentro desses amplos âmbitos”^[11].

Pensar de outro modo implicaria cair na tentação sutil de querer ajudar os outros com os nossos parâmetros, sem discernir sobre o que precisam de verdade e, sobretudo, sobre o que lhes devemos. Seria injusto, por exemplo, pagar a um funcionário um salário menor do que corresponde ao trabalho que ele realizou,

por pensar simplesmente que é melhor dar-lhe um prêmio que compense a diferença. Nesse sentido, o dono da vinha não peca contra a justiça ao pagar o mesmo a todos; pode-se talvez pensar que ele possui um critério peculiar da retribuição, mas em momento algum falta à sua palavra: os que combinaram um denário, receberam exatamente o estipulado; e os outros receberam o que pareceu justo ao patrão. Assim é Deus: cumpridor justo das suas promessas, mas igualmente Pai amoroso para quem “basta um sorriso, uma palavra, um gesto, um pouco de amor para derramar copiosamente a sua graça sobre a alma do amigo”^[12].

Gaspar Brahm

^[15] Cfr. *Missal Romano*, Oração Eucarística.

^[16] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 167.

^[17] São João Paulo II, Audiência, 8/11/1978.

^[18] Bento XVI, *Spe Salvi*, n. 43.

^[19] F. Ocáriz, Carta pastoral, 16/02/2023, n. 8.

^[20] São Josemaria, *Forja*, n. 623.

^[21] A respeito da alteridade como dimensão fundamental da justiça cfr. J. Pieper, *As Virtudes fundamentais*.

^[22] *Amigos de Deus*, n. 171.

^[23] Bento XVI, *Caritas in veritate*, n. 6.

^[24] Francisco, *Fratelli tutti*, n. 171.

^[25] F. Ocáriz, Carta pastoral, 9/01/2018, n. 13.

^[26] São Josemaria, *Via Sacra*, 5ª estação.

[Voltar ao índice](#)

O reino de Deus e sua justiça. Justiça (2)

A tarde avança na praça do povoado, e o dono da vinha encontra ainda outros operários sem trabalho. “Ninguém nos contratou”, respondem. O patrão os envia a trabalhar em sua vinha, embora já falte pouco para escurecer (Mt 20, 7). A convicção de que a justiça social depende das suas próprias decisões leva o proprietário da vinha a contratar aqueles pobres homens. Por culpa dele ou não, eles tinham perdido o dia, e talvez não tivessem nem as coisas mais indispensáveis para sobreviver. Sofreriam, principalmente, por não se sentirem úteis, o que implica uma angústia existencial profunda. O dono da vinha, portanto, não se limita a dar-lhes dinheiro, mas os ajuda a dar sentido às suas vidas. Jesus não propõe uma solução política, quer, porém, sublinhar que a “fome e sede de justiça” (Mt 5, 6) deve levar-nos a procurar soluções criativas para os problemas sociais, e que nos concentrarmos exclusivamente em questões pessoais nunca será uma atitude cristã.

Calor da caridade, solidez da justiça

A mesma justiça que nos leva a reconhecer os outros como diferentes e, portanto, a respeitar tudo o que lhes pertence (a sua vida, a boa fama, as suas propriedades) requer refletir sobre os elementos mínimos necessários para uma vida humana digna, e atuar em consequência. Se Deus nos deu todos os bens da terra para que os homens e as mulheres possam desfrutar da vida em comunidade, não podemos ficar indiferentes perante o fato de que enquanto alguns gozam de uma vida confortável outros morram de fome ou não possam ter o benefício, por exemplo, de uma educação que lhes abriria as portas a novas possibilidades.

“O mundo existe para todos, porque todos nós, seres humanos, nascemos nesta terra com a mesma dignidade. (...) Como comunidade, temos o dever de garantir que cada pessoa viva com dignidade e disponha de adequadas oportunidades para o seu desenvolvimento integral”^[1]. Os desafios ecológicos, por exemplo, não podem separar-se de uma reflexão sobre a justiça. Qualquer que seja a opinião legítima sobre os diferentes problemas e possíveis soluções, um cristão deverá sentir-se sempre responsável pelo tipo de mundo que queremos deixar para as próximas gerações.

O calor da nossa caridade e a solidez da nossa justiça oferecem os critérios e a força necessária para viver as nossas relações com os outros da melhor forma possível. Os vínculos da caridade condicionam, logicamente, os nossos deveres de justiça e estas duas virtudes determinam muitas decisões que tomamos diariamente: cuidar da minha família tem prioridade sobre outras possíveis iniciativas sociais.

A “ordem da caridade”^[2] na qual São Josemaria insistia é também uma ordem da

justiça: não seria justo com minha mãe doente se não encontrasse tempo para visitá-la por estar ocupado com projetos solidários muito valiosos, mas que me impedem de viver meus deveres de filha ou de filho. Se a generosidade excessiva do proprietário da vinha, preocupado por oferecer um trabalho digno a muitos, o levasse a pôr em risco a situação econômica familiar, não seria totalmente justo para com os seus.

Mas os vínculos de justiça também nos ajudam a melhorar a nossa caridade. O amor para com a própria família e conhecidos às vezes poderia ser desordenado e levar-nos a buscar refúgio em nossa vida privada, sem querer perceber as necessidades de tantos homens e mulheres ao nosso redor; também poderia levar-nos a procurar sempre vantagem para os nossos próximos, inclusive prejudicando a terceiros. É por isso que nos faz bem observar a atitude do dono da vinha: embora tivesse uma situação confortável e aprazível, sendo provavelmente muito rico, decide complicar a sua vida; percorre várias vezes as ruas e oferece a muitos operários a oportunidade de ganhar dinheiro com o seu trabalho. Essa é a fome de justiça daqueles que seguem a Jesus, que os leva a abandonar a própria comodidade.

Caridade e justiça, enfim, devem entrelaçar-se em uma visão da realidade regida por uma consciência viva de tudo o que em nossa pessoa e em nossa vida é relacionamento. “A justiça que pode ser fundamento estável da paz é a justiça dos filhos de Deus, a justiça vivificada pela caridade que vê irmãos nos outros, filhos do mesmo Pai celestial”^[3]. Nossa santidade consiste, em boa medida em descobrir que o outro faz parte de nossa vida.

Relações e deveres

Na Sagrada Escritura, a palavra “justiça” tem um significado muito mais rico do que a sua acepção atual. “A justiça não é uma abstração nem uma utopia. Na Bíblia, é o cumprimento honesto e fiel de todo dever para com Deus, é fazer sua vontade”^[4]. Quando se afirma, por exemplo, que São José era justo, se dá a entender que era santo, ou seja, que em cada situação ele fazia a coisa certa. “O justo viverá da fé” (Rm 1, 7), escreve São Paulo. Uma dimensão muito importante de todas as decisões do Santo Patriarca era a de sopesar os seus deveres para com o Senhor e as outras pessoas, especialmente para com Maria, para ordenar as prioridades da sua vida e do seu coração. A pessoa justa não é tanto aquela que pensa ser a medida de todas as coisas, mas quem se deixa medir e organiza sua vida de acordo com as suas relações com os outros. “Meu justo viverá pela fé” (Hb 10,38).

Ao ler as obras de São Josemaria pode surpreender-nos que, junto a passagens nas quais descreve o amor e a entrega como traços distintivos da vida cristã, em muitas outras afirme que a santidade consiste simplesmente em cumprir o dever de cada instante. “A nossa vida - a dos cristãos - deve ser tão vulgar como isto: procurar fazer bem, todos os dias, as mesmas coisas que temos obrigação de viver; realizar no mundo a nossa missão divina, cumprindo o pequeno dever de cada instante”^[5]. O fato de o conceito de “dever” ocupar uma posição tão destacada em seus escritos pode despertar certo desconcerto no leitor ou cristão

contemporâneo. Com efeito, converter o ideal cristão no cumprimento minucioso de uma série de mandamentos, não é apenas pouco atraente, mas também pode acabar nos deixando aflitos e tristes. Se o cristianismo é a religião do amor e, portanto, da liberdade, por que a ênfase de São Josemaria em uma palavra aparentemente tão sóbria e fria como “dever”? De fato, apesar da estranheza que causa o modo de comportar-se do dono da vinha, o que desperta a nossa admiração por ele é precisamente essa generosidade que vai além de um simples sentido do dever.

Entretanto, não compreenderíamos a profundidade do pensamento de São Josemaria se pensássemos que a sua mensagem é apenas chamado frio e seco para cumprir os deveres de nossa vida cotidiana. Não é o cumprimento em si que nos aproxima de Deus, mas o amor que nos leva a realizar cada tarefa de nosso dia com a maior perfeição possível. “A devoção sincera, o verdadeiro amor a Deus, leva ao trabalho, ao cumprimento - ainda que custe - do dever de cada dia”^[6]. Mas para que a caridade, destinada a ser o motor e o fim de todos os nossos atos, não perca a tensão necessária para o que é importante em cada momento, precisamos da virtude da justiça, que traça para nós uma espécie de mapa com as metas importantes para de dia. Sua definição parte deste princípio: todo dever se fundamenta em uma relação. As relações mais importantes de nossa vida definem os deveres mais importantes.

O dever de cada instante

Muitos deveres de justiça são fruto e manifestação do amor, que demonstramos ao vivê-los com delicadeza. Cuidar dos próprios filhos e dedicar-lhes tempo é um dever de justiça, que surge logicamente do amor. Muitas vezes o seu cumprimento nos dará uma enorme alegria, e nem sequer teremos que planejar isso; às vezes, porém, poderá ser sentido como um dever mais árduo por colidir com outras possíveis atividades ou por estarmos especialmente cansados. Render no trabalho é também um dever, não só para com nosso chefe, mas também para com nossa família e para com a sociedade. Se recebemos um determinado salário por um tempo, com vistas a resultados determinados, é uma questão de justiça esforçar-nos por consegui-los. E, em sum, um cristão que tenta transformar todos os seus afazeres em oração e em ocasião de amar a Deus e aos outros, descobre possibilidades de servir em todas as circunstâncias do seu trabalho.

Por outro lado, algumas vezes poderia parecer, que exigir para si o respeito de certos direitos pode ser contrário à caridade. São Josemaria, no entanto, sempre ensinou que uma manifestação da mentalidade laical – isto é, do sentido de pertença ao mundo – consiste em exigir, com caridade e respeito, o que é nosso por direito. Lutar, por exemplo, por um merecido aumento de salário ou pelo respeito a uma palavra empenhada não significa não saber perdoar ou não se contentar com o que se tem, mas consolidar a prática da justiça em nosso ambiente e na sociedade, para benefício de todos. “Se somos justos, ater-nos-emos aos nossos compromissos profissionais, familiares, sociais..., sem espaventos nem pregões, trabalhando com empenho e exercendo os nossos direitos, que são também deveres”^[7]

Assim, as relações de justiça se transformam em um caminho bem concreto de fazer em cada instante o que é correto, ou seja, o justo. Perguntar-nos todos os dias na oração sobre os nossos deveres ajuda-nos a concentrar o nosso amor nos vínculos concretos que compõem a nossa vida. Os operários da parábola, independentemente da hora em foram contratados e do acordo estabelecido com o dono da vinha, também se esforçaram para cumprir o seu dever e obter a recompensa prometida.

“Quando chegou a tarde, o patrão disse ao administrador: Chama os trabalhadores e paga-lhes uma diária a todos, começando pelos últimos até os primeiros” (Mt 20,8). Deus está decidido a salvar todos os homens, e deseja também que todos nós desfrutemos de uma vida terrena o mais digna possível. Isto nos leva a cuidar com especial esmero cada um dos nossos deveres, para fazer deste mundo um lugar mais humano e mais divino. Ao mesmo tempo sabemos que a justiça plena só será atingida no final dos tempos e que está nas mãos de Deus. “Só Deus pode criar justiça. E a fé nos dá esta certeza: Ele o faz”^[8]. Sim, “os últimos serão os primeiros” (Mt 20,16). Aqueles que se preocupam com “o Reino de Deus e a sua justiça” (Mt 6, 33) podem se alegrar *justiça* de Deus: “Por ele tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo e estar com ele. Não com minha justiça, que vem da lei, mas com a justiça que se obtém pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus pela fé” (Fl 3, 8-9).

[16] Francisco, *Fratelli tutti*, n. 118.

[17] Cfr. São Josemaria, *Cartas* 4, n. 14; 6; n.7 (neste caso, coloca-se Cartas no plural porque são citadas duas)

[18] F. Ocáriz, “A herança espiritual de Mons. Álvaro del Portillo”, março 2014, opusdei.org/es.

[19] Francisco, Discurso, 25/02/2023.

[20] São Josemaria, *Forja*, n. 616.

[21] São Josemaria, *Forja*, n. 733.

[22] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n.169.

[23] Bento XVI, *Spe salvi*, n. 44.

[Voltar ao índice](#)

www.opusdei.org